



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda

Professor orientador: Fabíola Calazans

Visibilidade e Vigilância nas Redes Sociais durante as Manifestações de 2013

Helena Cusinato Santos

Brasília – Distrito Federal, 27 de novembro de 2013



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda

Professor orientador: Fabíola Calazans

Visibilidade e Vigilância nas Redes Sociais durante as Manifestações de 2013

Helena Cusinato Santos

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Brasília – Distrito Federal, 27 de novembro de 2013



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília

Faculdade de Comunicação

Curso: Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda

Professor orientador: Fabíola Calazans

Orientadora:

Profa. Dra. Fabíola Orlando Calazans Machado
Universidade de Brasília

Membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Fernando Oliveira Paulino
Universidade de Brasília

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldes
Universidade de Brasília

Suplente: Prof. Dr. Tiago Quiroga
Universidade de Brasília

Brasília – Distrito Federal, 27 de novembro de 2013

Para minha família, por sempre me encorajar e me auxiliar, e por me dedicar as maiores demonstrações de amor, tolerância e confiança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os que fizeram parte desses anos de graduação na Universidade de Brasília e que me ajudaram a concluí-la com júbilo.

Agradeço aos professores da Faculdade de Comunicação, que contribuíram para a minha formação profissional e nunca hesitaram em me auxiliar nos momentos de maior ansiedade quanto aos estudos.

A minha orientadora, professora Fabíola Calazans, por ter me guiado com serenidade e paciência durante esta etapa final. Agradeço-lhe pelas diretrizes para melhor conclusão dessa pesquisa, e pela delicadeza e atenção que sempre me dedicou.

Aos meus colegas de graduação, que tornaram essa experiência inesquecível. Em especial, aos amigos da Doisnovemeia Publicidade, por compartilharem comigo aprendizados e realizações, e por me proporcionarem tantos momentos de alegria.

As minhas amigas de semestre, por me acompanharem por toda essa trajetória com companheirismo e amizade, tornando esses cinco anos ainda mais prazerosos.

As minhas amigas dos tempos de escola, pelo apoio sempre dedicado, pelas conversas generosas e pelos inúmeros momentos de diversão.

A meus irmãos queridos, por estarem comigo todos os dias, demonstrando carinho e ternura, me distraindo e me divertindo nos momentos mais difíceis.

A meus amados pais, por terem me conduzido a me tornar a pessoa que sou hoje, por sempre terem me estimulado a me dedicar à minha formação e por terem me ensinado a assumir minhas obrigações com responsabilidade. Agradeço pelo amor e pela confiança, e por serem meus exemplos de caráter e dedicação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Manchete G1 São Paulo – Manifestantes Depredam e Deixam Rastro de Destruição e vandalismo.....	17
Manchete do Correio Braziliense – Opinião de Alckmin (governador do Estado de São Paulo) sobre as manifestações.....	17
Depoimento de Giuliana Vallone no Facebook.....	19
Alckmin assume que deve apurar abusos da polícia.....	20
Manchete do G1 com imagem do olho machucado de Giuliana Vallone.....	21
Trecho de reportagem extraído da Folha de São Paulo.....	21
Trecho de outra reportagem extraído da Folha de São Paulo.....	22
Manchete do G1 São Paulo sobre violência policial.....	22
Notícia do G1 sobre confronto entre polícia e <i>black blocs</i> – 22 de julho de 2013.....	27
Exemplo de estímulo à depredação na página de Facebook Black Blocs Brasil.....	28
Evento White Monday – 17 de junho de 2013.....	39
Manifestação em apoio a São Paulo – 17 de junho de 2013.....	40
Fóruns nas Páginas dos Eventos.....	41
Evento Quinta-feira Será Maior – 20 de junho de 2013.....	42
Evento A Maior Manifestação do Brasil – 7 de setembro de 2013.....	42
Debates nas Páginas dos Eventos.....	43
Fórum em página de Evento do Facebook sobre <i>hashtags</i> de gritos de guerra.....	45
Foto do Congresso Nacional no protesto de 17 de junho de 2013.....	50
Manifestante A – 15 de junho de 2013.....	69
Comentários sobre a publicação do Manifestante A – 15 de junho de 2013.....	72
Manifestante B – 16 de junho de 2013.....	73
Comentários sobre a publicação da Manifestante B – 16 de junho de 2013.....	75
Manifestante C – 16 de junho de 2013.....	76

Comentário sobre a publicação da Manifestante C – 16 de junho de 2013.....	79
Manifestante D – 18 de junho de 2013.....	80
Manifestante E – 18 de junho de 2013.....	82
Comentários sobre a publicação da Manifestante E – 18 de junho de 2013.....	84
Manifestante F – 18 de junho de 2013.....	86
Comentários sobre a publicação do Manifestante F – 18 de junho de 2013.....	87
Manifestante G – 19 de junho de 2013.....	89
Comentários sobre a publicação do Manifestante G – 19 de junho de 2013.....	90
Manifestante H – 20 de junho de 2013.....	91
Comentários sobre a publicação do Manifestante H – 20 de junho de 2013.....	93
Manifestante I – 20 de junho de 2013.....	94
Comentários sobre a publicação do Manifestante I – 20 de junho de 2013.....	96
Manifestante J – 20 de junho de 2013.....	97
Comentários sobre a publicação do Manifestante J – 16 de junho de 2013.....	99
Manifestante K – 20 de junho de 2013.....	100
Comentários sobre a publicação do Manifestante K – 20 de junho de 2013.....	101
Manifestante L – 21 de junho de 2013.....	102
Comentários sobre a publicação da Manifestante L – 21 de junho de 2013.....	104
Manifestante M – 21 de junho de 2013.....	105
Comentários sobre a publicação da Manifestante M – 21 de junho de 2013.....	107
Manifestante N – 21 de junho de 2013.....	108
Comentários sobre a publicação do Manifestante N – 21 de junho de 2013.....	110
Manifestante O – 21 de junho de 2013.....	111
Comentários sobre a publicação do Manifestante O – 21 de junho de 2013.....	113

RESUMO

Nesta monografia, aborda-se o tema da visibilidade e da vigilância na internet durante as manifestações de 2013, no sentido de investigar como se configurou o estatuto da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais, durante os protestos no Brasil, em 2013. Para solucionar esse problema de pesquisa, o trabalho é dividido em três capítulos. Os dois primeiros representam o referencial teórico sobre o qual a análise é embasada. O primeiro expõe a contextualização acerca das marchas de 2013 e a apresentação da internet como ferramenta de mobilização social. O segundo disponibiliza estudos e referências sobre visibilidade e vigilância na internet para então aplicá-los ao contexto dos protestos. O terceiro e último capítulo apresenta uma análise das publicações de manifestantes nas redes sociais quanto ao seu conteúdo e discurso. Isso foi importante para descrever a busca por visibilidade dos jovens na forma como expunham suas opiniões e posições políticas. Analisou-se, também, as respostas de seus conhecidos em relação aos textos publicados, com objetivo de descrever e compreender a vigilância do olhar alheio sobre o que foi exposto. Por meio dessas três etapas, avaliou-se a forma como se configurou o estatuto da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes brasileiros de 2013 nas redes sociais, observando-se que eles utilizaram o Facebook para exercer seu ciberativismo e expor suas opiniões em busca de visibilidade, bem como construir suas subjetividades voltadas para o olhar alheio, que se fez sempre presente.

PALAVRAS-CHAVE:

Comunicação; Internet; Manifestações; Visibilidade; Vigilância; Análise do Discurso.

ABSTRACT

In this monograph, is studied the issue of visibility and vigilance on the internet during the protests of 2013, to investigate how was set the status of visibility and vigilance on the production of meaning of the protesters on social networks during the protests in Brazil, in 2013. To solve this research problem, the work is divided into three chapters. The first two represent the theoretical basis on which the analysis is grounded. The first one exposes the contextualization about the marches of 2013 and presents the internet as a tool for social mobilization. The second one provides studies and references on the internet visibility and vigilance and then applies them to the context of the protests. The third and final chapter presents an analysis of the publications of protesters on social networks, with studies about their content and speech. This was important to describe the search for visibility of young people in the way they exposed their opinions and political positions. We also analyzed the responses of their acquaintances in relation to the published texts, in order to describe and understand the vigilance of other people's eyes about what was exposed. Through these three steps, it was evaluated how was set the status of visibility and vigilance on the production of meaning of the Brazilian 2013 protesters on social networks. It was noticed that Facebook was used to practice cyberactivism and to expose opinions in search for visibility, as well as to build a subjectivity destined to the other people's eyes, which were always present.

KEY WORDS:

Communication; Internet; Protests; Visibility; Vigilance; Speech Analysis.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	10
2. O Fenômeno das Manifestações.....	15
2.1 Manifestações 2013: Contextualização.....	15
2.2 O Ciberativismo e os Manifestantes Virtuais.....	29
2.3 A internet como espaço de organização das manifestações.....	36
3. Visibilidade e Vigilância na Internet.....	47
3.1 O Espaço Virtual como Ambiente de Exposição.....	47
3.2 A vigilância e o olhar do outro na internet.....	56
4. Como se Apresenta a Visibilidade e Vigilância para os Manifestantes nas Redes Sociais.....	65
4.1 <i>Corpus</i> e metodologia: análise de conteúdo e do discurso.....	65
4.2 Publicações que apresentam indignação e referência à violência policial	69
4.3 Publicações que apresentam crítica à atuação dos manifestantes nas marchas.....	75
4.4 Publicações que apresentam alerta quanto às características dos protestos e proposta de pauta única.....	88
4.5 Publicações que apresentam referência à Copa das Confederações.....	97
4.6 Publicações que apresentam comentários sobre a atuação dos manifestantes no Facebook.....	102
4.7 Publicações que apresentam referência à Cura <i>Gay</i>	108
5. Considerações Finais.....	114
6. Referências.....	118
7. Bibliografia Consultada.....	121

1. INTRODUÇÃO

A importância da internet na vida da sociedade contemporânea é evidente. Criada, inicialmente, como um utensílio militar, sob o nome de Arpanet¹, a rede, desde o final da década de 1960, vem assumindo um espaço cada vez maior, como mecanismo de busca e concentração de informações, instrumento de trabalho, ambiente de armazenamento de arquivos e, principalmente, como dispositivo de potencialização das relações sociais.

Com a expansão da função social da rede, a sociedade contemporânea passa a vivenciar um momento no qual as relações sociais são construídas não mais apenas de maneira real e tangível (*off-line*), mas também de forma virtual (*on-line*). Mediadas pelos computadores e pela sustentação tecnológica, as ligações sociais virtuais têm recebido crescente atenção.

A oportunidade de se interagir virtualmente com amigos, conhecidos ou até mesmo desconhecidos possibilita a quebra de barreiras geográficas e o imediatismo na comunicação. Atualmente, é viável relatar um fato a uma pessoa que se encontra em outro continente e ela receber a informação quase no exato momento em que foi enviada. É possível, ainda, que se envie a mesma notícia a não só um indivíduo, mas a uma rede de contatos, de uma só vez.

A *web* possibilita, assim, que os usuários incluídos digital e economicamente possam divulgar uma notícia, facilitando uma comunicação mais horizontal e mudando o cenário das mídias tradicionais, nas quais um pequeno grupo tinha o poder de emissão e produção de conteúdo. Hoje, a internet se configura como um espaço no qual um número maior de pessoas passa a ter voz e a ser ouvida. O advento de portais como *blogs*² e redes sociais² aparece como um estímulo para que usuários, que antes se consideravam ou eram considerados espectadores, se sintam capacitados a produzirem conteúdo sobre assuntos de seu interesse, questões consideradas incômodas ou, até mesmo, sobre sua própria vida íntima. Nesse contexto, eclode um fenômeno de compartilhamento de informações cotidianas e divulgação

¹ A Arpanet foi a primeira expressão da internet, construída como um artifício militar de monitoramento e controle. A rede ligou, em 1969, quatro *campi* universitários para facilitar a

² Raquel Recuero, em seu livro “Redes Sociais na Internet”, define redes sociais como uma associação dos elementos chamados “atores” e suas “conexões”. Os primeiros são as pessoas ou instituições que se inserem na rede e as segundas são aqueles com os quais se interage. Recuero (2011, p. 24) explica que: “A abordagem de rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões.” Dessa forma, entende-se como rede social da *web*, para este trabalho, um espaço de interação onde a comunicação acontece de diversas maneiras, de um para um, de um para todos e de todos para todos, e que deve ser avaliada como conjunto interdependente.

da intimidade em busca de visibilidade³, assim como cresce a vigilância⁴ do olhar alheio sobre as informações publicadas acerca da vida de outras pessoas, antes consideradas privadas.

De fato, a internet facilitou o agrupamento de pessoas e possibilitou que indivíduos distantes geograficamente pudessem trocar informações e ter acesso às mesmas notícias. Permitiu, assim, a organização de ações grupais pela rede, com alcance a um alto número de pessoas. Observando-se essa vantagem foi, então, atribuída à *web* uma outra finalidade: a de meio de expressão de sentimentos de uma certa inquietude social, como um espaço para organização de manifestações⁵ e protestos.

A apropriação da internet por movimentos de inquietação está fortemente ligada ao caráter da rede de potencializar a sociabilidade. Com o desenvolvimento das redes sociais, que abrangem cada vez mais possibilidades de formas de comunicação, essa característica tem se tornado ainda mais forte e notória. O Facebook, por exemplo, facilita a rápida e abrangente dispersão de ideias e possibilita que usuários atuem de forma conjunta para organizar ações. O caso das manifestações de junho de 2013 no Brasil é uma prova de como a internet tem se tornado um dos principais espaços de coordenação de protestos e marchas sociais.

Dessa forma, a rede não só assume uma significativa função social, por meio da qual relaciona-se com os demais e compartilha-se aspectos da própria vida, como, também, se torna um importante espaço de discussões e expressões políticas, onde se exerce a cidadania e o ativismo virtualmente. Como bem explica Douglas Kellner (2001, p. 9), na introdução de seu livro “A cultura da mídia – Estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno”:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer,

³Entende-se como visibilidade, a partir dos estudos de Paula Sibília, em seu livro “O Show do Eu” (2008), a condição de se estar visível ao olhar alheio e a sua observação, característica que se opõe, nos estudos aqui priorizados, à ideia de privacidade.

⁴Segundo os estudos apresentados por Sibília (2008), o termo “vigilância” refere-se ao controle e observação constante do olhar da alteridade sobre aquilo que se expõe sobre si mesmo. Os conceitos de visibilidade e vigilância são abordados com profundidade no segundo capítulo deste estudo.

⁵Manifestação foi um dos termos mais utilizados pelos veículos midiáticos para definir os movimentos sociais ocorridos no Brasil em 2013. Esses atos públicos representam expressões de contrapoder, ou seja, reações às principais formas de poder, no caso, políticas e aspectos de sua atuação. A seguinte afirmação de Manuel Castells (2013, p. 7) auxilia na compreensão do conceito de manifestação adotado para este trabalho: “os indivíduos realmente se uniram pra encontrar novas formas de sermos nós, o povo.” Dessa forma, entende-se por manifestação, neste estudo, formas de mobilização social que, segundo estudos de Castells (2013) e Fábio Malini e Henrique Antoun (2013), podem acontecer por meio de atos públicos físicos ou por meio de expressões virtuais.

modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. (KELLNER, 2001, p. 9)

Nessa ideia de cultura da mídia abordada por Kellner, capaz de assumir um papel importante na vida cotidiana e de conquistar parte ampla do tempo de lazer, é que se insere a cultura da internet. Essa plataforma de mídias virtual concentra e expõe as subjetividades dos seus adeptos, que a utilizam como meio para se expressarem a respeito de assuntos diversos.

O interesse levantado pelas observações apresentadas incentivou a delimitação do tema desta monografia. A relevância da internet, com destaque para as redes sociais, em especial o Facebook, como um espaço para compartilhamento de informações pessoais e pontos de vista acerca de questões da atualidade, é um aspecto que se destacou durante as marchas brasileiras de 2013. Nesse contexto, verificou-se a expressão da indignação dos manifestantes na *web* e observou-se que muitos deles expuseram suas opiniões e posições políticas para sua rede de contatos, compartilhando essas informações, antes consideradas pessoais, publicamente. Explicitou-se, assim, a procura por visibilidade e a vigilância do olhar do outro, fatores que aparecem com destaque nas relações construídas nas redes sociais.

Dessa forma, estabeleceu-se como tema de estudo a visibilidade e a vigilância nas internet durante as manifestações de 2013. Para a definição de tal assunto, considerou-se o contexto vivido pelo país no referido ano: intensos protestos em diversas cidades, impulsionados pelo aumento das tarifas rodoviárias. Outra importante característica considerada foi o uso das redes sociais como espaço para organização das marchas e para expressão de opiniões dos envolvidos com os protestos. Ao possibilitar que discussões sobre assuntos políticos, que antes aconteciam em rodas de amigos, tomassem espaço nas telas de computadores, a internet favoreceu que os ideais compartilhados fossem armazenados e pudessem ser estudados no futuro, o que caracteriza a proposta deste trabalho.

Os estudos aqui apresentados unem dois assuntos atuais na sociedade. A temática da visibilidade e da vigilância nas redes sociais é um aspecto marcante no atual momento da humanidade, no qual a internet tem importante impacto na vida social. A *web* modifica as relações, bem como a noção de espaço privado e público, influenciando as informações que se compartilha sobre a própria vida. Esse aspecto é aplicado ao intenso contexto das marchas brasileiras de 2013, no qual inúmeros manifestantes utilizaram as redes como ambiente de exibição de suas convicções acerca dos protestos. O assunto é, então, enfatizado pela atualidade dos acontecimentos analisados e pela complementação dos estudos sobre as manifestações, que foram destaque nas notícias nacionais e internacionais sobre o Brasil.

Na investigação proposta por este trabalho, levantou-se, como problema de pesquisa, o seguinte questionamento prioritário: como se configurou a questão da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais, durante os protestos brasileiros de 2013? Como consequência dessa indagação, outras duas questões se apresentaram, de maneira secundária, como etapas de estudo para a solução da pergunta primordial: Como muitos dos envolvidos com os protestos utilizaram as rede sociais, destacadamente no Facebook, para expor suas opiniões e posições acerca das marchas, e para expressar suas ações ativistas? Como a análise de tais publicações pode auxiliar o entendimento sobre as relações de visibilidade e vigilância na internet durante os protestos?

A delimitação do tema e do problema de pesquisa se justifica a partir da consideração da viabilidade da pesquisa. O problema levantado se refere a acontecimentos recentes, cujas informações são acessíveis, e sua solução é alcançada a partir de estudos sobre publicações que já foram postadas na internet e podem ser verificadas pelo pesquisador. Convém apontar, ainda, que a pesquisa desenvolvida aborda um assunto relevante para os estudos de Comunicação Social. Ao examinar a atuação dos usuários da internet, que é uma mídia relativamente nova e atrai a atenção dos pesquisadores, e analisá-la em um momento marcante e atual, noticiado pelos principais meios de comunicação brasileiros, este trabalho contribui para os estudos sobre o fenômeno dos protestos e apresenta a compreensão de aspectos específicos ligados à *web*.

A partir dos problemas de pesquisa apontados, apresentou-se como objetivo geral para este trabalho avaliar a maneira como se observou o estatuto da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais durante as marchas brasileiras de 2013. Para atingir tal meta, foram traçados, como objetivos específicos, compreender como os manifestantes se expressaram acerca do assunto dos protestos; entender como se deu o exercício de seu ativismo pela internet; avaliar a imagem por eles transmitidas a sua rede de contatos; e perceber como seus amigos e conhecidos se apresentaram em relação aos materiais publicados.

Adotou-se como metodologia uma pesquisa inicial exploratória documental, com objetivo de recolher informações sobre as marchas divulgadas em jornais, a fim de proporcionar uma contextualização da situação a ser analisada. A seguir, focou-se em uma pesquisa exploratória bibliográfica, com objetivo de reunir estudos sobre a internet como ambiente de organização de manifestações e de expressão da inquietação social. Foram

estudadas, também, obras que tivessem como foco a visibilidade e vigilância nas redes sociais, a preocupação com o olhar do outro nesses portais e a exibição de assuntos antes considerados privados. A metodologia adotada para este trabalho incluiu, ainda, uma pesquisa de campo no ambiente virtual, na qual foram observadas e analisadas publicações de jovens universitários ou recém-formados, de faixa etária entre 20 e 26 anos, moradores de Brasília, que tivessem como foco o tema dos protestos e a expressão de suas opiniões e convicções acerca do movimento. As publicações foram analisadas quanto a seu conteúdo e seu discurso acerca da produção de sentido dos manifestantes.

A análise de conteúdo proposta para esta pesquisa seguiu a metodologia clássica, apresentada por Martin W. Bauer e George Gaskell (2002, p. 190), que define a análise de conteúdo como “um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas”. Dessa forma, a análise de conteúdo aplicada às publicações dos manifestantes nas redes sociais teve como objetivo interpretar a mensagem, classificá-la quanto a seu teor principal, identificar características específicas, categorizar as postagens quanto às informações nelas contidas e descrever objetiva e sistematicamente seu conteúdo. O texto produzido pelos jovens manifestantes foi analisado, nesta pesquisa, como um meio de expressão de como se posicionaram em relação às marchas de 2013.

A análise de discurso sugerida adotou a metodologia proposta por Eni Orlandi (2013) e por Bauer e Gaskell (2002). Segundo Orlandi (2013, p. 19), a análise do discurso se constituiu, na década de 1960, da relação entre três disciplinas: Linguística, Marxismo e Psicanálise. Essa análise tem como fundamento a observação do sujeito enquanto fala, considerando-se o contexto no qual está inserido, os fatores externos que possam ter influenciado seu discurso e como se construiu sua fala.

Este estudo foi dividido em três etapas. A primeira consistiu na contextualização sobre as marchas de 2013 e na apresentação da internet como espaço de mobilização social e a segunda constituiu na exposição de estudos sobre visibilidade e vigilância na internet. Juntas, as duas primeiras etapas formaram o referencial teórico da pesquisa. A terceira etapa consistiu na análise de conteúdo e de discurso das publicações dos manifestantes no Facebook, para avaliação da visibilidade que pretendiam alcançar, bem como dos comentários e reações de seus contatos na rede social, para observação da vigilância do olhar alheio ao qual os participantes dos protestos estudados foram submetidos.

2. O FENÔMENO DAS MANIFESTAÇÕES

2.1 Manifestações 2013: Contextualização

O ano de 2013 foi de especial destaque para o Brasil. Como sede da Copa do Mundo da FIFA - *Fédération Internationale de Football Association* (Federação Internacional da Associação do Futebol) - de 2014, o país recebeu, em 2013, a Copa das Confederações, atraindo grande atenção do público internacional. Para os olhos do mundo, o Brasil estaria em clima de festa. Sua ascensão econômica nos últimos anos e a crescente atração dos países externos em relação a sua cultura nacional, unidos à recepção da Copa das Confederações e à expectativa da chegada da Copa do Mundo e das Olimpíadas em 2016, pareciam motivos para celebrações. No entanto, o contexto que o país vivia conduziu a uma atmosfera muito diferente para a população brasileira no ano de 2013.

No mês de maio, onze capitais brasileiras aprovaram reajustes em suas tarifas de passagens de ônibus. Os aumentos nos preços geraram indignação em diversas parcelas da população, que, já sensibilizadas pelos inúmeros casos de corrupção na política brasileira, se revoltaram contra o que parecia ser mais uma tentativa de extrair dinheiro da população para favorecer grandes empresários e políticos. Para contextualizar esse fenômeno tão marcante no Brasil no ano de 2013, será realizada, a seguir, uma breve narrativa cronológica dos acontecimentos, dos protestos e de suas repercussões.

Em cidades como Goiânia e São Paulo, foram iniciados protestos contra o aumento das tarifas, antes mesmo que os reajustes fossem confirmados. Contudo, a aprovação dos acréscimos nos valores desencadeou uma onda de manifestações que extrapolou as expectativas e até mesmo ultrapassou a questão das passagens de ônibus.

O início da força das manifestações se deu na cidade de São Paulo, onde os preços das passagens subiram de R\$3,00 para R\$3,20, o que causou rebeldia principalmente nos membros do Movimento Passe Livre (MPL). Esse grupo, organizado por filiações horizontais, sem dirigentes, em todo Brasil, tem como filosofia a adoção de tarifas zero nos transportes públicos do país, bem como a busca de melhorias para os sistemas de transportes. O MPL organiza diversas ações e manifestações em todo o território brasileiro visando promover suas causas e atingir seus objetivos. O aumento das tarifas nas diversas cidades, então, provocou uma reação imediata do movimento.

Na capital paulista os ônibus foram autorizados a circular com a nova tarifa a partir do dia 24 de maio. Já no dia 3 de junho, estudantes e membros do MPL realizaram um grande protesto, dia no qual ocorreu manifestação, também, na capital carioca, onde as tarifas subiram de R\$2,75 para R\$2,95.

No dia 6 de junho, 5 mil pessoas fecharam a Avenida Paulista em movimentação intensa contra o aumento das tarifas. Nessa data, houve confronto com a Polícia Militar tanto em São Paulo quanto no Rio de Janeiro, com o uso de bombas de gás lacrimogênio e balas de borracha por parte dos policiais, em resposta às barreiras de lixos montadas pelos manifestantes, às quais foi ateadado fogo, e aos ataques às estações móveis da polícia. Esses tumultos levaram a depredações significativas na capital paulista e a grande confusão no trânsito da cidade. No dia seguinte, 2 mil pessoas fecharam a Marginal Pinheiros, na cidade de São Paulo, levando os policiais a deterem 15 manifestantes.

A maneira como as manifestações foram representadas e avaliadas nesse início conturbado e explosivo é um fator que merece destaque e justifica a interrupção na narrativa dos acontecimentos. É importante que esse apontamento seja realizado nesse momento do estudo para que as mudanças na postura da mídia e da população possam ser observadas.

Com a ocorrência das primeiras manifestações, a maior parte da mídia de maior audiência no Brasil, salvo exceções, surpreendida pela rápida efervescência dos atos públicos, representou os manifestantes como vilões, como vândalos que estavam destruindo a cidade apenas por conta de alguns centavos. Nas imagens a seguir, retiradas de manchetes de jornais, o uso das palavras “depredam”, “destruição”, “vandalismo” e “baderna”, empregadas para descrever as ações dos manifestantes, explicitam a posição negativa da mídia em relação aos protestos.

Na primeira imagem, retirada do jornal virtual Portal G1 de São Paulo, podemos observar que os manifestantes são apresentados como causadores das destruições na cidade de São Paulo, responsáveis por depredações em diversos locais, associados à palavra “vandalismo” no subtítulo da manchete.

Imagem 1. Manchete do G1 São Paulo – Manifestantes Depredam e Deixam Rastro de Destruição e Vandalismo. – 6 de junho de 2013



06/06/2013 20h58 - Atualizado em 06/06/2013 23h06

Manifestantes depredam estação de Metrô, banca e shopping na Paulista

Confronto com a PM deixou rastro de destruição e vandalismo.
Protesto foi contra aumento na tarifa de ônibus de R\$ 3 para R\$ 3,20.

Fonte: Portal G1 São Paulo , 2013 .

Na notícia a seguir, do jornal Correio Braziliense, tanto o título quanto o texto da reportagem demonstram a forte opinião contrária do governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin em relação às manifestações. Observa-se em sua fala a caracterização das marchas como “baderna” e “vandalismo”. Importante ressaltar que o governador, como figura pública, é um formador de opinião, e seu ponto de vista pode ser incorporado por seus eleitores e pessoas que o admiram

Imagem 2. Manchete do Correio Braziliense – Opinião de Alckmin sobre protestos – 12 de junho de 2013



Alckmin critica manifestação contra aumento de tarifas em São Paulo

Alckmin quer exigir ressarcimento relativo à destruição de patrimônio

Agência Brasil

Publicação: 12/06/2013 14:23 Atualização:

São Paulo - O governador Geraldo Alckmin classificou de “baderna” e “vandalismo” a ação dos manifestantes que protestaram na terça-feira (11/6), na capital paulista, contra o aumento das tarifas do transporte público. Alckmin, que está em Paris para apresentação da candidatura de São Paulo à Expo Mundial 2020, disse que será exigido o ressarcimento relativo à destruição de patrimônio, seja público ou privado.

Fonte: Correio Braziliense Online, 2013.

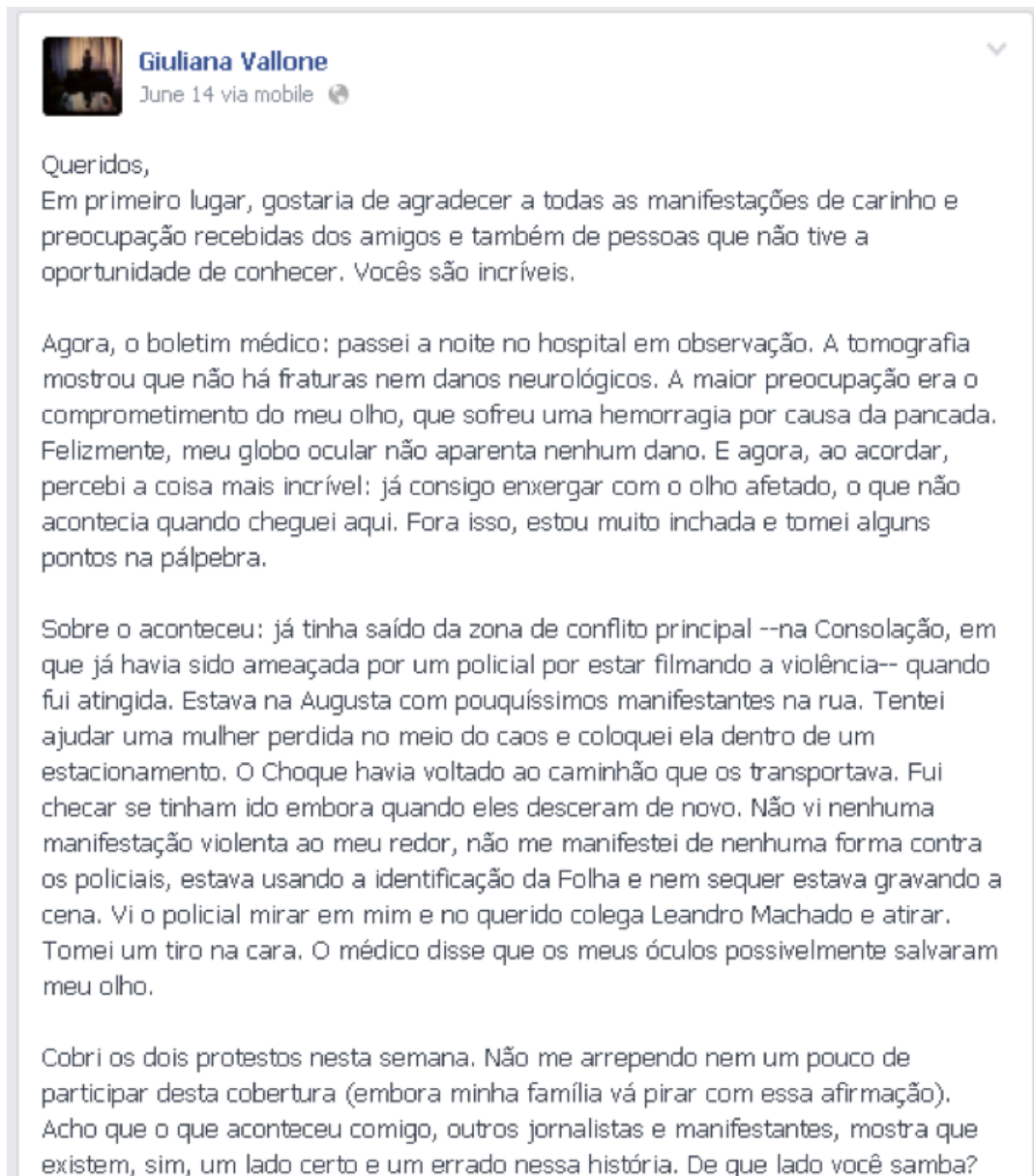
As imagens acima merecem atenta observação, pois expressam um discurso dominante na sociedade. Alguns segmentos da população, assim como a mídia, não concordaram, inicialmente, com as motivações dos manifestantes. No entanto, à medida em que os protestos se aprofundavam e se espalhavam pelo Brasil, novos acontecimentos, principalmente relacionados à violência na repressão policial às marchas, levaram os meios de comunicação e grupos da sociedade a reverem suas opiniões contrárias em relações aos protestos. A divulgação da agressividade observada nas ações da polícia por grupos de comunicação alternativos, como o Mídia Ninja⁶, também auxiliou na mudança do julgamento quanto às marchas. Volta-se agora à narrativa cronológica dos protestos, para, a seguir, demonstrar como aconteceu essa modificação na percepção sobre o movimento.

Em resposta às manifestações, a Justiça de Goiânia anulou o reajuste das passagens no dia 10 de junho. Em São Paulo, no entanto, os protestos seguiram de maneira violenta. No dia 11 de junho, 5 mil pessoas voltaram às ruas, o que se repetiu no dia 13. A manifestação do dia 13 de junho foi marcante na capital paulista, por ter sido nessa data que ocorreram situações relevantes que impulsionaram uma transformação no posicionamento das mídias dominantes e na imagem que o público tinha acerca das marchas. Nesse dia, a repressão por parte dos policiais militares foi acirrada, com a detenção de várias pessoas por porte de vinagre, produto conhecido por amenizar os efeitos do gás lacrimogênio. Os confrontos entre a polícia e os manifestantes foram, igualmente, bastante intensos e, além daqueles que protestavam, diversos repórteres que estavam cobrindo o ato foram atingidos e saíram machucados. Dentre eles, a jornalista Giuliana Vallone, da Folha de São Paulo, levou um tiro de bala de borracha no olho e a imagem dos danos que sofreu foram divulgadas em diversas matérias jornalísticas e nas redes sociais, chocando a população em relação à postura da polícia.

Seus relatos sobre o acontecimento, divulgados em sua conta pessoal na rede social Facebook, contribuíram para uma avaliação negativa a respeito das atitudes dos policiais. No depoimento da jornalista, é fácil visualizar sua indignação e sua posição de vítima em relação à atuação da polícia militar, principalmente ao explicar que os policiais agiram sem estímulos de violência por parte dos manifestantes, como observa-se a seguir:

⁶ Mídia Ninja, Narrativas Independentes de Jornalismo e Ação, é um grupo midiático que procura apresentar uma visão alternativa à imprensa tradicional quanto a notícias e fatos ocorridos no Brasil. O grupo se tornou muito conhecido ao transmitir informações detalhadas sobre os protestos brasileiros de 2013.

Imagem 3. Depoimento de Giuliana Vallone no Facebook – 14 de junho de 2103



Fonte: Página de Giuliana Vallone usuária no Facebook – <https://www.facebook.com/giuvallone?fref=ts>

Com sete repórteres feridos no protesto do dia 13 de junho, o jornal Folha de São Paulo foi um dos primeiros a mudar seu ponto de vista em relação às manifestações, seguido por diversos outros canais de comunicação. Em contraste a sua visão anterior, a mídia passou a destacar as ações agressivas da polícia militar, representando os manifestantes como uma maioria pacífica, com uma minoria de vândalos, que eram responsáveis por desestabilizar e desmerecer o movimento.

Importante ressaltar, ainda, que a mudança da posição midiática aconteceu de maneira simultânea à modificação na percepção populacional sobre as mobilizações. Com o relato de

muitas pessoas acerca dos protestos em redes sociais e *blogs*, aqueles que antes eram contrários às atitudes dos manifestantes passaram a se atentar mais para a ação da polícia. Com a mudança na postura e na opinião observadas nos discursos dos meios de comunicação, então, essa modificação na percepção sobre as marchas tornou-se ainda mais visível, e grande parte da população brasileira passou a se compadecer da situação dos manifestantes de São Paulo. Se antes quem participava do protesto era considerado baderneiro, revoltado apenas por R\$0,20, a partir do dia 13 de junho entendeu-se que existiam outras reivindicações além do aumento das tarifas das passagens.

Necessário ressaltar que a alteração no teor do discurso midiático pôde ser conferida, também, na forma como a população enxergou o movimento, e a forte pressão gerada foi refletida nas ações dos políticos, que foram obrigados a reverem suas posições. Exemplo disso aconteceu no dia 14 de junho, com a fala de Geraldo Alckmin ao assumir que deveria apurar os abusos da Polícia Militar. O governador de São Paulo, que considerava, anteriormente, as manifestações como atos de “baderna” ou “vandalismo”, foi obrigado a rever sua posição. Observa-se, portanto, na manchete a seguir, retirada do jornal G1 de São Paulo, a mudança na posição de Alckmin, que, apesar de considerar “correta” a “atuação da polícia”, afirma que “os abusos serão apurados”, assumindo a possibilidade de existência de tais exageros, e minimizando a responsabilidade antes atribuída aos manifestantes.

Imagem 4. Alckmin assume que deve apurar abusos da polícia – 14 de junho de 2013

14/06/2013 11h55 - Atualizado em 14/06/2013 15h45

Alckmin cita 'rastro de destruição' e diz que abusos serão apurados

Manifestação contra tarifas terminou em confronto na quinta-feira (13). 'Atuação da polícia foi correta', disse secretário da Segurança Pública.

Fonte: Portal G1 São Paulo, 2013.

São apresentadas, a seguir, outras manchetes e trechos de reportagens que demonstram a mudança na postura dos veículos midiáticos que antes se posicionavam de maneira contrária às marchas, com o avanço dos atos. As imagens que serão analisadas destacam a ação da polícia como violenta e agressiva sem motivos autênticos, e devem ser comparadas com as imagens anteriores, para que seja compreendida a mudança no discurso acerca dos protestos.

Nas imagens abaixo, retiradas do Jornal G1 e do jornal Folha Online, observa-se que a atitude da polícia é associada às ideias de violência e repressão. Na primeira manchete, a exposição da imagem da jornalista Giuliana Vallone colabora na construção da vitimização dos manifestantes e da representação de uma atitude policial agressiva sem motivações, destacada pela frase “Sem ser provocada, PM reprime protesto; dezenas saem feridos”. Já nas notas seguintes, retiradas da Folha Online, os trechos “as cenas de violência por parte da PM foram lamentáveis” e “gás lacrimogênio com data de validade vencida” demonstram a opinião contrária do jornal em relação à postura dos policiais, com acusações relacionadas às armas disciplinadoras que haviam sido utilizadas. Na última notícia, também do G1, a repressão policial recebe destaque negativo na expressão “reprimida com violência pela polícia”.

Imagem 5: Manchete do G1 com imagem de Giuliana Vallone – 14 de junho de 2013



Fonte: Portal G1 São Paulo, 2013.

Imagem 6: Trecho de reportagem extraído da Folha de São Paulo – 14 de junho de 2013

Na terça-feira (11), segundo Haddad, a população assistiu a cenas de violência por parte dos manifestantes, com depredação a ônibus e ao patrimônio público. Ontem (13), disse o prefeito, as cenas de violência por parte da PM foram "lamentáveis e não condizem com São Paulo".

Fonte: Folha Online, 2013.

Imagem 6: Trecho de reportagem extraído da Folha de São Paulo – 25 de junho de 2013

GÁS VENCIDO

A PM do Rio usou cápsulas de gás lacrimogêneo com data de validade vencida em manifestações. Uma delas está em poder da OAB, que vai encaminhá-la ao Ministério Público. A cápsula, de 2008, venceu em 2011. A PM não se posicionou sobre o caso.

Fonte: Folha Online, 2013.

Imagem 7. Manchete do G1 São Paulo sobre violência policial – 14 de junho de 2013

14/06/2013 - 10h48

Manifestação em SP é reprimida com violência pela polícia; veja

DE SÃO PAULO

PUBLICIDADE

O quarto ato de protesto contra os aumentos no transporte público em São Paulo, nesta quinta-feira (13), foi reprimido com violência pela polícia militar, que na ação, acabou ferindo repórteres e pessoas não envolvidas na manifestação como mostra o vídeo abaixo.

Fonte: Portal G1 São Paulo, 2013.

Após a intensa exposição da violência na repressão policial e a mudança na percepção quanto aos protestos, as manifestações extrapolaram a cidade de São Paulo e o próprio tema do aumento das tarifas. No dia 15 de junho, aconteceu a primeira manifestação na capital federal, em frente ao Estádio Nacional Mané Garrincha, na ocasião da abertura da Copa das Confederações. Os manifestantes brasileiros protestavam em apoio aos acontecimentos da capital paulista, contra a corrupção da reforma do Estádio e o desvio de verbas públicas.

No dia 17 de junho, aconteceram manifestações em aproximadamente 28 cidades brasileiras, 12 capitais e 16 cidades do interior, com a participação de cerca de 270 mil pessoas. Com destaque para Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Fortaleza, Maceió, Vitória, Salvador, Belém, Curitiba, Recife e Brasília. Na capital do país, o protesto durou quase 6 horas, com presença de 10 mil manifestantes. A marcha foi em sua maioria pacífica, com pequenos incidentes isolados de desordem. A entrada e a marquise da sede do Congresso Nacional foram ocupadas enquanto os participantes da manifestação gritavam palavras de ordem com temas variados e sem definições de partidos, com foco no

fim da corrupção, na reforma política, na valorização da saúde e da educação, entre outros temas.

As manifestações atingiram, então, seu auge, expandidas para várias cidades do território nacional. Aproveitando os olhos internacionais que se dirigiam para o país, respondendo às ações violentas de repressão por parte da Polícia Militar e extravasando anos de indignação contra o descaso político, o roubo do dinheiro popular e a precariedade nos serviços públicos, os brasileiros transformaram o momento de indignação em mensagens de revolta e alerta. Os manifestantes saíram às ruas com a intenção de deixar claro que não mais pretendiam agir passivamente perante as atitudes errôneas do governo e que era necessário que as condições de vida dos brasileiros melhorassem.

Uma conquista importante para os manifestantes em decorrência do novo posicionamento de alguns veículos da mídia de grande alcance e da pressão popular acerca das ações violentas dos policiais foi a proibição do uso de balas de borrachas durante os protestos, ato realizado pelo governador do estado de São Paulo, Geraldo Alckmin. Esse decreto tranquilizou os manifestantes e gerou maior valorização para o movimento, simbolizando maior liberdade de manifestação, sem o risco de uma repressão tão exagerada.

No dia seguinte, em 18 de junho, os protestos na cidade de São Paulo seguiam fervorosos, com depredações da sede da prefeitura. Dessa vez, os feridos divulgados foram os próprios policiais, mas a maior parte da mídia manteve sua postura ao afirmar que a maioria dos protestantes era pacífica, com a presença de uma minoria considerada vândala, que se destacava e parecia nem sequer fazer parte do movimento. Nessa mesma data, cerca de 110 mil brasileiros protestaram em diversas cidades do país e mais um ganho para a população: Cuiabá, Porto Alegre, Recife e João Pessoa anunciaram reduções nas tarifas rodoviárias.

A cidade com manifestação mais intensa no dia 19 de junho foi Niterói, no Rio de Janeiro, onde os protestos tiveram duração de 7 horas. Nesse dia, Aracaju anunciou redução das passagens, Rio de Janeiro voltou atrás na decisão de aumento e São Paulo anunciou a volta das tarifas para o valor de R\$3,00.

Apesar das conquistas das reduções e das revogações dos aumentos dos preços das passagens, é necessário apontar que as manifestações não foram encerradas e ainda aconteceram marchas em diversas cidades, mesmo após a conquista da reivindicação que havia iniciado o movimento. De acordo com o que foi dito anteriormente, a revolta já

ultrapassava o aumento das tarifas, como defendido pelos manifestantes com o jargão “não é só por 20 centavos”, e se estendia a outras questões políticas no Brasil. Ainda assim, foi um ganho para os brasileiros observarem que tinham voz ativa e poder de exigir mudanças políticas, e que, com a devida movimentação, suas exigências poderiam ser atingidas.

A seguir, o dia 20 de junho de 2013 se destacou entre tantos dias de manifestações no Brasil. Uma união nacional aconteceu e o país chegou perto de parar em nome dos protestos que interessavam a toda a população. Cerca de 1,4 milhão de manifestantes saíram às ruas em mais de 130 cidades brasileiras. A quantidade de pessoas e a força do movimento em todo o país ganhou destaque na mídia nacional e internacional. Se o curso das manifestações já havia crescido e mostrado para os representantes públicos que a população estava alerta, o dia 20 de junho assustou os políticos mais seguros. O maior canal televisivo do Brasil, a Rede Globo, cancelou sua programação das novelas de 18h e 19h para transmitir notícias do Brasil que gritava por mudanças nas ruas e a própria presidente da República, Dilma Rousseff, cancelou uma viagem para o Japão a fim de estar presente no Brasil nesse dia marcante.

No entanto, se por um lado os protestos do dia 20 representaram uma vitória para as manifestações, por outro muitos daqueles que haviam iniciado as marchas, incluindo-se os membros do MPL, o consideraram como uma mudança no discurso dos manifestantes, já que outras reivindicações não planejadas entravam na pauta dos protestos de alguns grupos, como o *impeachment* da presidente. Além disso, apontou-se que as discordâncias nos discursos dos participantes das marchas demonstraram que o movimento não estava unificado e que muitas pessoas não sabiam exatamente por que estavam nas ruas. Mudanças nos percursos inicialmente planejados, a falta de unidade no discurso e ações violentas de grupos pequenos dentre os participantes dos protestos colaboraram para que o movimento fosse reavaliado. Surgiram, então, críticas entre os próprios manifestantes e desses às marchas, que até ali haviam se fortalecido, mas que começaram a ser questionadas.

Em diversas cidades, especialmente São Paulo, com cerca de 100 mil participantes (Portal G1, 2013), Rio de Janeiro, com cerca de 300 mil participantes (Portal G1, 2013), Brasília, cerca de 35 mil participantes (Portal G1, 2013), Vitória, 100 mil participantes (Portal G1, 2013), Porto Alegre, 15 mil participantes (Portal G1, 2013), Belém, 15 mil participantes (Portal G1, 2013) e Belo Horizonte, cerca de 20 mil participantes (Portal G1, 2013), aconteceram confrontos com a polícia e até entre os próprios manifestantes e os grupos minoritários considerados vândalos. Nessa data, aconteceram atos acentuados de depredações

e reações intensas dos policiais, causando grandes transtornos nas cidades e dois acidentes marcantes: em Ribeirão Preto um carro atropelou manifestantes, levando um deles a morte, e em Belém, uma gari teve vários ataques cardíacos ao ser atingida por bombas de gás de efeito moral e veio a falecer.

Na capital federal, o dia 20 de junho relatou falhas importantes nas manifestações. O movimento que inicialmente marchava para o Congresso Nacional, foi desviado quando impedido de ocupar as marquises do edifício, como havia acontecido no protesto anterior. Depois de um grupo pequeno de manifestantes iniciar um confronto com os policiais presentes, inúmeras bombas de gás lacrimogêneo foram lançadas em direções diversas, atingindo a maioria daqueles que estavam na frente do Congresso. Após um período de dispersão dos manifestantes, uma parte dos que protestavam se dirigiram à sede do Palácio do Itamaraty. No local, um grupo pequeno de manifestantes quebrou vidraças, depredou parte da arquitetura e ateou fogo a objetos. As ações de vandalismo geraram indignação em grande parte dos participantes e muitos partiram em direção ao Eixo Rodoviário, enquanto outros se retiraram do local, decepcionados.

A data de 20 de junho foi a mais intensa nos protestos de 2013, com maior número de adesões em todo o país. Representou também, no entanto, o dia em que o movimento começou a perder sua força, embora longe de terminar. No dia seguinte ainda aconteceram manifestações em diversas cidades, porém, com um número muito menor de participantes, cerca de 160 mil em todo Brasil.

Entretanto, foi no dia 21 de junho que um dos mais importantes resultados dos protestos pôde ser contemplado: a presidente da república, Dilma Rousseff, fez um pronunciamento em rede nacional durante horário nobre na televisão para falar sobre as marchas que aconteciam no país. Em sua fala, a presidente explicou que as manifestações eram válidas, uma demonstração da força de nossa democracia e apoiou a iniciativa, mas repudiou atos violentos e de vandalismo, como podemos observar na citação de seu discurso a seguir:

Os manifestantes têm o direito e a liberdade de questionar e criticar tudo, de propor e exigir mudanças, de lutar por mais qualidade de vida, de defender com paixão suas ideias e propostas, mas precisam fazer isso de forma pacífica e ordeira.

O governo e a sociedade não podem aceitar que uma minoria violenta e autoritária destrua o patrimônio público e privado, ataque templos, incendeie carros, apedreje ônibus e tente levar o caos aos nossos principais centros

urbanos. Essa violência, promovida por uma pequena minoria, não pode manchar um movimento pacífico e democrático. (ROUSSEFF, 2013)

A aparição de Dilma Rousseff, mesmo que tenha sido criticada por muitos brasileiros, demonstrou a preocupação dos políticos em relação à situação que havia se fortalecido muito mais do que esperado e representou mais uma vitória dos manifestantes, em um momento decisivo para o movimento.

A partir disso, ocorreram ainda algumas manifestações, mas cada vez com número menor de participantes. No dia 22 de junho, 325 mil manifestantes dispersados em mais de 100 cidades brasileiras. Em 23 de junho, esse número já caiu para 25 mil, no dia 24 de junho chegou a 35 mil, subiu para 50 mil em 25 de junho e atingiu 83 mil no dia 26 de junho, com destaque para a cidade de Belo Horizonte, na qual um jovem caiu do viaduto durante as manifestações e acabou morrendo.

Sob determinado ponto de vista, considerou-se que as marchas, que haviam sido iniciadas por conta do aumento no preço das tarifas de ônibus e acabaram por reivindicar melhorias nos investimentos dos serviços públicos prioritários e justiça na organização política, haviam chegado ao seu fim. As manifestações estavam mais fracas e pontuais, e a próxima previsão de protesto por todo o Brasil aconteceria apenas no dia 7 de setembro.

Apesar desse enfraquecimento, grupos pequenos, em destaque na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, que já participavam das marchas de junho, levaram os protestos adiante. Os grupos que mantiveram os protestos foram aqueles que adotavam a estratégia dos *black blocs*, utilizada por manifestantes em todo o mundo que defendem o anarquismo e se caracterizam pelo uso de máscaras e roupas pretas, para dificultar a identificação. Grandes diferenças de posicionamento e de postura dificultam uma associação direta entre os *black blocs* e os manifestantes das marchas de junho de 2013. Os últimos não tinham posição política definida, mas lutavam por melhorias em comum no país. Já os primeiros, além de se autodenominarem anarquistas, apresentam posições contra o capitalismo e contra a globalização, e, fator que merece grande importância, aceitam o uso de determinados tipos de depredações como formas de protesto, como veremos nas próximas páginas em imagem tirada da página de Facebook do Black Blocs Brasil.

É necessário destacar que os *black blocs*, apesar de estarem presentes nas marchas iniciais, representam apenas uma parte dos diversos grupos que organizaram as primeiras manifestações. Os *black blocs* não são um grupo formado especificamente por brasileiros,

mas representam uma estratégia de rebelião em diversos países do mundo, a favor do anarquismo. Já no começo de julho, o novo grupo ganhou destaque, inicialmente, em manifestações na capital carioca e, em seguida, na capital paulista. Nos dias 11 e 13 de julho os manifestantes dos *black blocs* atraíram atenções principalmente por seus intensos confrontos com a polícia. No dia 22 do mesmo mês, queimaram um boneco que representava o governador do estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, durante o pronunciamento do Papa Francisco, em sua visita ao Brasil, como observa-se na reportagem a seguir, retirada do Portal G1 do Rio de Janeiro. Nessa data, nove pessoas foram detidas e três saíram feridas.

Imagem 8: Notícia do G1 sobre confronto entre polícia e *black blocs* – 22 de julho de 2013

G1 | RIO DE JANEIRO oferecimento

G1 ▾ Na TV ▾ Esporte Trânsito Aeroportos ▾ Agenda de shows VC no G1

22/07/2013 20h09 - Atualizado em 22/07/2013 22h31

Manifestantes e policiais entram em confronto após Papa deixar Palácio

Grupo lançou coquetéis molotov; PM dispersou grupo com canhão d'água. Tumulto ocorreu nas imediações do Palácio após saída do Papa.

No fim da tarde, manifestantes chegaram a queimar um boneco representando o governador Sergio Cabral, na Rua Pinheiro Machado, em Laranjeiras, na Zona Sul do Rio. Cerca de 20 jovens encapuzados participavam do protesto.

Fonte: Portal G1 São Paulo, 2013.

No dia 26 de julho de 2013, membros dos *black blocs* saíram às ruas na cidade de São Paulo em apoio ao grupo dos manifestantes cariocas. Com o desenrolar dos movimentos pelo grupo, quase sempre marcado por depredações, a repressão policial passou a ser bem forte em direção aos *black blocs*. Em agosto, no dia 22, após manifestação em Recife, o estado de Pernambuco proibiu o uso de máscaras em manifestações. Já a polícia paulista implantou o uso de mini câmeras em protestos, enquanto no Rio suspeitos de ações violentas e de estimular a violência na internet foram presos.

Observa-se na imagem a seguir, encontrada na página do movimento *black blocs* no Facebook, a legenda em referência à famosa música “Aquele Abraço”, de Gilberto Gil, que valoriza a cidade do Rio de Janeiro. A foto divulgada na página, no entanto, retrata uma cidade destruída, provando a ironia do comentário e mostrando que, para o grupo *black blocs*, aquela é a ideia de um Rio de Janeiro lindo.

Imagem 9. Exemplo de estímulo à depredação na página de Facebook Black Blocs Brasil



Fonte: Página do Black Blocs Brasil no Facebook, 2013 - <https://www.facebook.com/BlackBlocBR>

A descrição do movimento dos *black blocs* foi apresentada para demonstrar que o fluxo das marchas não havia de fato chegado ao fim, como imaginado, mas havia diminuído seu número de adesões, mudado seu grupo organizador e sua forma de abordagem. No entanto, os

protestos no Brasil continuavam, levando a uma importante data de protestos, marcada com antecedência para o dia de comemoração da independência brasileira, 7 de setembro.

A organização para a manifestação do dia 7 de setembro de 2013 foi iniciada durante o auge dos protestos do mês de junho. Era esperada uma grande marcha para o dia da independência em todo o país. E, com a ascensão dos *black blocs* nos últimos meses, a polícia estava preparada para reprimir atos de vandalismo.

No entanto, os protestos do dia 7 de setembro não se compararam àqueles de junho em termos de adesões da população, tendo número bastante reduzido de participantes. A repressão policial, porém, foi bastante elevada, com confrontos em todo país e grande número de detenções, especialmente entre os manifestantes que pertenciam aos *black blocs*, totalizando um número de mais de 300 detidos em todo Brasil.

Na capital federal, por exemplo, a manifestação teve participação de cerca de apenas mil pessoas. Mas atos de vandalismo, ataques a prédios comerciais e lojas, associadas à repressão violenta utilizada pelos policiais, tiveram como consequência a detenção de pelo menos 50 pessoas. As cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre se destacaram pela violência e vandalismo nos protestos do dia 7 de setembro, com 30 pessoas detidas na capital paulista e 27 na capital carioca.

O dia 7 de setembro fecha a linha cronológica dos protestos mais importantes desse período acentuado de manifestações no Brasil, no ano de 2013. A contextualização dos acontecimentos leva à compreensão do momento marcante que o país viveu e proporciona base para que se prossigam os estudos a respeito do estatuto da visibilidade e da vigilância nas redes sociais durante as manifestações de 2013.

2.2 O Ciberativismo e os Manifestantes Virtuais

Os estudos do item anterior demonstraram como aconteceram as manifestações brasileiras de 2013. Será estudado, a seguir, como a internet atuou como espaço para exercício da democracia, exposição de opiniões, reuniões de ativistas com ideias comuns e de verdadeiros protestos virtuais, durante as marchas. Essa função da rede é algo que já acontece há alguns anos, e será objeto de estudo neste item: o ciberativismo.

Antes, no entanto, de analisarmos o conceito de ciberativismo, existem outras noções que devem ser abordadas, como a definição e surgimento da ideia do ciberespaço, e o temo midialivrisimo, etapa da história da internet que já ressaltava a atuação de ativistas virtuais.

Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) destacam em seu livro “A internet e a rua – ciberativismo e mobilização nas redes sociais” que a noção de ciberespaço surgiu no ano de 1984, mesmo ano em que essa imensa rede na qual os indivíduos estão imersos atualmente ganhou o nome que hoje nos soa familiar e necessário: Protocolo Internet.

A internet, inicialmente criada como ferramenta bélica, recebendo o nome de Arpanet, ganha a função de uma rede de conversa eletrônica a partir da fundação da Usenet – Rede de Usuários Unix, no ano de 1979, ao permitir que os computadores se ligassem por linhas telefônicas e se comunicassem. Em 1984, essa ferramenta, antes voltada para o uso militar e universitário, passa a ter a participação de outros usuários que levam à emergência dos grupos de discussão e e-mail, aparecendo, assim, a ideia de ciberespaço como ambiente virtual de trocas. É nesse ano que surgem, também, as primeiras manifestações de ciberativismo – caracterizado nesse momento por “ações coletivas coordenadas e mobilizadas coletivamente através da comunicação distribuída em rede interativa” (ANTOUN; MALINI, 2013).

O ciberativismo surge de forma conjunta com a ideia de ciberespaço, como uma forma de luta metalinguística: os ativistas lutavam no ambiente virtual e, muitas vezes, tinham os meios virtuais como próprios objetos de luta. Os ciberativistas, então *hackers* que invadiam sistemas fechados e faziam vazar informações secretas, protestavam pelo livre acesso da internet. Fala-se, portanto, de um ativismo midiático conhecido como midialivrisimo.

O movimento do midialivrisimo, segundo os estudos de Malini e Antoun (2013), possui duas vertentes: a primeira concentra esforços em construir mídias populares e de acesso de todos. Já a segunda consiste no midialivrisimo ciberativista, e tem como objetivo a construção de dispositivos digitais a partir de processos colaborativos visando uma comunicação em que todos possam produzir, sem intermediários e sem diferenças hierárquicas. Importante apontar que, como a própria denominação do movimento traduz, ambos os aspectos tem como principal discurso a liberação, a mídia livre. O segundo sentido é o que melhor se encaixa para os estudos deste trabalho, ao abordar explicitamente a liberdade de expressão e a contribuição dos usuários para a criação de conteúdos virtuais, como aconteceu com os manifestantes de 2013 que geraram discursos e promoveram ações nas redes sociais, especialmente no Facebook.

O segundo aspecto do midialivrisimo é o que levará ao conceito de mais importância para o atual item de nossos estudos: o ciberativismo. Esse movimento tem origem e inspiração nos movimentos de contracultura, a exemplo daqueles que se destacaram nas décadas de 60 e 70, como o movimento hippie, as revoluções estudantis, movimentos feministas e manifestações por direitos homossexuais, todos quase sempre regidos pelo mesmo discurso de “paz e amor”. Esse ciberativismo tem o intuito de dar voz a quem não tem, de se fazer ouvir e de dar a todos o direito de opinar. É um movimento que recusa a ideia de obediência e realiza seu trabalho em busca de reconhecimento social, e não material, valorizando a circulação de suas ideias. Todos esses fatores, no entanto, são exercidos virtualmente, e são as bases dos protestos dos jovens brasileiros no ciberespaço, antes de se expandir para as ruas, durante e depois.

Com o ciberativismo, conquistam espaço narrativas diferentes e até mesmo contrárias àquelas divulgadas pelos veículos midiáticos de maior circulação. Discursos silenciados desenvolvem-se nas redes sociais, onde a censura é quase impossível, já que a atuação dos *hackers* permite que os códigos sejam quebrados e ações de regulação sejam dribladas. Esses discursos opostos aos discursos principais representam o que os autores Malini e Antoun (2013) vão chamar de “ruídos” nas comunicações oficiais e de massa. São responsáveis por obrigarem os meios de comunicação a ouvirem de fato a voz do povo, já que essa não pode mais ser escondida ou abafada, e são o que leva os políticos a se depararem com o quase impedimento de qualquer censura, mesmo que velada.

Convém explicar, sobretudo, que as formas de expressão que vê-se atualmente na internet e nas redes sociais, e que são objetos de estudo dessa pesquisa, não foram possíveis desde o princípio do ciberespaço. Um longo caminho se traçou até a situação atual e é importante destacar seus pontos mais decisivos. A Usenet, ao transformar a internet rudimentar e militar em rede interativa, é a pioneira em apresentar algumas das formas de comunicação que vão levar ao que vemos hoje, por exemplo, no Facebook durante as manifestações. Esse sistema permitiu as primeiras formações de grupos de discussões e de fóruns de notícias, possibilitando a conversação entre os usuários, sem que houvesse uma forma de controle central, levando ao surgimento das comunidades virtuais e valorizando as trocas de informações

As comunidades virtuais, expressão proposta por Howard Rheingold, passaram a permitir que pessoas com mesmos ideais e mesmos interesses se reunissem e organizassem

com um objetivo comum. Durante as marchas em todo o Brasil neste ano, observa-se que a organização de pessoas em eventos do Facebook, ao superar o intuito de apenas marcar uma data, horário e local de encontro, desenvolveu a função de verdadeira comunidade virtual, ao permitir que pessoas afins se reunissem e debatessem sobre ações que viriam a realizar juntas.

Depois da Usenet, merecem destaque e explicação os sistemas das *Bulletin Board System* (BBS), comunidades virtuais pagas, onde os membros poderiam interagir e trocar informações em tempo real, permitindo conversas em grupo ou individuais, além da postagem de notícias e informações. As BBSs foram usadas no Brasil, por exemplo, para organizar grupos de discussão contra a ditadura e propor formas de resistência a ela, promovendo denúncias e permitindo que ações fossem organizadas em todo o território brasileiro.

A análise das BBSs possibilita a observação de semelhanças relevantes, relacionando como se dava seu uso em décadas passadas com o uso que é feito hoje das redes sociais por parte de manifestantes. A união em torno de um mesmo ideal e a facilitação em encontrar companheiros de luta com a quebra de barreiras geográficas são, ainda hoje, atrativos para os organizadores dos movimentos.

A falta de hierarquia dos grupos de discussão das BBSs, ao possibilitarem que todos se manifestassem, é outro fator que também se compara diretamente aos protestos de 2013. A marchas brasileiras permitiram, por meio de sua organização prioritariamente virtual, que todos os participantes pudessem expor seus pontos de vista, sem exercício de controle por parte de algum membro e sem lideranças específicas.

A seguir, o surgimento do protocolo *world wide web* (www), instaurado por Tim Berners Lee, passa a possibilitar que diversos grupos de discussões e materiais antes dispersos possam ser reunidos na web, aglomerando redes voltadas para as relações sociais com as redes voltadas para lutas ativistas. Permite-se, assim, que os ciberativistas consigam organizar um ponto de encontro no ciberespaço e possam estabelecer novas formas de protestos virtuais.

A ascensão das manifestações mediadas pela internet é o que leva John Arquilla e David Ronfeldt – escritores das publicações “*The Zapatista “Social Netwar” in Mexico*” (A guerra em rede social do movimento zapatista no México) (1998) e “*Networks and netwars: the future of terror, crime and militancy*” (Redes e guerras em rede: o futuro do terror, crime e militância) (2006), entre outras obras – a proporem o termo “guerra em rede”, no ano de 1993.

Os pesquisadores defendem que as lutas pelo futuro não mais seriam traçadas pelo exército ou pelo Estado, mas sim por cada ser humano, operando individualmente ou em grupo a partir dos computadores, abrangendo “um novo espectro de conflito que emerge na esteira da revolução da informação” (Ronfeldt; Arquilla, 2001 a.p. IX). As redes tornam-se, portanto, ferramentas cada vez mais importantes e espaços de organização para as mobilizações sociais.

Ao analisar-se o conceito de guerra em rede, é necessário destacar que existem duas práticas importantes a elas relacionadas. A primeira consiste em uma atuação de forma mais livre de lideranças possível, e a segunda consiste na afluência de multidões, estratégia que consiste em um ataque de diversas direções. Ao associar-se ambos os aspectos mencionados ao objeto de estudo desse trabalho, as manifestações brasileiras de 2013, observam-se semelhanças relevantes. A falta de liderança é um fator que pôde ser comprovado nos protestos deste ano. Apesar terem acontecido tentativas de se organizar o movimento e de se destacarem representantes, as ações foram orquestradas por pessoas comuns, que não ocupavam posições de autoridade no movimento, mas usaram a internet para reunirem uma grande parcela de manifestantes e marcarem datas para os protestos. A falta de líderes foi, muitas vezes, associada às falhas na unidade nos discursos dos participantes das marchas e às faltas de concordância entre os próprios manifestantes.

A característica da afluência de multidões, por sua vez, pode ser associada aos protestos em diversos pontos do país, todos contra o sistema político ou diferentes fatores dele. Esse ataque vindo de todos os lados de maneira quase inesperada foi o que abalou a segurança daqueles representantes políticos que estavam sendo acusados de corrupção ou descaso, obrigando-os a ouvir as vozes da população. É importante ressaltar, também, que o conceito de guerras em rede é marcado pela diversidade dos participantes, que se organizam por grupos de afinidade. Neste ano, no Brasil, as marchas foram igualmente realizadas por pessoas distintas, com visões políticas até mesmo contraditórias, com discursos diferentes. Mas, ao menos inicialmente, encontraram um objetivo geral comum para todos, que os levou a unirem-se na mobilização. Apesar de o número de diferenças nos posicionamentos terem levado a visíveis aglutinações de pessoas, que se reuniam por ideais parecidos e por afinidade, nos momentos dos protestos todos esses agrupamentos estavam no mesmo lugar e na mesma luta, formando, juntos, uma massa populacional representativa.

Antes que essas guerras em rede assumissem a forma observadas nas marchas deste ano, dentro do espaço do Facebook, outras ferramentas importantes anteciparam as redes sociais

como ambiente confessional, no qual os usuários da rede pudessem compartilhar *links* e postar suas opiniões ou apenas escrever desabaços sobre sua vida íntima, bem como sobre suas insatisfações com a sociedade e sobre suas posições políticas. Essas ferramentas, que serão estudadas a seguir são os *blogs*.

O termo *weblog* foi proposto por Jorn Barger em 1997, a partir de uma junção dos termos *web* e *log*, que significa diário de bordo. No início de 1999, no entanto, quando os *blogs* já estavam bastante popularizados, Peter Merholz propõe um trocadilho com a palavra *weblog* dividindo-a em *we blog*, que significaria “nós blogamos”. O termo *blog* se popularizou e ganhou o sentido de verbo, além de originar o agente do escritor de *blogs*, o blogueiro.

Inicialmente, os *blogs* eram principalmente uma ferramenta de compartilhamento de *links*, com breves comentários. Funcionava como um meio de interligação entre diversos *sites*, onde os usuários usavam uma linguagem hipertextualizada mencionando outros *blogs* e, principalmente, citando outros portais de notícias, levando os leitores a passear por diversos sites enquanto navegavam. Adeptos das manifestações brasileiras, por exemplo, poderiam compartilhar notícias acerca das marchas ou das abordagens dos policiais em relações aos manifestantes e comentarem os *links* com suas opiniões e visões políticas acerca do assunto, discordando ou reforçando o discurso do meio de comunicação, bem como compartilhando suas vivências durante os protestos.

Quando os *blogs*, que tiveram suas adesões iniciais pagas, passam a ser gratuitos, adquirem a função de verdadeiros diários, como espaços confessionais sobre o dia-a-dia dos blogueiros. Assumem, então, diversas formas, menos engessadas que em seu princípio, possibilitando que seus escritores compartilhassem pensamentos e observações. Surgem, portanto, *blogs* de escritores, de interessados em moda, de economistas e de comentaristas políticos, entre muitas outras modalidades. Não mais é necessário que os blogueiros comentem produções de outras pessoas, mas passam a poder criar suas próprias notícias. Esse é um momento marcante para os internautas, que, ao se tornarem produtores e agentes ativos na *web*, adquirem um espaço fixo que pode leva-los a se destacar entre os internautas, os transformando em “celebridades da internet”.

A partir de então, se algo considerado importante pelo escritor de um *blog* acontecia em sua vida ou ao seu redor, ele tinha em espaço de seu controle para divulgar ou denunciar o

ocorrido. Se, por exemplo, um blogueiro participasse da manifestação do dia 20 de junho de 2013 em Brasília e presenciasse alguma violência policial ou atitude considerada vândala por parte de um grupo de manifestantes, poderia noticiar isso em seu diário virtual, caso considerasse que o fato não havia recebido o merecido destaque nos meios de comunicação ou não havia sido narrado da maneira correta.

A observação da evolução dos *blogs* auxilia o entendimento de como, hoje em dia, seu papel tem sido, frequentemente, substituído pelas redes sociais, como Twitter, Facebook e até Instagram. Os *blogs* ainda tem, sim, uma função de destaque para os usuários da internet e possuem muitos adeptos no mundo, especialmente no Brasil. Essa afirmação se comprova pela pesquisa divulgada pela empresa de marketing digital, Boo-Box (2012), que mostra que o número de pessoas que acessavam *blogs* em 2012 no país se aproximava de 80 milhões. Ao analisar-se o Facebook, também, foco dos estudos deste trabalho, observa-se que seus usuários com muita frequência compartilham *links* que consideram interessantes, engraçados, polêmicos, e os comentam a partir de suas crenças, marcando seus amigos para que eles também tenham acesso àquela informação. Durante as marchas de 2013, aconteceu um verdadeiro bombardeio de pessoas compartilhando notícias, artigos e colunas acerca das manifestações, e, ainda, compartilhando publicações de seus amigos para os outros membros de sua rede de contatos.

O Facebook não se restringe, no entanto, a essa primeira função dos *blogs*. Os adeptos dessa rede social também criam seus próprios relatos, divulgam seus testemunhos, dão sua versão ou produzem suas próprias notícias, aprofundando o conteúdo que geram com fotos e vídeos. Agem como formadores de opinião, recebendo concordância ou discordância de seus contatos e até dos contatos de seus contatos, expandindo a distribuição de suas mensagens.

Após a análise dos *blogs* e da participação do público na construção de conteúdos virtuais, é importante destacar mais uma forma de ativismo digital, o *Independent Media Center* (IMC), Centro de Mídia Independente. O IMC, criado para cobrir os protestos de 1999 contra o encontro da Organização Mundial do Comércio, em Seattle, atuou como forma colaborativa para gerar notícias sobre a manifestação, sob a perspectiva de uma edição aberta, a partir de uma direção coletiva e descentralizada. O portal representou um marco no ativismo midiático. Ao possibilitar que produtores independentes de notícias divulgassem suas versões dos acontecimentos e complementassem uns aos outros com fotos, narrativas, vídeos e

depoimentos, o IMC atingiu grande reconhecimento e se tornou fonte de busca de notícias sobre os protestos da cidade estadunidense.

As abordagens sobre a utilização da internet como ferramenta comunicacional e, principalmente, sobre os pontos importantes da história que demarcaram o ciberativismo, tal qual observado nos dias de hoje no Facebook, irão guiar os próximos estudos sobre a vigilância e a visibilidade acerca da produção de sentido dos manifestantes de 2013 nessa rede social. Essa primeira investigação auxilia o entendimento de como a internet se tornou uma ferramenta impulsionadora da liberdade de expressão e de como os participantes dos protestos desse ano a utilizaram para exercer seu ciberativismo. Os estudos teóricos abordados apontam a base de como esses portais puderam ser utilizados como ferramentas significativas na organização das marchas, na disseminação de ideias a respeito do movimento e na exposição de posição e opiniões políticas.

2.3 A internet como espaço de organização das manifestações

As manifestações estudadas nesta pesquisa, de junho de 2013 a 7 de setembro, ocorreram em um momento no qual a internet tem forte presença na vida cotidiana. Esse contexto de grande inserção tecnológica vivido atualmente permite o armazenamento de parte importante das vidas no meio virtual. Douglas Kellner (2001) afirma que se vive, atualmente, em uma cultura voltada para mídia e por ela veiculada, e que essa cultura é tecnológica, segundo ele “produzindo novos tipos de sociedade em que a mídia e tecnologia se tornam princípios organizadores”. Os novos tipos de sociedade, mencionados por Kellner, organizados por princípios midiáticos e tecnológicos, são exemplificados pelos grupos organizadores das marchas de 2013, que usaram a internet para se comunicarem e organizarem suas ações, como será apresentado neste item da pesquisa.

Segundo dados de pesquisa do Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), disponibilizada no Portal G1 (2013), os jovens foram maioria nas manifestações: dentre os manifestantes, 43% tinham idade entre 14 e 24 anos, e 20% tinha entre 25 e 29 anos. Embora houvesse participação também de adultos mais maduros (18% entre 30 e 39 anos, e 19% 40 ou mais), e até mesmo algumas crianças e idosos, os estudantes e jovens de até 30 anos foram o maior público do protesto, e também os maiores responsáveis por suas organizações.

É importante analisar as idades predominantes entre o público das marchas, por corresponderem a uma faixa etária que está ligada à internet e, de modo especial, às redes sociais. Segundo informações de pesquisa da Hitwise (2013), ferramenta de inteligência digital da Serasa Experian, disponível no site da empresa, realizada por 12 semanas, entre abril e julho de 2013, jovens entre 18 e 24 anos representam 23,3% das pessoas com acesso a redes sociais no Brasil, um número que mostra a importância desses sites nas vidas dos jovens. Esses espaços tornam-se um ambiente de intensa interação e comunicação entre eles, o que é valorizado por essa faixa etária, que aprecia a sociabilidade e as relações entre pessoas com idades próximas às suas, e fazem parte de uma geração que cresceu em contato com a internet. Por serem parte importante no cotidiano dos jovens, portanto, e por possibilitarem diferentes formas de interação que alcançassem um grande número de pessoas sem barreiras geográficas, as redes sociais se tornaram o ponto de encontro dos organizadores e participantes das manifestações.

Dentre as redes sociais pode-se destacar o Facebook como o principal canal utilizado para organização das marchas. Conforme o IBOPE (2013), 62% dos manifestantes souberam do protesto do dia 20 de junho por meio do Facebook, 77% se mobilizaram para as manifestações por meio da plataforma e 75% a utilizaram para convidar seus amigos para as marchas.

O Facebook é a rede social mais utilizada pela população brasileira no último ano, segundo dados de pesquisa da Hitwise (2013). A pesquisa mostra que, em fevereiro de 2012, o portal tinha uma participação de cerca de 38% dos internautas usuários de redes sociais, e, no mesmo mês de 2013, esse número subiu para aproximadamente 65%, um aumento significativo de 27%.

O uso dessa plataforma possibilita a organização de páginas de eventos, enviando convite a todos os seus contatos da rede, e permite, ainda, que os convidados convoquem, por sua vez, quem quiserem para a página. Em tais convites de eventos virtuais, existe um espaço para descrição, informação de data e local do evento, e é possível visualizar a lista de pessoas que confirmaram presença, das que talvez compareçam e de todos que foram convidados. Além disso, há ainda ambiente para que os participantes do evento, convidados ou organizadores, postem suas opiniões, dúvidas, pensamentos, perguntas, enquetes, e os demais comentem essas postagens, iniciando, assim, conversas entre os membros.

Essa ferramenta foi bastante utilizada pelos organizadores das manifestações. Aqueles que tinham a iniciativa criavam uma página de evento convidando seus amigos, marcando dia e local para o início do protesto e descrevendo suas ideias para a manifestação. Os amigos convocados tinham a possibilidade, por sua vez, de convidar membros da sua própria lista de amigos, multiplicando, assim, os convidados. Todos que entrassem na página do evento poderiam fazer sugestões, promover debates e compartilhá-la em sua página pessoal, divulgando o evento para todos os seus contatos.

A presença das manifestações nas redes sociais mostra que, seguindo a tendência do mundo altamente ligado por redes em que vivemos hoje, os protestos que aconteceram em diversas cidades do país se expressaram também na internet. Os manifestantes não só gritaram palavras de ordem em frente aos prédios públicos, mas também as pronunciaram nas páginas dos eventos nos quais marcavam a data da marcha física e em suas próprias páginas pessoais nos portais. Uniram-se virtualmente a seus companheiros de ideias e pessoas simpáticas a suas causas para organizar, em ambientes online, as marchas que tomavam as ruas.

A seguir, serão analisadas algumas imagens, que se referem aos eventos das manifestações de Brasília no Facebook. O número de pessoas confirmadas demonstra a alta adesão do público, que teve como consequência, pelo menos nos primeiros momentos, uma quantidade expressiva de manifestantes nas ruas. Importante ressaltar que nem todos aqueles que confirmavam presença no evento iam, de fato, aos protestos, e nem todos os presentes nas marchas haviam confirmado virtualmente. Os números, no entanto, funcionaram apenas como uma estatística, não correspondendo, necessariamente, ao número de presenças físicas nas marchas. Nas imagens que mostram os comentários, podem-se observar as decisões tomadas de maneira conjunta por meio de fóruns, e também os debates e divergências de opiniões entre os manifestantes.

A primeira imagem, a seguir, retrata o evento criado no Facebook para convidar a população a vestir roupas brancas, fosse em casa, no trabalho, na escola ou nas manifestações, na segunda-feira, dia 17 de junho de 2013. Nesse dia, como já visto, ocorreu um dos protestos mais marcantes em Brasília, quando as marquises do Congresso foram tomadas pelos manifestantes, e aconteceram marchas em diversas cidades do país. Convém ressaltar que o convite se estende a “todos os brasileiros”, mesmo aqueles que não residissem no Brasil, e o foco dos protestos é “o aumento da tarifa no Transporte Público”. Observa-se que o número de pessoas que confirmaram aderir à ideia ultrapassou 290 mil.

Imagem 10. Evento White Monday – 17 de junho de 2013

The image shows a Facebook event page for 'Segunda-feira Branca / White Monday'. The header features the Facebook logo and the event title. Below the title, there are two large, bold text elements: 'White Monday' and 'Segunda-Feira Branca'. The event is categorized as 'Public - By ID Style'. On the left, a 'Going' list shows four participants: Helena Cusinato, Ana Carolina Resende, Erik von Behr, and Augusto Kneipp. The event date is 'Monday, June 17, 2013'. The main description reads: 'USE BRANCO MESMO QUE NÃO FOR NA PASSEATA'. Below this, a paragraph states: 'Estamos convocando a todos os Brasileiros, morando em São Paulo, no Rio, no Havaí, em Londres, em qualquer lugar do planeta, a vestir BRANCO nessa segunda feira, quando haverá uma nova manifestação contra o aumento da tarifa no Transporte Público.'

Fonte: Evento no Facebook – Disponível em: <https://www.facebook.com/events/475644075843775/?ref=2>

A próxima imagem consiste em um convite para a marcha brasiliense do dia 17 de junho, que desceu da Rodoviária do Plano Piloto até o Congresso Nacional, em apoio aos manifestantes de São Paulo. Na foto de fundo do evento, nota-se uma faixa que diz “contra os crimes da Copa”, demonstrando a posição contrária dos manifestantes em relação aos desvios de verbas nas obras voltadas para os eventos esportivos. Convém destacar que, na descrição do evento, os administradores expõem questões ligadas à organização da marchas, levantando perguntas como “O que reivindicamos de concreto?”, demonstrando como o ambiente virtual foi utilizado para preparação dos protestos. O mesmo se percebe com a fala “todos podemos tentar discutir”, explicitando uma liderança conjunta e a participação de todos os participantes. Observa-se, ainda, o aproveitamento do espaço para divulgação de mensagens com objetivo de motivar o público, como se observa no último parágrafo do texto.

Aqui, o número de confirmados, ou seja, pessoas que afirmaram que estariam presentes na marcha, está acima de 8 mil. As notícias acerca desse protesto, no entanto, mostram que o número de presentes foi, na verdade, muito maior, como visto no primeiro item deste capítulo.

Imagem 11. Manifestação em apoio a São Paulo – 17 de junho de 2013

The image shows a Facebook event page. At the top, there is a search bar with the text "Apoyo aos manifestantes de SP e todo país + Copa pra quem?". Below the search bar is a large photograph of a protest where many people are holding red banners. Underneath the photo, the text "CONTRA OS CRIMES DA COPA" is displayed in large, bold, black letters. Below this, the event title "Apoyo aos manifestantes de SP e todo país + Copa pra quem?" is repeated, followed by buttons for "Events", "Join", "Maybe", and "Decline". A notification says "Erik von Behr invited you." and the event is listed as "Public · By Igor Castro, Vinícius Lobão and 4 others".

Going (8,288)

- Marcella Fernandes
- Erik von Behr (Invited You)
- Samir Miguel Lesme
- Vinicius Chozo
- Bruna Martins Dos Santos
- Ana Paula de Sá

Recent guests (20+ new)

Monday, June 17, 2013 4:00pm

Depois dos dois eventos dos ultimos dias estamos numa fase de pensar oq fazer do movimento. Oque reivindicamos de concreto? Temos uma pauta a ser conquistada? Queremos mais? Esse é o momento de tentarmos reunir as ideias, as aspiracoes, os desejos de mudança nesse nosso país.

Algumas pessoas já me procuraram pedindo para postar as ideias delas. Vou abrir um espaço fixo aqui para que elas exponham essas ideias e daí na sequencia todos podemos tentar discutir oque é viável/exequível e se é por isso ou aquilo que queremos lutar.

Não deixe a força do protesto acabar. Ele cresceu graças à repressão policial mas vai FLORESCER graças a cada um de nós!

Obrigado

Fonte: Evento no Facebook – Disponível em <https://www.facebook.com/events/519684858079230/?ref=2>, 2013

A imagem seguinte, de número 12, retrata como as páginas de eventos no Facebook tiveram uma função além de apenas marcar data e local de encontro, retratando um fórum entre os participantes. Nota-se que qualquer convidado pode fazer uma pergunta e os outros podem votar na resposta que julgarem mais adequada, ou podem propor novas soluções nos campos dos comentários. Esse tipo de ferramenta explicita a interação e o engajamento proporcionado pelas redes sociais, e foi usado para guiar as ações dos manifestantes e para que pudessem tomar decisões em conjunto, em busca de maior comunicação e unidade.

Imagem 12. Fóruns nas Páginas dos Eventos



Fonte: Evento no Facebook – Disponível em: <https://www.facebook.com/events/519684858079230/?ref=2>

As próximas duas imagens, retratam, respectivamente, o evento do protesto do dia 20 de junho, data de maior número de adeptos em Brasília, e o evento da marcha de 7 de setembro, que convidava a todos os brasileiros, não apenas brasilienses. Nota-se que, na primeira imagem, existem 13 mil confirmados, enquanto, na verdade, esse dia de manifestação teve como estimativa a presença de 35 mil pessoas. Já na segunda imagem, relativa ao dia 7 de setembro, existem 17 mil confirmados, mas o número real de manifestantes no dia foi significativamente menor, sendo estimado em 300 participantes (Portal G1 DF, 2013).

Destaca-se que, na imagem 13, é aproveitado, novamente, o espaço para descrição do evento para expor a necessidade de unificarem-se os atos, “dando um sentido político” a todas as manifestações, ou seja, propondo-se uma pauta comum. Encontra-se, também, frases de estímulo à participação da marcha, com a referencia a “um novo tempo”, representando otimismo de mudanças no cenário brasileiro e motivação para os manifestantes.

É importante analisar, ainda, na ilustração de número 14, a imagem de fundo da página do evento, cuja mensagem menciona um “protesto nacional” e cita várias cidades onde aconteceriam as marchas que, segundo o texto de descrição, seriam, unificadas, “a maior manifestação da história do Brasil”. Convém destacar o desenho que faz referência a Guy Fawkes, inglês católico que participou da Conspiração da Pólvora, trama que tinha como objetivo principal explodir o Parlamento Inglês e assassinar o rei protestante. A conspiração, no entanto, foi desmascarada e Fawkes foi condenado à morte. A imagem de seu rosto é associada às revoltas e aos protestos em diversas regiões do mundo e usada como máscara, em referência a um símbolo de desobediência e indignação.

Imagem 13. Evento Quinta-feira Será Maior – 20 de junho de 2013



Quinta-feira será maior! Ato Nacional contra... ← Events Going ▾ * ▾

See More
Public · By Juntos Brasília, Paola Rodrigues and 8 others

Going (13,476)

- Helena Cusinato ×
- Thaiza Caroll de Castro
- Erik von Behr
- Vinicius Chozo
- Rafaela Lima
- Bruna Martins Dos Santos

Thursday, June 20, 2013 5:00pm

:::: Depois de participarmos da grande reunião hoje, que reuniu todos os movimentos, que estão construindo o ato, tiramos de forma unificada **MUDAR A CONCENTRAÇÃO DO ATO PARA O MUSEU NACIONAL**:::::

A FORÇA DO MOVIMENTO CREEEEEEEEEEEEEEESCE!

As manifestações de rua da juventude brasileira são um sinal evidente que estamos em um novo tempo.

Precisamos dar um sentido político a elas, unificar os atos, cantar em conjunto, vibrar no mesmo tom.

Fonte: Evento no Facebook – Disponível em <https://www.facebook.com/events/141852469345427/?ref=2>

Imagem 14. Evento A Maior Manifestação do Brasil – 7 de setembro de 2013



A MAIOR MANIFESTAÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL ← Events Join Maybe

Public · By Hamilton Xavier and Thai Barbosa

Going (17,118)

- Thaiza Caroll de Castro

Saturday, September 7, 2013

A MAIOR MANIFESTAÇÃO DA HISTÓRIA DO BRASIL
INDEPENDÊNCIA OU MORTE!

Fonte: Evento no Facebook – Disponível em:

<https://www.facebook.com/events/list/2013/June#!/events/617608731591019/>

A imagem a seguir, de número 15, mostra mais uma forma de organização dos manifestantes nas páginas dos eventos, não por meio de fóruns, mas por meio de debates desenvolvidos nos campos dos comentários. Nota-se também a discordância entre os participantes, iniciada nas redes e refletida nas ruas. O manifestante que publica a mensagem recebe um comentário contrário àquilo que defende quanto à fala de que “a passagem de ônibus do DF é a mais barata”. A opinião oposta do participante que comenta é explicitada pelo uso do termo “piada” para caracterizar a fala do autor da publicação.

Ao discordarem sobre o transporte, questão prioritária para a temática dos protestos, os manifestantes mostram que usam o Facebook para tentar chegar a um acordo quanto ao teor e reivindicações das marchas físicas, e provam, também, que muitos se manifestam por motivos diferentes e, em alguns momentos, incertos, o que se reflete pelos apelos à unificação das pautas observados. A realização dos debates, no entanto, demonstra a intenção de se promover um acordo entre os manifestantes.

Imagem 15. Debates nas Páginas dos Eventos

The image shows a screenshot of a Facebook event page. At the top, there is a blue header with the Facebook logo and the text "Quinta-feira será maior! Ato Nacional contra o aumento das passagens, as violações da Copa e a". Below the header, there is a profile picture of a man and a post. The post text reads: "O povo do DF tem que se fazer ouvir, reivindicar seus direitos! Mas justiça seja feita, entre todos os estados do Brasil, a passagem de ônibus no DF é a mais barata se comparada com o salário médio dos moradores. O jornal da Globo fez uma matéria com esses dados, mostrando quanto os moradores de várias cidades gastam. <https://www.facebook.com/photo.php?v=297610987049420>". Below the post, there is a message that says "Attachment Unavailable" and "This attachment may have been removed or the person who shared it may not have permission to share it with you.". Underneath, there are two comments. Both comments start with "Dizer que a passagem em Brasília é a mais barata é piada! O valor da metropolitana é 3,00 e de onde eu moro pra chegar no trabalho sao duas conduções, uma no valor de 2 reais e a outra de 3. São 10,00 reais !! Isso não é barato pra mim, nem pra grande maioria da população. Em aqui não estamos reivindicando passagem mais barata, porque isso o Agnulo disse que nao urua aumentar. Os protestos são pela educação, saúde e corrupção." The first comment is dated "June 24 at 1:24am via mobile" and has one like. The second comment is also dated "June 24 at 1:24am via mobile" and has one like.

Fonte: Evento no Facebook – Disponível em: <https://www.facebook.com/events/141852469345427/?ref=2>

É necessário explicar que as imagens abordadas acima mostram apenas um traço inicial da importância da internet para as manifestações. Além da organização que precedeu os protestos, o meio virtual e as redes sociais continuaram como importantes ferramentas para que os manifestantes pudessem expressar sua indignação e abordar assuntos ligados às marchas, em forma de publicações e depoimentos em suas contas pessoais.

Graças ao alcance do Facebook e a sua falta de restrição geográfica, as redes sociais anteciparam as mídias tradicionais como divulgação das manifestações e fonte de informações a seu respeito, e permitiram a adesão de um número enorme de pessoas de maneira rápida e contagiante.

Outro fator de relevância que também teve origem nas redes sociais antes de atingir as ruas foram os gritos de guerra usados nos protestos de 2013, que ficaram conhecidos como *slogans* das manifestações. São eles: “vem pra rua” e “o gigante acordou”. Ambas as frases foram usadas como *hashtags*⁷ tanto no Facebook quanto no Instagram⁸ e no Twitter⁹, em quaisquer referências aos protestos, fossem pensamentos, opiniões, compartilhamentos de notícias ou imagens e fotos, ou para declarar a presença em uma marcha e convidar os amigos das redes sociais a também aderirem ao movimento.

Na imagem 17, observa-se um fórum que exemplifica o processo de definição das *hashtags* e não das palavras de ordem. Entende-se que se definiram, primeiramente, as *hashtags*, uma forma de expressão característica da internet, para que, então, se tornassem palavras de ordem nas ruas. A análise desse fator reforça a importância do ambiente virtual e até da linguagem da rede na organização das marchas de 2013. Destaca-se, ainda, a referência do manifestante que inicia o fórum às motivações dos protestos, indicando que a tarifa rodoviária não era a única reivindicação e que, portanto, o movimento não podia ser encerrado por conta das reduções nas mesmas.

⁷ As *hashtags* são uma forma de agrupar as postagens pelo seu assunto. É construída pela inserção do símbolo # antes de uma palavra ou expressão e permite que a postagem seja encontrada pelos mecanismos de busca da rede social, agrupada com outras postagens que também utilizaram aquela *hashtag*. Pode ser utilizada no Facebook, no Instagram e no Twitter.

⁸ O Instagram é uma rede social que é disponibilizada em forma de aplicativo para *smartphones*. Por meio dela, os usuários publicam imagens e vídeos, seguem amigos para ver suas atualizações e são seguidos. É possível marcar as pessoas nas imagens e em comentários.

⁹ Um *site* que disponibiliza um serviço conhecido como *microblogging*, que permite que os usuários compartilhem pequenos textos de no máximo 140 caracteres. Os usuários podem seguir aqueles dos quais desejam obter atualizações e podem ser ou não seguidos pelos mesmos. É possível, ainda, enviar mensagens privadas e direcionadas para os membros da rede de contatos.

Imagem 16. Fórum em página de Evento do Facebook sobre *hashtags* de gritos de guerra



Fonte: Evento no Facebook – Disponível em: <https://www.facebook.com/events/519684858079230/>

Necessário ressaltar aqui que os chamados *slogans* das manifestações são, originalmente, *slogans* reais de campanhas publicitárias, veiculadas na televisão brasileira. A primeira frase foi veiculada em um *jingle* para um comercial televisivo da marca de automóveis Fiat. No comercial, a música chama os brasileiros pra rua na ocasião da Copa das Confederações, convidando-os a comemorar e torcer fora de casa, afirmando que a “a rua é a maior arquibancada do Brasil”. No entanto, os manifestantes se apoderaram desse *slogan* e começaram a usá-lo em *hashtags* e levá-los para seus discursos durante os protestos, na própria fala e em cartazes e faixas. Existiu, ainda, uma clara ironia na fala dos manifestantes, já que muitos se declaravam contra as copas da Fifa, e o comercial da Fiat incitava uma comemoração em relação aos eventos esportivos. Receosa quanto a essa associação às marchas, a marca de automóveis chegou a tirar o comercial do ar durante o período mais intenso de protestos, retornando algum tempo depois.

Já o segundo grito de guerra, “o gigante acordou”, foi retirado de um comercial da marca de uísques Johnnie Walker, veiculado em 2011, que usava o *slogan* “o gigante não está mais adormecido”. Na campanha publicitária, o termo “gigante” é referência ao tamanho geográfico do Brasil, e a frase “não está mais adormecido” faz alusão a seu progresso, ascensão financeira, e crescente destaque internacional. Nas ruas, o substantivo “gigante” também se referiu ao país, mas o verbo “acordou” representava a mensagem de que o povo não estava mais inconsciente e não fecharia mais os olhos quanto a tudo que havia de errado no cenário político e social atual.

No vídeo da campanha da marca de bebidas é mostrado um gigante de pedra se formando a partir do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro, que sai andando em seguida, fazendo referência à assinatura da marca Johnnie Walker: *Keep walking, Johnnie Walker, continue andando, Johnnie Walker*. No VT brasileiro, no entanto, a assinatura é modificada para *Keep walking, Brazil, continue andando, Brasil*. O patriotismo exacerbado no comercial era similar àquele propagado pelos manifestantes nos últimos dias de protestos, quando a temática das tarifas rodoviárias já haviam sido ultrapassadas e lutava-se por melhorias no país, como um todo unido, de forma apartidária.

As palavras de ordem mais ouvidas e lidas nas marchas em todo o Brasil foram também as primeiras a serem divulgadas nas redes sociais como menções ao momento que o país vivia. Para Rafael Alcadipani, que trabalha na Fundação Getúlio Vargas, em entrevista ao jornal Financial Times (2013), disponível no portal virtual do veículo, a escolha dos manifestantes brasileiros por *slogans* comerciais é mais um traço da exaustão política da população, da falência do sistema político brasileiro e de negação da população a ele.

A demonstração de como as manifestações de 2013 se expressaram, também, nas redes sociais é o terceiro passo para a construção da linha de pensamento que rege essa pesquisa. A função da internet e das redes sociais, contudo, não se restringiu à organização inicial das marchas, mas atuou como ambiente de expressão dos manifestantes. Essa ativismo via internet, então, conferido claramente durante os protestos e cujas bases teóricas e históricas foram abordadas no item anterior, regeu os protestos desse ano, levando seus participantes a compartilharem informações e depoimentos acerca dessa temática. A exposição de opiniões e posições possibilitou a verificação do estatuto da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes de 2013 nas redes sociais.

3. VISIBILIDADE E VIGILÂNCIA NA INTERNET

3.1 O Espaço Virtual como Ambiente de Exposição

Os estudos desenvolvidos no primeiro capítulo deste trabalho tiveram o objetivo de ambientar a compreensão sobre como aconteceram as manifestações de 2013 e como seus participantes utilizaram a internet como ferramenta de atuação nesse contexto. Explicou-se um pouco, também, de como a rede se desenvolveu até os dias de hoje para que pudesse ser essa importante ferramenta de ativismo usada nos protestos brasileiros deste ano.

Para completar os estudos acerca da visibilidade e da vigilância durante as marchas, faz-se necessário avaliar, primeiramente, como se dá essa questão nas redes sociais atualmente, para então associar essa análise ao tema das manifestações. Neste segundo capítulo, serão reunidos estudos que ajudem na compreensão de como as redes sociais têm sido parte das vidas em sociedade e de como tem-se transferido as necessidades de visibilidade para ela, utilizando-a como solução para a ânsia de ser visto.

Ao iniciar essa próxima etapa, portanto, convém abordar-se uma ideia relevante que diz respeito à necessidade do ser humano de se fazer ser visto e de falar sobre si mesmo. Essa ânsia não é uma novidade do século XXI, como muitos podem acreditar, mas observa-se que o período e as circunstâncias que se vivem atualmente têm sido responsáveis por impulsionar e até aceitar melhor essa busca humana por visibilidade.

Celebridades são pessoas consideradas célebres, conhecidas publicamente e que têm sua visibilidade explorada, voluntária ou involuntariamente, com a exposição de aspectos de sua vida privada. A exposição involuntária é uma consequência da fama, muitas vezes considerada um fardo para quem está a ela submetido. Exemplo marcante desse tipo de exposição está na vida pública e na morte da Princesa Diana, que se tornou membro da família real inglesa ao se casar com o herdeiro do trono, Príncipe Charles. A visibilidade pública da Princesa de Gales foi tão intensa e a exposição de sua privacidade aconteceu de forma tão veemente, que acabou ocasionando sua morte em um acidente de carro, como consequência de uma perseguição dos *paparazzi* que desejavam conseguir imagens suas com seu novo relacionamento amoroso, após sua separação do Príncipe de Gales.

Apesar de o exemplo acima representar uma situação extrema das consequências negativas da fama e demonstrar um tipo de visibilidade indesejada, neste trabalho deseja-se estudar a visibilidade almejada pelos indivíduos em suas situações mais corriqueiras, como, por exemplo, na exposição de suas opiniões políticas acerca das manifestações de 2013, na declaração de presença nos protestos e exibição de suas próprias imagens durante as marchas.

Essa visibilidade não é apenas um sintoma dos dias atuais e da alta inserção tecnológica. Convém mencionar um exemplo retirado do livro “#Vertigem digital”, de Andrew Keen, tão extremo quanto o referido sobre Lady Di, mas que demonstra exatamente o contrário: o desejo humano de ser visto e sua busca por exposição e visibilidade.

Jeremy Bentham, um filósofo inglês responsável por difundir a teoria utilitarista, morreu em junho de 1832 deixando estranhas instruções acerca dos procedimentos a serem tomados com seu corpo após sua morte: ele doou o próprio corpo e sua bengala favorita para a University College, de Londres, para que fossem expostos em uma caixa de madeira com porta de vidro na própria universidade. O filósofo desejava que seu corpo fosse preservado e exibido publicamente para que pudesse ser visto não só por seus entes queridos, mas também por milhares de desconhecidos que passassem pelo local onde seria exposto, sendo lembrado como alguém que fez o bem aos seres humanos, como ele mesmo se considerava.

Interessante ressaltar que foi, também, Bentham quem idealizou o “panóptico” ou “casa de inspeção”, um edifício arquitetado de forma circular na qual um inspetor central tinha visão de todos os aposentos do prédio. Esse projeto foi aplicado na construção de prisões, que permitiam que os pequenos cômodos transparentes fossem interligados e vigiados constantemente. É curioso apontar que a exposição à qual os presos eram sujeitados associava-se a uma vigilância negativa do olhar do inspetor, tirando-lhes a liberdade ao ser aplicada ao contexto de uma penitenciária. Em contradição, o próprio idealizador do projeto escolheu se expor, também, constantemente ao olhar dos demais em sua pós vida, mas por uma opção própria, em busca de visibilidade, e não como uma prisão.

Esse exemplo mostra que a busca pela visibilidade e o desejo de ser visto precedem o advento das redes sociais. Na análise da história de Jeremy Bentham, nota-se uma exposição voluntária de atributos íntimos ao olhar do outro. Ao tornar seu próprio corpo acessível a um grande número de pessoas, o filósofo abre mão da privacidade de um túmulo em um cemitério, como escolhido pela maioria das pessoas, e convida o público a lhe observar e a participar de sua pós vida. O mesmo se dá, de forma mais sutil, com vários internautas, que,

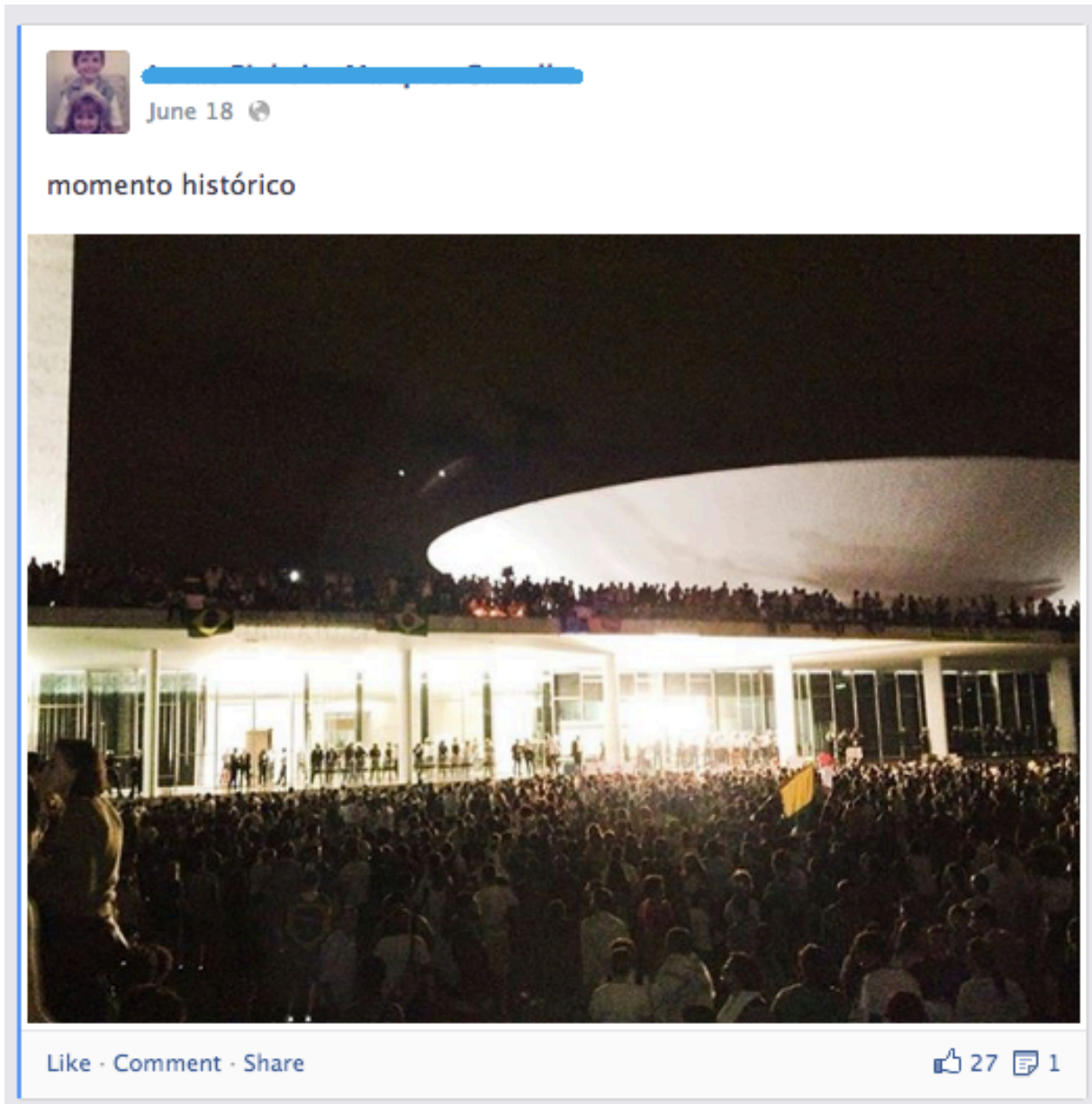
atualmente, optam por expor suas opiniões, fatores privados de suas vidas, acontecimentos, sentimentos e posições políticas para toda sua rede de contatos nas redes sociais, caso dos participantes dos protestos de 2013. O fazem apesar de terem consciência de que aquilo que publicam, uma vez postado na rede, pode sair de seu domínio e poderá ser reproduzido para muitas outras pessoas, até mesmo desconhecidas.

Uma mudança no estatuto da visibilidade, porém, parece ter ocorrido: se antes era restrita àquelas pessoas que atingiam a fama por algum motivo, hoje ela é acessível a todos, e pessoas comuns têm sua intimidade exposta como se fossem celebridades. Observa-se, dessa forma, modificação, também, na ideia de intimidade, que não mais representa algo necessariamente restrito ao privado, já que é exibido, frequentemente, ao olhar público. Essa exposição, no entanto, não se dá pela perseguição dos *paparazzi*, mas sim por escolhas da própria pessoa.

Como visto no capítulo anterior, a possibilidade de usuários comuns da internet produzirem conteúdo favoreceu a constituição de um espaço no qual cada um pode agir como jornalista, escritor, poeta, fotógrafo, modelo ou estilista. Todos podem exercer sua criatividade e podem ter o seu momento de fama quando uma produção própria atinge o sucesso. É o momento que Paula Sibília (2008, p.9), em seu livro “O Show do Eu”, chama de “a hora dos amadores”, a época em que os anônimos e amadores, podem, supostamente, produzir qualquer tipo de conteúdo que desejam.

Nesse contexto, qualquer ser humano comum, que tenha uma vida simples e não se destaque por nenhum motivo aparente, pode ter suas produções vistas e pode se tornar uma espécie de celebridade. Um dos manifestantes presentes na marcha do dia 17 de junho de 2013, em Brasília, por exemplo, por um momento de inspiração ou coincidência, fez uma bela fotografia do Congresso Nacional com suas marquises ocupadas. Ele teve, então, a oportunidade de postar sua foto na internet, para que todos os seus amigos pudessem apreciá-la. E seus contatos que também estavam no dia, que apoiavam os protestos ou simplesmente haviam gostado da foto, por sua vez, a compartilharam para suas próprias ligações, multiplicando o número de pessoas que visualizaram a imagem. E assim, em um dia, a foto de um participante comum das marchas se tornou conhecida na *web*. É o caso da imagem apresentada a seguir, divulgada por um manifestante em sua página pessoal do Facebook, que foi compartilhada por um de seus amigos e foi aprovada em forma de opções “curtir” por 27 de seus amigos na rede social.

Imagem 17: Foto do Congresso Nacional no protesto de 17 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Diante desse cenário, convém apontar que a visibilidade conquistada não se restringe a momentos de produções de sucesso. Não são apenas as situações que se destacam da multidão que merecem ser compartilhadas atualmente. Vive-se em uma era na qual a vida comum é valorizada para exposição. Se antes fazia-se álbuns fotográficos de datas especiais para lembrá-las em momentos de intimidades ou naqueles compartilhados com amigos e familiares mais próximos, hoje, postam-se essas fotos na internet e nas redes sociais, para compartilhá-las com um número muito maior de pessoas. As datas especiais da vida de cada um se assemelham às de tantas outras pessoas comuns, mas, mesmo assim ganham destaque

como se representassem momentos exclusivos e como se tudo merecesse ser exibido e visto pelo olhar do outro.

Uma caricatura interessante a respeito dessa exposição extrema e visibilidade do comum e do quase banal é encontrada no filme “Para Roma com Amor”, dirigido por Woody Allen. O longa-metragem se divide em diferentes histórias, independentes entre si, porém todas situadas na Itália. Uma delas merece destaque para o atual estudo, ao retratar o que aconteceu com o personagem Leopoldo Pisanello, representado pelo ator italiano Roberto Benigni. No enredo, Leopoldo é um comum representante da classe média italiana, com emprego, casa e família comuns. No entanto, em um dia qualquer de sua vida, Leopoldo acorda e, ao sair de casa para o trabalho, se vê perseguido por diversos jornalistas e *paparazzi*, que lhe interrogam sobre sua vida e tentam conseguir imagens suas. Sem entender o motivo de tal abordagem, o personagem os questiona sem, porém, obter respostas. O personagem participa de programas de televisão, é abordado por repórteres e tem sua vida documentada, sempre com foco em situações corriqueiras de seu cotidiano, como o que havia comido no café da manhã ou como se barbeava. Leopoldo compreende, por fim, que é famoso simplesmente por ser famoso, sem motivos reais. E, assim que se acostuma com a situação, acreditando que cada ação sua é de fato digna de visibilidade, perde o sucesso de maneira tão efêmera como chegara em sua vida e volta a ser um homem comum.

O exemplo é caricato, mas demonstra a valorização do comum na contemporaneidade, de como questões banais, que acontecem na vida de qualquer pessoa, são consideradas importantes para serem compartilhadas e conhecidas pelas pessoas a nossa volta, por mais que, na verdade, não se destaquem dos demais. Durante os protestos, inúmeros manifestantes compartilhavam a informação de estarem presentes nas marchas, expondo suas localizações geográficas para seus amigos, mesmo que muitos de seus conhecidos também participassem das manifestações, e aquilo não representasse novidade ou singularidade.

Com espaços como blogs, Facebook, Twitter e Instagram, pode-se publicar em tempo integral aquilo que se considera interessante e que antes não teria espaço para ser divulgado. Paula Sibília (2008) questiona se essa característica do ser humano na atualidade deve ser vista como uma epidemia de megalomania ou como, ao contrário, um surto de humildade, a partir da qual se valoriza o comum. Ao observar-se a glorificação de fatos banais, verifica-se, igualmente, que essa glorificação é acompanhada da busca pela grandeza, pelo sucesso e pela visibilidade. A contradição da valorização do comum em busca de notoriedade é visível e

traduz um fenômeno típico de nossos dias ao mostrar que a megalomania e a humildade, termos usados por Sibília (2008), são constatadas simultaneamente nas práticas virtuais.

Ao expor-se fatos banais do cotidiano de cada um na rede, armazena-se partes dessas vidas, antes pertencentes ao meio *off-line*, na internet. Muitas discussões anteriormente destinadas às rodas de amigos em bares ou em confraternizações, hoje tomam forma em postagens e comentários no Facebook, por exemplo. Os relatos acerca de vida privada, antes reservados a diários e confissões íntimas, hoje são narrados em *blogs* e outros portais. Até mesmo os comentários acerca do tempo, sobre um programa de televisão ou analisando um acontecimento qualquer, são transferidos para a internet, de forma que os seres humanos se encontram quase constantemente em público, observados pelo olhar do outro, o que os torna sempre vigilantes em relação a como serão vistos. Essa transferência de fragmentos de nossa história para a rede é bem elucidada por Keen (2012, p. 10) no seguinte desabafo:

Sim, como Jeremy Bentham, eu me transferira totalmente para outro local. Estava num lugar chamado mídia social, aquela zona permanente de auto exposição de nossa nova era digital onde, por intermédio de meu BlackBerry Bold e outros mais de 5 milhões de aparelhos hoje em nossas mãos, publicamos coletivamente o retrato de grupo em movimento da humanidade.

A citação reflete a consideração acerca da exposição por meio da qual compartilha-se informações pessoais e expõe-se nas mídias sociais, na chamada “nova era digital”. Observa-se, também, a menção aos aparelhos celulares que têm acesso a internet e permitem um contato constante com a rede, favorecendo atualizações imediatas. Compreende-se que, com cada um transferindo partes de sua vida para a *web*, vive-se um verdadeiro momento de transição, de ruptura, com mudanças que afetam os sistemas sociocultural, econômico e, destacadamente para este trabalho, político. Exemplo de como o último é influenciado por tal transição é, como visto no primeiro capítulo, o fato de os representantes políticos serem obrigados a se adaptar às novas formas de manifestação possibilitadas pela internet.

Importante considerar que, à medida em que todos esses sistemas sofrem modificações, são transformadas as próprias “formas de estar no mundo”, os nossos “modos de ser”, como aponta Sibília (2012, p. 15). Cabe o questionamento, portanto, de como a exposição e o transporte da vida considerada privada para internet pode contribuir para as construções dos

próprios indivíduos, de suas subjetividades¹⁰. Enquanto expõe-se a própria vida para um olhar do público, cria-se uma imagem que passa a ser associada a si mesmo, ao modo como se está. Um manifestante pode postar uma série de opiniões, compartilhar notícias e comentar as postagens de seus amigos com uma posição a favor do uso de determinadas formas consideradas de depredações nos protestos, por exemplo. Por mais que ele mesmo não empreenda esse tipo de estratégia, poderá associar-se a ele próprio, por seus conhecidos e pessoas que tiverem acesso a essas publicações, a imagem de que ele possa realizar tais ações durante as marchas ou que pelo menos as estimule.

A forma como se expõe a intimidade nas redes pode ser vista como uma imagem da forma como se está perante o olhar do outro. A subjetividade alcança um outro espaço de expressão além da vida real, um ambiente virtual no qual, de acordo com o que se estuda nesta pesquisa, exhibe-se muito mais elementos das próprias vidas e para um número muito maior de pessoas. Essa consideração revela a importância desse espaço na formação das subjetividades e na maneira como as expressa às pessoas com as quais se relaciona.

É importante apontar, no entanto, que não necessariamente são mantidas as subjetividades virtuais no meio *off-line*. Uma pessoa que normalmente se abstenha de manifestar suas opiniões em uma conversa com os amigos, por exemplo, pode se sentir mais segura pelo intermédio do dispositivo tecnológico e publique vários comentários e pontos de vista por dia em uma rede social. Assim, é difícil afirmar até que ponto aquilo que se expõe na rede influi, de fato, na formação de quem se é, mas não se pode ignorar que hoje vive-se um desdobramento das subjetividades que se manifestam nas redes de uma forma, ao que parece, “excêntrica” e “megalomaniaca”, de acordo com as palavras de Sibília (2012, p. 6). Assim, um jovem que comente sobre a temática das marchas de 2013, com engajamento, em sua rede social, não necessariamente representa uma pessoa que esteve presente em algum dia de protesto.

Sibília aponta que existe, ainda, um outro questionamento acerca da autenticidade dos relatos que são exibidos na internet. Algumas pessoas consideram que os fatores íntimos que são expostos na rede são uma espécie de realidade montada, um espetáculo da intimidade

¹⁰ Segundo Sibília (2008, p. 91), consideram-se subjetividades os modos não estáveis de sermos e estarmos no mundo, atuando de maneira elástica em cada contexto. Ela indica, ainda, que a subjetividade não pode ser considerada algo imaterial, já que necessita de um corpo que a encarne, e aponta que a formação de nossas subjetividades dependem diretamente de nossas interações com o outro e com fatores externos do mundo, que ajudam a nos moldar na medida em que as vivenciamos.

divulgado de forma pretensiosa para se parecer algo que se gostaria de ser mas não é verdadeiramente. A dúvida se o que se compartilha no meio virtual consiste de fato em reproduções de vida verdadeira ou ficções tomadas por reais não é de fácil resposta. Destaca-se, contudo, que esses relatos são considerados práticas autobiográficas, já que o autor, o narrador e o personagem são a mesma pessoa.

Com a exposição e a busca por visibilidade nas redes sociais, os acontecimentos relacionados aos indivíduos são divulgados na medida em que acontecem, levando a uma organização narrativa das vidas. As memórias e lembranças podem ser vistas por seus proprietários e por outras pessoas diversas como se fossem uma história, narrada de maneira cronológica, levando, novamente, à construção de quem se é, como se a vida dependesse desse caráter narrativo para ser considerada real.

Levando-se em consideração todo esse cruzamento entre a vida no meio *off-line* e a vida no meio *on-line*, e a influência dessa interseção na formação de quem se é, chega-se a uma observação relevante para o fenômeno da exposição e visibilidade no ambiente virtual, aquilo que Keen (2012, p. 20) bem exemplifica com uma ideia de postagem no Twitter com a seguinte frase: “Atualizo, logo existo”. Essa expressão resume a necessidade de parecer ser algo antes de o ser de fato, e de mostrar isso na internet. Se aquilo que se é na *web* pode influenciar na formação de personalidade da mesma forma que a personalidade determina quem se é na *web*, entende-se que não basta ser de determinada maneira para então aparentá-lo, o que acontece hoje é que o aparentar ser, o mostrar ser, vem, muitas vezes, em primeiro lugar, antes até mesmo do ser.

Fernanda Bruno (2004, p. 6) afirma que “a sociedade do espetáculo se caracteriza como uma ‘sociedade da imagem’”. Essa consideração explicita a valorização da imagem na sociedade contemporânea, demonstrando a importância de se aparecer ser algo. A autora (2004, p. 7) esclarece que a “imagem não é o desaparecimento do real, mas seu modo mesmo de aparecimento”, ou seja, sugere a não existência de um dualismo entre real e imagem, mas explica que a última é a forma de o primeiro se expressar.

Durante as manifestações de 2013, em Brasília essa característica foi bastante visível. Entre os gritos de palavras de ordem e o planejamento de ações dos protestos, os manifestantes pausavam o que estavam fazendo para fotografar todos os acontecimentos. Muitos o faziam assim que chegavam nos locais das marchas, antes mesmo de iniciar sua participação nos protestos. O número de fotos das manifestações vistas no Instagram em cada

dia de marcha e a quantidade de pessoas que eram observadas fotografando em seus aparelhos celulares provam que o argumento trabalhado do parágrafo acima se aplicou: não bastava ser manifestante e lutar pela causa, era necessário parecer sê-lo e aparecer dessa maneira para a alteridade, talvez até em primeiro lugar.

A análise da situação ilustrada acima torna perceptível que, ao aparecer e parecer para então ser, acontece uma adaptação das vidas para as câmaras, como aponta Sibília. Além de tornar a vida um espetáculo, deseja-se que ela se pareça cada vez mais com os verdadeiros espetáculos aos quais se tem acesso, como filmes, novelas, seriados e até campanhas publicitárias. As vidas contadas e vividas por meio de narrativas leva as aproxima daquilo que é visto nas mídias e, já que cada momento pode ser exibido, passa-se a vivê-los de maneira pronta para a exibição, quase como se estivesse sendo constantemente assistido. A sensação daqueles que se expõem na internet é a de viverem de maneira pensada para a exposição, apesar de terem a alternativa do que escolhem ou não divulgar. Essa situação os faz viver preparados para os olhos dos outros, e esse olhar ganha, portanto, uma outra dimensão, levado constantemente em consideração. Dessa forma, entende-se que as publicações observadas dos manifestantes de 2103 foram realizadas com objetivo de expor informações sobre as próprias posições políticas, e aquilo que foi divulgado foi feito com a consideração da forma como seria recebido pela vigilância do público. Assim, os manifestantes exibiram imagens a seu respeito que gostariam que fossem percebidas pelos seus contatos.

Convém apontar, enfim, para conclusão deste item, que a questão da visibilidade nos dias de hoje ultrapassa a internet, mas se potencializa no meio virtual. Se hoje vive-se como se cada momento da vida fosse relevante, encontra-se, ao contrário, em uma situação em que nenhum momento de fato é. Com a velocidade das mudanças na mídia, tudo se torna ultrapassado muito rapidamente, assim como nossas próprios relatos na *web*. O que é postado pela manhã já não tem mais a mesma relevância e muito menos a mesma visibilidade quando visto a tarde, e surge então a necessidade de uma nova postagem para suprir a ânsia de se exibir e de ser visto. Como bem lembrou Keen (2012, 21) ao afirmar que “os *networkers* sociais do século XXI (...) estão se tornando viciados em conquistar atenção e fama”, depara-se hoje com um verdadeira ânsia pela visibilidade, pela visibilidade da vida comum, do real, com rejeição da ficção em substituição pelas biografias, autobiografias e exposições da realidade. Por meio de relatos escritos, acompanhados de imagens, sejam elas em movimento

ou não, opõe-se ao chamado *Homo psychologicus*¹¹ para dar espaço a seres humanos constantemente sociais que, apesar de muitas vezes isolados cada um em sua máquina, estão em constante interação e em construção de um ambiente social confessional e aberto, onde muitos são relapsos na proteção de sua privacidade e onde a construção de uma imagem virtual substitui o que se é na vida real.

3.2 A vigilância e o olhar do outro na internet

Os estudos sobre a visibilidade na internet (SIBÍLIA, 2008; BRUNO, 2004; BRUNO, 2005; KEEN, 2012) se cruzam com uma questão também fundamental para a análise deste trabalho: a vigilância do olhar do outro nas redes sociais. Para dar início à abordagem desses fatores, convém apresentarem-se algumas reflexões acerca da privacidade.

A ideia de privacidade é entendida como referente à vida íntima, isolada da observação pública. Privacidade pode ser entendida, portanto, como algo particular, referente ao interior de cada pessoa, que deve ser resguardado do olhar alheio. Para compreender isso, é importante estudar a passagem da intimidade do âmbito da privacidade para o âmbito público, um espaço compartilhado, no qual se expõe ao olhar do outro.

Interessante apontar que aquilo que se entende como privacidade, hoje desvalorizada, de acordo com o que se observa nos presentes estudos, já foi alvo de aspiração e considerada uma conquista dos seres humanos. Paula Sibília (2008) aponta que foi apenas entre os séculos XVIII e XIX que se deu início a uma maior separação entre o privado e o público. A casa passou a adquirir maior importância como refúgio para a família, espaço de isolamento do mundo exterior que permitia a seus moradores se protegerem dos olhares, comentários e demais desconfortos dos ambientes públicos. No interior desse lar construído como um abrigo às verdadeiras subjetividades, era possível se livrar das máscaras vestidas na sociedade para se entrar em contato com o eu. Esse contexto demarca claramente o período de predomínio do *homo psychologicus*.

Um outro espaço surge ainda, no século XIX, com enorme relevância para a valorização da intimidade e da privacidade: o quarto próprio. Peter Gay (1992), historiador de origem

¹¹ Sibília (2008, p. 51) o *homo psychologicus* situou-se no século XIX e pode ser definido como um sujeito voltado para si e para sua vida interior. Ele buscava a construção de si no próprio íntimo, valorizando a vida privada, na qual podia exercer sua autenticidade, em detrimento da vida pública, que implicava moldar sua individualidade para os moldes da sociedade.

alemã radicado nos Estados Unidos, autor da obra “A Experiência Burguesa: da Rainha Vitória a Freud”, estuda hábitos da burguesia do século XIX. Segundo o autor, foi nesse século que se tornou crescente o desejo de ter um quarto próprio, independente dos demais cômodos da casa, que pudesse ser isolado para permitir uma introspecção ainda mais profunda daqueles que dividiam o lar.

No quarto próprio, dedicava-se à solidão, considerada um prazer nessa época. Era permitido, nesse espaço, estar consigo e dar liberdade a deleites que não podiam ser extravasados em público. A privacidade era uma vantagem, um objeto de desejo, e o contato consigo mesmo era visto como uma oportunidade de ser autêntico e se dedicar ao autoconhecimento, à autoafirmação e à construção da própria subjetividade. Os assuntos íntimos e emocionais eram valorizados, e o espaço privado era inflado enquanto o público era deixado de lado. Esse esvaziamento do âmbito público se deve ao fato de, nos séculos XVIII e XIX, o âmbito privado ter sido inchado por oferecer aos indivíduos uma proteção às ameaças, exigências e dissimulações da vida social. Segundo Richard Sennett (1999), essa estigmatização da vida pública se deu por questões políticas e econômicas relacionadas à eclosão do capitalismo industrial, que acarretou na ascensão da burguesia e na diminuição da influência pública e política. Nesse contexto, foram construídas personalidades voltadas para a intimidade, como forma de exercício de suas autenticidades para legitimar a si mesmas, e como fuga dos pesares do mundo externo.

Essa construção da valorização da privacidade é intrigante se comparada aos dias de hoje, quando observa-se um cenário tão diverso. Se no século XIX a intimidade era estimada, fechada a quatro paredes, como uma forma de proteção do mundo exterior e necessária para a construção da subjetividade, atualmente observa-se que a exposição no ambiente público, em determinadas situações, parece não mais representar uma ameaça, pelo contrário, ela própria se torna almejada e a visibilidade sofre uma procura cada vez maior. No século XIX o olhar do outro representava uma intromissão, responsável por reprimir a verdadeira expressão do ser e limitar seu contato consigo mesmo. No século XXI, no entanto, o olhar do outro é objeto de desejo, ansiado e disputado por todos aqueles que abandonam a conquista da privacidade para fazer da sua intimidade um fator espetacular. Esse é o caso observado neste trabalho, a respeito dos manifestantes brasileiros de 2013. Os indivíduos estudados, quando expuseram opiniões, imagens próprias nas marchas e compartilharam notícias sobre o assunto nas redes sociais, o fizeram com objetivo de conquistar a atenção do outro, transmitir uma determinada

imagem política sobre si com visando receber algum tipo de aprovação ou validação sobre as subjetividades que construíam como manifestantes.

Na escrita íntima e nos relatos de si pode-se observar rigorosamente como se dão essas mudanças e quão relevante é a transformação do que representa a observação alheia. Tanto a elaboração de carta quanto os desabaços em diários íntimos eram realizados em momentos de solidão, entre quatro paredes, onde não importava a qualidade do recinto, desde que fosse isolado de outras pessoas. As cartas eram dedicadas apenas a seu destinatário original, e os diários íntimos eram um desabaço do escritor para ele mesmo, como uma forma de confissão capaz de proporcionar alívio em relação àquilo que ele guardava. Nos tempos em que se vive atualmente, porém, de expressão midiática, a escrita em redes sociais tem o mesmo caráter confessional, mas é vista e potencialmente analisada por um número muito maior de pessoas e a ideia de segredo parece não existir nessas plataformas.

Os desabaços políticos, por exemplo, antes eram reservados aos cadernos de notas pessoais, para análise do próprio observador ou de, no máximo, um pequeno grupo de amigos nos quais confiasse. Durante as manifestações de 2013, entretanto, viu-se o oposto. Considerações acerca dos acontecimentos e de posições políticas foram expostas a um público extremamente vasto nas redes sociais, sem que se escondessem visões consideradas polêmicas ou até preconceituosas. As mais íntimas opiniões, confessadas apenas a si mesmo no século XIX, parecem ser, no atual momento da história, passíveis de serem conhecidas por todo o mundo exterior.

Importante ressaltar que o ato de relatar um fato próprio ou de falar sobre si, confessando sua intimidade, já levava, no século XIX, a uma sensação de libertação. Falar sobre si, como explica Sibília (2008, p. 72) “implica se esvaziar de um peso morto, gerando um alívio aparentado com a emancipação.” No entanto, naquele período, apenas o ato de escrever seus pensamentos, em um momento destinado à reflexão, em um diário íntimo que só seria acessado pela própria pessoa, já poderia trazer essa impressão. Nas redes sociais, hoje em dia, porém, para que se atinja essa libertação, é necessário escrever para que muito mais pessoas vejam e aprovelem o que está sendo compartilhado. O ato de escrever ainda assume a função de autoconstrução e autoafirmação da subjetividade, mas não é mais suficiente se ninguém puder ver aquilo que é escrito. O alívio do desabaço na escrita nos dias de hoje depende diretamente do olhar do outro para se concretizar.

O social é, portanto, elemento fundamental na internet. Por esse motivo, nesse ambiente, a privacidade e a intimidade são, ao menos aparentemente, menos valorizadas. A interação é o verdadeiro alvo de desejo, assim como a aprovação do outro ou pelo menos a sua atenção. A esse respeito, Andrew Keen (2012, p.18) esclarece a sociabilidade como fator regente das vidas no meio virtual, ao refletir que “Considerando que a internet estava se transformando no tecido conjuntivo da vida no século XXI, o futuro – nosso futuro, o seu, o meu e de todos os outros na rede onipresente – iria ser, sim, você adivinhou, social”. Tendo o social como fator fundamental para a atuação na rede, fica claro que o olhar curioso do outro está sempre presente e é sempre motivo de preocupação, o que leva à vigilância constante em relação a ele.

Como visto e mencionado, vive-se, atualmente, de forma narrativa, como todos os momentos fossem passíveis de originarem um filme. Ao considerar a importância da atenção alheia, observada principalmente nas redes sociais, conclui-se que, de fato, monta-se a própria vida para um filme, por acreditar-se viver em um, já que existe um olhar do público sempre presente e que deve ser constantemente levado em consideração. A intimidade conquistada no século XIX, que permitia um espaço de fuga para que as pessoas se libertassem dos olhos julgadores do mundo público, é substituída para as atitudes pensadas e montadas para serem vistas, objetivando a atenção desses mesmos olhares, antes rejeitados. A dúvida sobre a autenticidade do que é mostrado da rede persiste. Deve-se considerar, porém, que ainda que exista veracidade, essa já foi criada para se mostrar. E, mais importante, para ser comentada e analisada por uma enorme rede de contatos.

Necessário considerar, ainda, que os dados divulgados na internet podem ser facilmente interceptados por empresas, membros do governo e até *hackers*. Nesse sentido, torna-se ainda mais claro que a privacidade nesse espaço é prejudicada e as pessoas que se expõem na rede sentem-se constantemente vigiadas e observadas. Um caso recente que bem reflete as condições de acesso às informações pessoais na rede é a denúncia da espionagem estadunidense em relação ao monitoramento de dados telefônicos e de internet de cidadãos não só norte-americanos, como também europeus ou latino-americanos. Edward Snowden, que atuava como prestador de serviços para a Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos (NSA), quando fez a denúncia, foi o responsável por tornar público o esquema estadunidense que levou a grande escândalo. Ele explicou que, por meio do controle de *sites* como Google e sua plataforma de e-mail, Facebook e portais da Apple, o governo dos Estados

Unidos tem acesso às informações consideradas privadas de toda sua população e até de governos de outros países, como é o caso da presidente do Brasil, Dilma Rousseff.

Com a denúncia de situações como essa, observa-se que, por mais atentos e conscientes os usuários das redes sociais forem em relação aos olhares alheios, muitas vezes se preocupam apenas com a observação de seus contatos, diretos ou indiretos, mas parecem ignorar, frequentemente, que o que é postado pode ser acessado por sistemas de controle. Manifestantes que postam suas posições políticas na internet, algo que acontece com grande frequência, segundo o que observamos neste trabalho, devem considerar que essas informações podem ser acessadas pelo governo e poderiam ser usadas contra eles em situações de represália. No caso dos *black blocs* isso é considerado ainda mais grave, já que esse grupo é declaradamente anárquico e adepto a ações consideradas de depredações e violência, e, por isso, tem sido perseguido pela polícia com maior intensidade, inclusive existindo denúncias não oficiais de sumiços e perseguições de membros deste tipo de protesto.

Em relação à vigilância do olhar de amigos ou conhecidos, no entanto, a falta de privacidade parece não incomodar, muito pelo contrário, a observação da alteridade é o verdadeiro objetivo da maioria das publicações na internet e não ser notado é o maior e mais indesejado incômodo. Convém apontar, porém, que ato de se confessar, seja em diários íntimos ou na rede, representa uma sujeição a um sistema previamente estipulado, demonstrando que a necessidade de aprovação e identificação com os demais é tanta que leva as pessoas a compartilharem sua intimidade como forma de desabafo e libertação de um peso, como já falado. Isso mostra, sobretudo, a necessidade de se encaixar em determinado molde e exprime a existência de um mecanismo de poder na sociedade. O olhar do outro, constantemente vigilante, acompanha todas as postagens, consumindo a vida alheia, e, muitas vezes, dá a sua aprovação ou não, a partir da identificação que se tenha em relação ao que é publicado, fornecendo a quem compartilhou a informação o tão ansiado conforto, a partir da sensação de que não está sozinho em sua forma de pensar.

A identificação é um fator de extrema relevância e, provavelmente, um dos mais importantes para explicar a vigilância do olhar do outro e a valorização da vida real em detrimento da ficção. Observar pessoas comuns, que têm vidas parecidas com a sua, passarem por situações similares às que se vive, parece ser uma das fontes do alívio advindo pelo compartilhamento de informações pessoais. Quando se tem contato com alguém que passa

pelas mesmas situações que se acreditava viver sozinho, o sentimento de estar só é substituído pelo sentimento de pertença. Essa sensação é valorizada pelo ser humano que é, relevantemente, um ser social e que age, até nos mínimos detalhes, de acordo com as ações e reações dos outros. Nesse sentido, também, observa-se que, ao expor seus relatos sobre si, o indivíduo está, na verdade, se submetendo a um sistema de poder da sociedade. O compartilhamento de informações pessoais parece buscar uma forma de se encaixar socialmente e de não se sentir excluído, nem nos aspectos mais íntimos de sua vida.

O olhar da alteridade também está atento mesmo quando não existe identificação com o que é exposto. Nesse caso, a vigilância alheia se manifesta no intuito de discordar ou repreender as informações compartilhadas. Durante as manifestações, objeto de estudo deste trabalho, os usuários das redes sociais mais engajados no assunto estavam alertas às publicações alheias para dar a sua aprovação ou desaprovação. Se um manifestante tinha contato com a publicação de um amigo cuja posição política divergia da sua, ele poderia discordar e expor a sua forma de pensar no espaço para comentários. Ao contrário, se existisse concordância, ele poderia curtir a postagem, comentar a favor e até compartilhá-la, se julgasse adequado.

A partir de tais interações, constroem-se as subjetividades levando-se em consideração as imagens que são passadas sobre si mesmos. Essa subjetividade que se torna visível ao público é considerada por Sibília (2008), como personalidade. Sobre esse tema, a autora mostra que as mídias de audiências mais abrangentes disponibilizam uma espécie de mercado de personalidades pré-montadas para que se escolha dentre elas em momentos diversos. E existe um protocolo a se seguir para se adequar àquela personalidade, mas o primeiro passo é, ao que tudo indica, parecer ser daquela forma, adquirir a imagem correspondente àquela personalidade e ser visto nas telas daquela maneira, para então sê-lo de fato. Um jovem que assuma a personalidade de manifestante engajado, que luta por mudanças em seu país, não pode apenas participar das manifestações, mas tem que agir de uma determinada maneira, estimular os outros a se preocuparem com os mesmos temas de suas preocupações, postar comentários políticos que defendam seu ponto de vista e, possivelmente, critiquem pontos de vistas diversos na internet, e compartilhar imagens de protestos.

Observa-se que a personalidade, por ser a construção de nossa subjetividade voltada para o outro e destinada a ser vista, busca prioritariamente provocar efeitos desejados no olhar alheio. Adota, para tal, práticas de autopromoção, construindo uma imagem que expõe

somente aquilo que deseja que seja visto e forma a sua subjetividade a partir da imagem exibida. A essa personalidade, subjetividade visível, desenhada para ser contemplada, Sibília (2008) chama de personalidade alterdirigida, em oposição ao sujeito do período romântico que, por se dedicar mais a si mesmo e a própria intimidade, era chamado de introdirigido, como à noção do *homo psychologicus*. A internet e as redes sociais aparecem na atualidade como um dos espaços mais relevantes que possibilitam a construção das subjetividades a partir da imagem que se torna pública.

Convém ressaltar, também, que, apesar de as telas, sejam elas de computadores, como analisadas aqui, ou de televisão, consistirem em um importante dispositivo de exposição das subjetividades visíveis, elas não são o único espaço em que isso acontece. Um exemplo de outro espaço utilizado para construir a imagem que se deseja apropriar como personalidade é a própria pele, com a adoção de tatuagens. As pessoas que escolhem tatuar em seu corpo determinado desenho, texto ou retrato são uma prova da necessidade de aparentar ser algo além de o ser de fato.

A importância que se dedica à imagem, dessa forma, prova o extremo cuidado atual com o olhar do outro, claramente observado na atuação nas redes sociais. Fernanda Bruno e Rosa Pedro (2004), em seu estudo “Entre Aparecer e Ser: Tecnologia, Espetáculo e Subjetividade Contemporânea”, afirmam que “a sociedade do espetáculo se caracteriza como uma “sociedade da imagem”. As personalidades que são construídas constituem-se em verdadeiras marcas para identificar os indivíduos a partir de atributos escolhidos e exibidos, e são autopromovidas para que sejam vistas pelas outras pessoas da forma que seu criador deseja, e para que sejam, da mesma forma, aprovadas e apreciadas, mesmo que, em um contato mais profundo, descubra-se que não condizem com o que são na realidade. O objetivo dessa exposição é causar reações nos outros e obter um retorno para o indivíduo, e não necessariamente para aquilo que ele publica. A seguinte análise de Sibília (2008, p. 244) bem explicita essa consideração:

Produzir o efeito desejado: disso se trata, justamente, quando se considera a construção de uma subjetividade alterdirigida ou exteriorizada. É para isso que se elabora uma imagem de si: para que seja vista, para exibi-la e que seja observada, para provocar efeitos nos outros.

Dessa forma, compreende-se, pela fala da autora, que essas subjetividades voltadas para a alteridade têm como principal função conquistar o olhar alheio e causar, nele, as impressões desejadas. A construção dessas subjetividades visíveis precisam serem validadas e legitimadas

pelos olhos do outro para existirem. E, se de fato eles o são, conseguem conquistar a atenção do público. Os olhos do outro se desdobram curiosamente para o que é publicado, por mais que seja, à primeira vista, considerado irrelevante e sem atrativos. Se, no período romântico, por exemplo, uma vida simples poderia ser considerada fascinante, dependendo da forma como fosse narrada, Sibília aponta que, hoje, até mesmo a boa narrativa é dispensada e ainda assim são conquistados os olhares do outro, dispostos a dar seu julgamento sobre tudo aquilo que se divulga sobre a intimidade do próximo.

Observa-se, assim, atentamente a cada momento, fato ou informação compartilhados sobre a intimidade de outrem, com verdadeiro magnetismo, e gerando, com frequência, uma resposta sobre o que é postado. Essa reação, que pode aparecer em forma de comentários, por exemplo, irá, por sua vez, demonstrar algo sobre a pessoa que comenta, contribuindo para a legitimação da personalidade de quem recebe as críticas e concretizando uma nova subjetividade visível: a de quem fornece a avaliação. Assim, se um jovem participante dos protestos publica em sua página do Facebook um texto no qual se declara a favor das bandeiras de partidos nos protestos, ele irá transmitir uma imagem a seu respeito. Será visto como defensor da liberdade partidária e da adesão política. Caso um amigo comente sua declaração, alegando uma posição diferente, defendendo, por exemplo, a adoção da bandeira nacional, esse comentarista irá, também, formular sua própria imagem, como patriota e contrário às divisões de partidos.

Dessa forma, as subjetividades visíveis se influenciam mutuamente e atuam em conjunto para a formação de suas próprias personalidades, a partir do estabelecimento de relações sociais com os demais. Nesse sentido, então, esclarece-se um pouco o porquê da grande curiosidade e vigilância do olhar do outro sobre as intimidades expostas. Como visto na fala de Keen, citada anteriormente, os seres humanos são cada vez mais sociais e, com impulso das internet e das próprias redes sociais, a relação com o outro torna-se fator de extrema importância para a descoberta da própria individualidade, o que leva à observação constante sobre os demais. É nesse contexto, portanto, em que se torna cada vez mais social, que a vida real ganha tamanho destaque em detrimento da ficção. Observa-se a vida real de outras pessoas em *reality shows* e nas redes sociais para, a seguir, publicar-se fatos e comentários até mesmo considerados banais sobre a própria vida, que serão, igualmente, observados pelos demais e com a mesma rigidez.

A vigilância do olhar da alteridade em relação àquilo que se compartilha e a importância a ele destinada são fatores dominantes no que diz respeito à exposição da intimidade na internet. Os relacionamentos nas redes sociais são dependentes da validação dos demais e da conquista de visibilidade. De acordo com Sibília (2008, p. 235), essa característica é analisada como “redefinição do eu: O rebento que surge dessa metamorfose é, acima de tudo uma subjetividade que deseja ser amada e apreciada, que busca desesperadamente a aprovação alheia”. Esses fatores puderam ser notoriamente identificados na atuação dos manifestantes de 2013 nas redes sociais e na forma como produziram sentido, se expondo em busca da almejada contemplação do outro, bem como de seu julgamento. No capítulo a seguir serão analisadas situações, portanto, que se encaixam nos estudos de visibilidade e vigilância, considerando o contexto dos protestos brasileiros de 2013.

4. COMO SE APRESENTA A VISIBILIDADE E VIGILÂNCIA PARA OS MANIFESTANTES NAS REDES SOCIAIS

4.1 *Corpus* e metodologia: análise de conteúdo e do discurso

Nesse terceiro capítulo, estuda-se sobre a visibilidade e a vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais, durante os protestos brasileiros de 2013. A forma como os manifestantes interagem uns com os outros, como expressam suas opiniões e posições políticas, como exercem seu ciberativismo e como convidam outros a participarem de suas ações são caminhos para se analisar sua visibilidade e a vigilância à qual são expostos na internet. Para solucionar o problema de pesquisa levantado por este trabalho, então, estabeleceu-se a análise de publicações de jovens manifestantes a respeito dos protestos. Esta etapa da pesquisa, tem o objetivo de identificar, em tais informações compartilhadas, os aspectos abordados no primeiro capítulo a respeito do ativismo virtual e as características de exibição da vida íntima e da atenção do olhar alheio, estudados no segundo capítulo.

Buscou-se definir um *corpus* de pesquisa que fosse considerado representativo dos principais grupos encontrados nas manifestações e que tivessem presença virtual efetiva. A definição do *corpus* foi considerada, também, a partir da acessibilidade em relação a ele e da disponibilidade das informações necessárias. Como *corpus* de pesquisa estabeleceu-se, então, que seria estudado um grupo de jovens universitários ou recém-graduados, de faixa etária entre 20 e 26 anos, moradores ou originários da cidade de Brasília, e que tivessem comparecido a pelo menos um dos dias mais marcantes de manifestações na capital, as datas 15 de junho, 17 de junho ou 20 de junho, ou que houvessem apresentado sua opinião sobre os protestos relacionados a essas datas.

O *corpus* foi assim definido pelo fato de jovens universitários ou recém-formados representarem uma parcela relevante dos manifestantes mais atuantes nos protestos de 2013. Como visto no primeiro capítulo, em pesquisa do IBOPE (2013), 43% dos participantes dos protestos tinham idade entre 14 e 24 anos e 20% estavam na faixa etária de 25 e 29 anos de idade. Portanto, a análise da faixa entre 20 e 26 anos corresponde, em parte, ao público maioritário e, em parte, ao segundo maior público das marchas. Além disso, a faixa etária definida compreendeu, também, a idade da própria pesquisadora deste trabalho, o que aumenta o número de conhecidos dentro dos limites estabelecidos e favorece o acesso a

postagens por eles publicadas. Ainda por questão de proximidade e possibilidade de acesso aos representantes do *corpus*, foram selecionados para a pesquisa jovens das camadas média e média-alta urbanas¹². Convém ressaltar, por fim, que, como também apontado no primeiro capítulo deste trabalho, os membros do grupo etário e das camadas sociais destacados representam uma geração que já cresceu em contato com a internet e têm constância considerável em sua atuação *on-line*. Estão, frequentemente, inseridos nas redes sociais, sendo produtores de conteúdo, objeto empírico de observação desta análise.

Dentro do *corpus* delimitado, foram selecionados 15 jovens. Cada um com uma publicação a ser analisada. Foram priorizadas publicações que tivessem caráter confessional, ou seja, que expressassem as opiniões dos autores, e que fossem textuais, para facilitar a identificação dos discursos dos jovens. Um critério muito importante definido para a delimitação do material foi a produção de sentido próprio, mesmo que esse acompanhasse materiais compartilhados que fossem de autoria de outra pessoa. Dessa forma, apenas aqueles manifestantes, dentre os previamente selecionados, que divulgaram algum tipo de postagem de sua autoria, foram estudados, levando-se em consideração o foco deste trabalho em relação à questão da visibilidade e da exposição de fatores da intimidade na *web*.

A partir da definição do *corpus* de pesquisa e da consideração dos objetivos do trabalho, estabeleceu-se, como metodologia, a realização de uma análise de conteúdo das publicações selecionadas e, posteriormente, uma análise do discurso. A análise de conteúdo teve como objetivo sistematizar os dados encontrados nos textos, bem como avaliar a essência das postagens, qual sua mensagem principal e qual seu teor a respeito das marchas. Essa etapa da análise teve o intuito de detectar a forma como os avaliados se posicionam sobre o assunto e compreender como essas publicações poderiam caracterizar ações de ativismo na *web*.

A etapa dedicada à análise do discurso teve como base metodológica principal o livro de Eni Orlandi (2013), “Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos”. Segundo a autora, o discurso se define como a “palavra em movimento”, ou seja, a observação do ato de falar, a avaliação do sujeito falando e não apenas a fala em si. Ao analisar o discurso, portanto, é

¹² Segundo Fabíola Calazans (VELHO, 1999, p.103 apud CALAZANS, 2013, p. 20) a camada média urbana pode ser compreendida como a formação de um grupo de indivíduos que se encaixam na mesma categoria quanto a critérios socioeconômicos, tais quais renda, ocupação e educação. Ela explica que essa noção é frequentemente aplicada para definir a sociedade médio-urbano-industrial “regida por uma lógica simbólica, bem como por determinados padrões éticos, valores e visões de mundo conduzidos e sustentados pela ideologia de modernização e de desenvolvimento individual, social e econômico” (SALEM, 1986 apud CALAZANS, 2013, p. 20).

necessário considerar a relação da linguagem nele encontrada com os fatores exteriores que possam influenciá-lo. Nesse sentido, é necessário avaliar o contexto no qual o discurso está inserido. No caso das publicações analisadas nesta pesquisa, deve-se analisar a fala de cada jovem considerando as características do momento de protestos vivido em 2013, que foram contextualizados no primeiro capítulo. Convém apontar ainda, a importância da observação da ideologia e da memória (chamada, na perspectiva da análise do discurso, de interdiscurso) para essa etapa da análise. Orlandi (2013, p. 31) afirma que “o interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada”. Compreende-se, assim, que fatores do passado relacionados a assuntos políticos influenciaram a forma como os manifestantes produziram sentido sobre as marchas nas redes sociais.

As publicações foram examinadas quanto à forma como são escritas, quanto ao tipo de discurso dominante, às palavras mais frequentes e mais relevantes para a interpretação do conteúdo, à comparação com os discursos de outros atores estudados e à com o discurso dos jornais destacados no primeiro capítulo, e quanto à influência do contexto vivido na formulação dos discursos.

Após o estudo de cada publicação, foram analisadas as possíveis reações da rede de contatos do jovem selecionado a respeito da nota publicada, seja por meio de opções “curtir”, por meio de compartilhamentos ou de comentários. A avaliação das respostas às postagens possibilitará a compreensão sobre como foi verificada a vigilância do olhar alheio diante do que os jovens expõem a seu respeito, e de como o ator reage em relação a esse olhar, demonstrando o grau de atenção que dispensa a ele.

As reações serão verificadas a partir da análise dos comentários dentro das publicações, com objetivo de compreender como se deu a vigilância do olhar do outro em relação ao conteúdo que foi publicado e em relação à imagem que o manifestante apresenta de si. Dentre os comentários expostos nas publicações selecionadas, foram destacados dois em cada postagem que, sempre que possível, mostrassem pontos de vistas diferentes. A definição de tal número se deu por conta da variedade nas quantidades de comentários que cada postagem continha. Para que a análise pudesse ser padronizada e fosse possível avaliar as opiniões expostas de maneira efetiva, restringiu-se, dessa forma, o número de dois comentários observados. Os textos apresentados nesta etapa, porém, não serão analisados com a mesma profundidade que as publicações dos próprios manifestantes, já que o foco é entender como os 15 manifestantes destacados foram percebidos pelos outros, ou seja, por sua rede de contatos

no Facebook, e não analisar a forma como seus conhecidos construíram suas próprias subjetividades. Portanto, será observada, principalmente, a posição daqueles que comentam sobre o que foi dito e sobre o próprio autor da postagem, com destaque para poucas palavras necessárias para a interpretação da opinião.

Para melhor organizar sua apresentação, as análises foram divididas em seis categorias, sendo elas: indignação e referência à violência policial; crítica à atuação dos manifestantes nas marchas; alerta quanto às características dos protestos e proposta de pauta única; referência à Copa das Confederações; comentário sobre a atuação dos manifestantes do Facebook; e referência à Cura Gay¹³. A divisão de cada categoria representa a comunicação entre os discursos dos próprios manifestantes, ao abordarem os mesmos assuntos, e suas associações aos acontecimentos relatados por veículos da mídia indicam a ligação entre seus discursos e aqueles divulgados de forma midiática. Dentro de cada categoria, será apresentada a avaliação da publicação do jovem selecionado, seguida do estudo sobre os comentários recebidos por seus amigos e conhecidos. As análises que pertencerem à mesma categoria serão dispostas a partir da ordem cronológica das datas nas quais foram divulgadas.

Convém ressaltar, ainda, que, por questões de respeito à privacidade dos usuários avaliados, todos os nomes foram rasurados das imagens, para dificultar a identificação. Apenas o sexo, a ocupação e a idade aproximada são divulgados. Nesse sentido, os jovens são denominados como manifestantes, sendo identificados pelas letras do alfabeto de A até O.

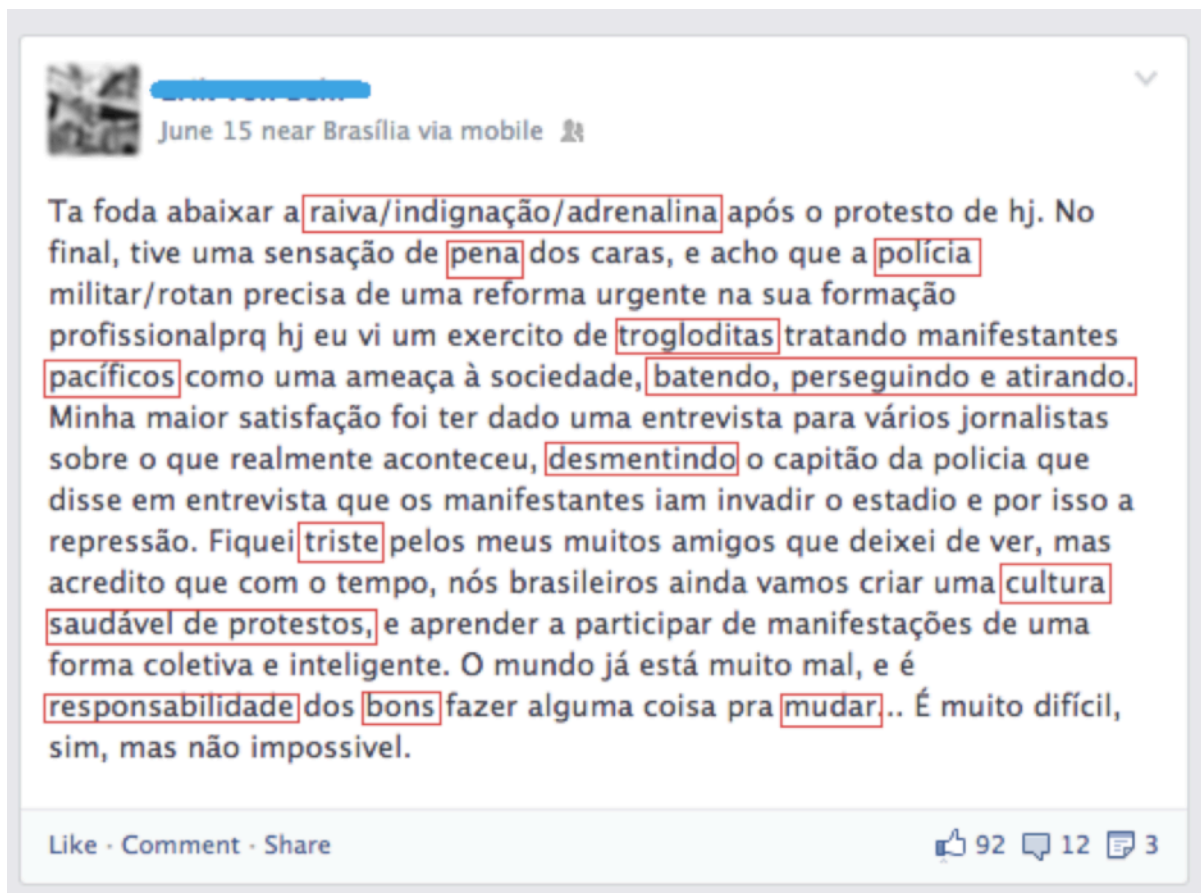
Essa denominação foi escolhida de acordo com conhecimentos coletados na etapa de definição do *corpus*, que mostraram que apenas duas jovens dentre os 15 analisados não participaram de protestos em Brasília. Uma delas residia, temporariamente, fora do país na época das marchas, mas participou de protestos no local onde morava, em apoio aos manifestantes brasileiros. A segunda jovem não esteve fisicamente nos dias de marchas, mas divulgou suas opiniões e posições políticas acerca dessa temática nas redes sociais, exercendo seu ativismo de forma virtual. A partir dos estudos abordados por Castells (2013) e Malini e Antoun (2013), que consideram como manifestação não só a expressão física, mas também a demonstração de inquietação e contrapoder na *web*, entende-se que todos os jovens podem ser considerados manifestantes, já que expressaram suas convicções a respeito dos protestos de 2013, mesmo que isso fosse feito virtualmente.

¹³ Projeto de lei proposto pelo Deputado Pastor Marco Feliciano, do Partido Social Cristão de São Paulo, que tinha como objetivo permitir que psiquiatras, psicólogos e outros profissionais da saúde tivessem a permissão de realizar tratamentos de cura contra a homossexualidade.

4.2 Publicações que apresentam indignação e referência à violência policial

As primeiras publicações a serem analisadas foram reunidas por mencionarem, com clara desaprovação e tom de revolta, a violência policial nos protestos. A primeira análise, referente à postagem do Manifestante A, tem a violência policial como temática principal, explicitando indignação do autor. Já a segunda publicação, de autoria da Manifestante B, menciona a violência policial em meio a um desabafo acerca da temática das reivindicações.

Imagem 18: Manifestante A – 15 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A postagem principal, seguida por seus respectivos comentários, foi publicada por um jovem estudante da Universidade de Brasília, do sexo masculino, de idade entre 22 e 25 anos. A divulgação do texto se deu no dia 15 de junho de 2013, dia da primeira grande manifestação de Brasília, que coincidiu com a abertura dos jogos da Copa das Confederações, no Estádio Nacional da cidade. De acordo com a mensagem apresentada, o manifestante que havia participado do protesto daquele dia, se encontrava revoltado com a forma como a polícia militar havia reprimido a marcha, que aconteceu em frente ao estádio, alegando que a ação policial havia sido brutal e agressiva, em oposição ao movimento pacífico dos

manifestantes. Esse tipo de opinião se tornou bastante comum depois da divulgação dos abusos dos policiais, a partir de denúncias tanto da mídia quanto dos próprios presentes nos protestos. O Manifestante A mostra ainda sua decepção pela ausência de seus amigos na luta, mas conclui com esperança de que a participação brasileira em manifestações pode mudar e transformar o cenário atual, definido por ele como “mundo”, para melhor. O usuário da rede social explicita, também, outro ponto positivo ao ressaltar que se sentiu feliz em fazer sua voz ser ouvida pela mídia e pela população ao dar uma entrevista para um jornal, expondo uma versão dos acontecimentos diferente daquela divulgada pela Polícia Militar. Importante destacar, ao fim de sua mensagem, a observação otimista de que, por mais difícil que seja realizar mudanças, isso é possível. Esse recado, unido à declaração de insatisfação pela falta de participação de mais pessoas conhecidas, pode ser interpretada como um convite, um chamado para que mais indivíduos se unam à causa. Demonstra-se a provável intenção do Manifestante A em influenciar sua rede de contatos na rede social nesse sentido.

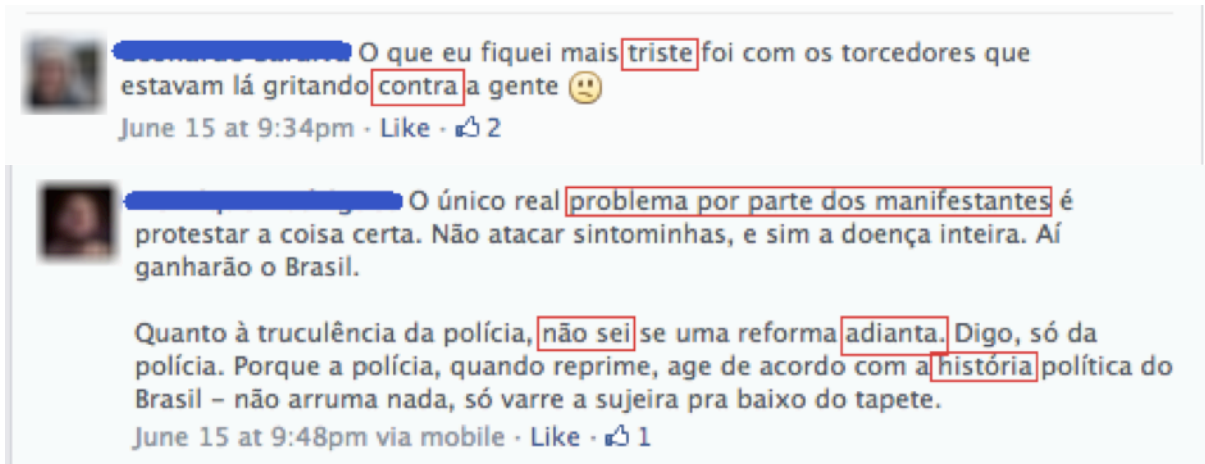
As palavras destacadas “raiva”, “indignação”, “adrenalina”, já no início da publicação, demonstram o sentimento de revolta do manifestante em relação à postura dos policiais e antecipam o teor negativo do texto, evidenciando que a postagem conterà algum tipo de desabafo pessimista. A palavra “pena”, no entanto, associada aos profissionais da polícia, aparece como uma conclusão do autor sobre a ação dos mesmos, demonstrando sua compreensão de que eles são vítimas de um treinamento inadequado e indicando que, no olhar do jovem, o problema de postura da polícia é mais profundo do que aparenta e não se pode atribuir essa responsabilidade apenas a sua postura. O termo “trogloditas” merece destaque ao explicitar a opinião do Manifestante A e caracterizar a ação dos policiais naquele dia, explicando o motivo de sua declaração. Ao descrever os manifestantes como “pacíficos” estabelece-se, claramente, uma relação de vitimização daqueles que participavam dos protestos em relação às ações policiais, demonstrando um princípio de dualismo no qual os manifestantes são representados como bons e os policiais, como ruins. Isso é reafirmado pelas expressões “batendo”, “perseguido” e “atirando”, atribuídas à polícia, e pela fala “desmentindo o capitão da polícia”, que atribui a declaração de uma mentira ao capitão na mídia. A palavra “triste”, volta a retratar um sentimento do manifestante, dessa vez em relação aos amigos e conhecidos que não estavam presentes, fortalecendo o caráter confessional da publicação. Ao proferir a afirmação “criar uma cultura saudável de protestos”, o autor declara que essa cultura ainda não existe e faz uma crítica a maneira como acontecem as manifestações atualmente. O termo “responsabilidade” atribuído aos “bons” designa uma

certa intimação insinuada ao fim do texto para que os “bons” se manifestem a fim de melhorar o mundo. Dessa forma, aqueles que se consideram “bons” poderão se sentir atingidos pela mensagem e participar dos protestos para legitimar sua qualidade de “bons”. Por fim, a expressão “mudar” merece atenção dentro do contexto, pois reflete as intenções dos participantes das marchas em relação ao cenário político e social brasileiro, uma ideia que aparece em muitas outras publicações.

Importante ressaltar que essa postagem do Manifestante A atingiu o número de 92 opções “curtir”, expressando uma boa visibilidade, devido ao alto número de pessoas a ela vinculado. Necessário destacar, ainda, que 92 é apenas o número de pessoas que, ao “curtir” a publicação, concordaram com o que o que foi publicado, mas a quantidade de pessoas que teve acesso à postagem e a leu até o fim pode ter sido muito maior, sendo impossível mensurá-la com exatidão. Mas, ao notar-se o número de 92 opções “curtir”, observa-se, também, a vigilância do olhar do outro sobre aquilo que está sendo compartilhado na *web*, demonstrando que as pessoas não só assistem atentamente às informações que seus amigos ou conhecidos publicam, mas também dão seu julgamento sobre o assunto, concordando ou não com o que foi dito, e dando a sua opinião, contrária ou a favor, ou complementando a informação postada por meio dos comentários. Os três compartilhamentos encontrados são mais um exemplo da vigilância do olhar alheio. Nesse caso, a mensagem teve sua visibilidade expandida ao ser compartilhada, já que pôde ser vista, também, pelos contatos de quem a compartilhou.

Em sua publicação, o Manifestante A apresenta-se como uma pessoa engajada, que participa dos protestos em busca de melhorias para seu país, ao contrário de seus amigos que não estavam presentes. Compreende-se que o Manifestante A se inclui no grupo de “bons” que devem agir para melhorar o mundo, ao observar-se a afirmação de que “é responsabilidade dos bons fazer alguma coisa para mudar”, e ao considerar-se que o texto dá a entender que o manifestante julga o ato de protestar como em exemplo desse ato pela mudança”, e, por fim, ao observar-se que ele mesmo participou da marcha daquele dia. Por fim, ao falar sobre o treinamento dos policiais e sugerir uma reforma nesse sentido, o jovem transmite a ideia de entender sobre assuntos políticos avaliando o que parece ser a raiz da questão, e não apenas o que ele observou em um dia.

Imagem 19: Comentários sobre a publicação do Manifestante A – 15 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook –Disponível em: www.facebook.com.

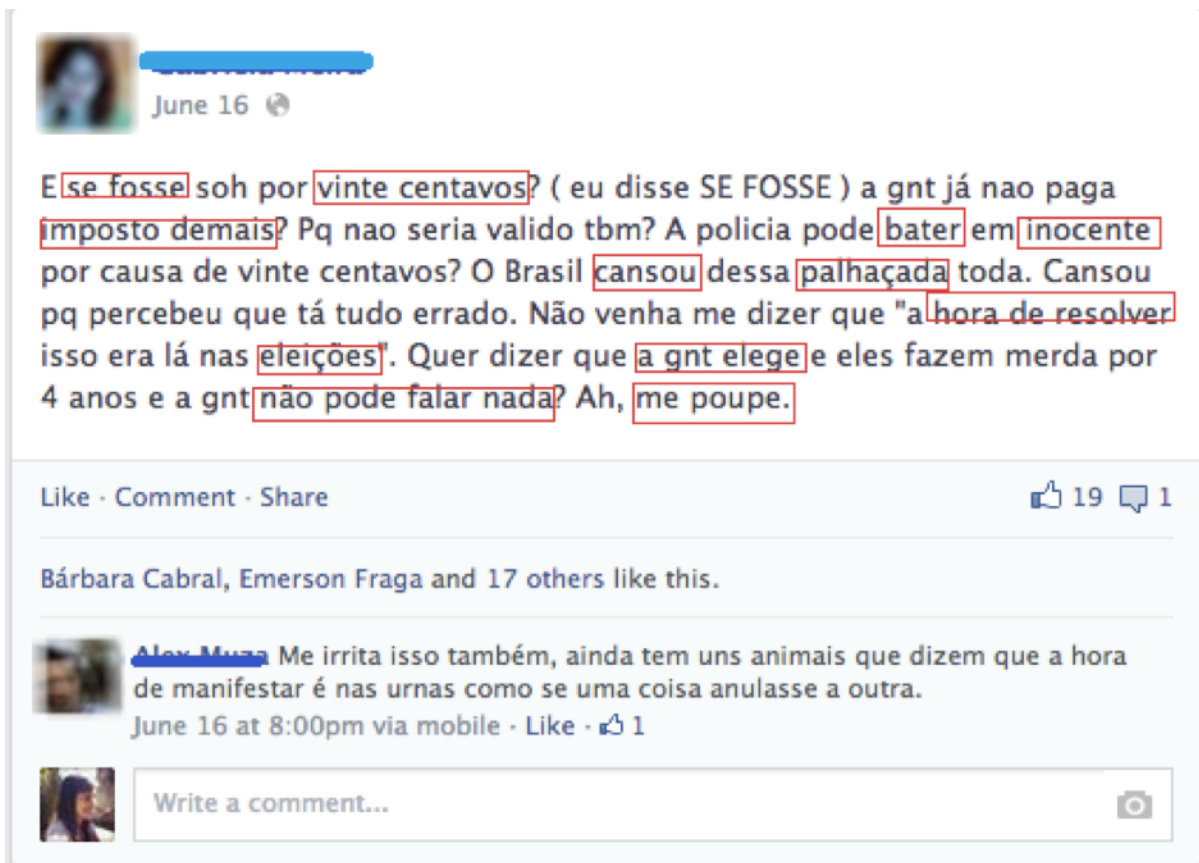
A partir da imagem que se interpreta da postagem do primeiro manifestante avaliado, investigam-se dois dos comentários recebidos para conferir se a imagem que ele procura transmitir corresponde à forma como é visto por seus amigos e conhecidos. O primeiro comentário, portanto, é de um amigo que, pelo uso do termo “a gente” e pela citação a um fato ocorrido durante a manifestação do dia 15 de junho, parece ter participado dos protestos junto ao Manifestante A e compartilha seus ideais políticos, se entristecendo com aqueles que estavam “gritando contra” eles. O conhecido que tece o primeiro comentário, no entanto, faz uma contraposição em relação àquilo que também entristece dando a ideia de que o que mais o deixa “triste” não são os amigos que não aderiram ao movimento, mas às pessoas que estavam no local se dirigindo ao jogo e se posicionaram claramente contra eles.

Já o segundo conhecido que comentou a publicação apresenta um ponto de vista que difere, de maneira sutil, do Manifestante A. Ao criticar determinada postura dos participantes dos protestos, o comentarista vai de encontro ao próprio autor da publicação, que é um manifestante, e se demonstra contra parte das atitudes que o autor claramente defende. Ainda, ao discordar da ideia sugerida pelo Manifestante A sobre a reforma na formação profissional da polícia, afirmando que não sabe “se uma reforma adianta”, já que os policiais agem dessa forma por conta de fatores históricos da política do Brasil, o segundo amigo a comentar parece, novamente, negar aquilo que o manifestante afirmou, demonstrando, dessa forma, que não aprova inteiramente o conteúdo da postagem e nem o pensamento explicitado.

Observa-se, então, que, ao mesmo tempo em que os comentários recebidos podem significar um apoio ao que foi dito na publicação, apresentam, também, a expressão de opiniões diversas, que, em parte, rejeitam as crenças de quem escreveu o texto inicial. Esse é

o caso do Manifestante A, que, segundo os dois comentários avaliados, teve a imagem que construiu validada por um de seus amigos, mas questionada por outro. As 92 opções “curtir” que recebeu, no entanto, representam um número expressivo de amigos que concordaram com sua forma de pensar, em oposição à postura do segundo comentarista.

Imagem 20: Manifestante B – 16 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A Imagem 20 apresenta uma publicação que tem a data de 16 de junho de 2013, um dia após o primeiro dia marcante de protestos em Brasília. A Manifestante B, estudante da Universidade de Brasília do sexo feminino, que tem entre 21 e 24 anos de idade, no entanto, apresenta uma visão peculiar, por apresentar uma ruptura em um dos argumentos e declarações mais ouvidas dos participantes dos protestos, o discurso de que “não era só por 20 centavos”. Em seu depoimento, portanto, a manifestante em análise expõe um questionamento propondo a ideia de que não seria uma luta injusta ou irrelevante se fosse por 20 centavos, de fato, apesar de não afirmar que o é. Dessa forma, ela aponta que mesmo que a motivação das marchas fosse só a quantia financeira, ainda assim o movimento seria válido e não justificaria a repressão policial da forma como se deu. Além disso, a autora da postagem fala sobre o cansaço dos brasileiros em relação à situação atual e se dirige diretamente a quem (sujeito

desconhecido) a crítica com o argumento de que os protestos deveriam ter acontecido no momento das eleições. Ela, então, rebate esse argumento com indignação, questionando, com ironia, se, depois de eleitos, os representantes podem cometer erros sem que a população possa reagir.

A primeira expressão do texto da Manifestante B, “e se fosse”, já sugere uma reflexão hipotética a respeito de uma situação que, segundo a forma como sua publicação foi construída, parece não existir, o que se reforça pela repetição da expressão “SE FOSSE”, em caixa alta, dentro de parêntesis a seguir. O termo “imposto”, seguido da palavra “demais”, consiste em uma das principais justificativas da autora para sustentar sua argumentação de que a luta seria válida mesmo que fosse apenas pelos 20 centavos. Em seguida, o verbo “bater”, atribuído ao sujeito “polícia”, com o objeto indireto da ação definido como “inocente” demonstra, mais uma vez, o dualismo presente também na publicação do Manifestante A, na qual os policiais são representados como vilões e os manifestantes como vítimas. É importante considerar que, nesse momento da onda de protestos, nos dias 15 e 16 de junho de 2013, a repressão policial já estava sendo questionada em todo o Brasil, principalmente em São Paulo. Até aquelas datas, os manifestantes até este momento do trabalho estudados, tinham apoio em sua opinião dos maiores meios de comunicação, como observou-se no primeiro capítulo desta monografia.

Em continuidade a sua fala, a manifestante usa o termo “cansou” para expressar como a população brasileira se sente ao que ela afirma ser uma “palhaçada”, como característica para o cenário atual do país. A expressão “percebeu” reforça um dos principais gritos de guerra dos participantes dos protestos, insinuando que a população havia passado por um processo de esclarecimento sobre coisas que antes não entendia bem, assim como afirmado pelo *slogan* já abordado, “O Gigante Acordou”. Ao argumentar contra a acusação de que a “hora” de solucionar os problemas era nas “eleições”, a estudante se depara com uma crítica quanto ao tempo certo para os protestos acontecerem, mas já apresenta sua resistência prontamente ao declarar “não venha me dizer”. Ao unir os termos “a gente” e “elege”, a manifestante assume a parte da responsabilidade da população sobre as ações dos políticos e indica que é por voto do povo que seus representantes estão em exercício político, o que transmite a ideia do poder de escolha da população. Essa ideia se reforça, ainda, pelo questionamento verificado na fala “a gente não pode fazer nada”, que recebe a resposta em seguida, em forma de indignação contra o que é dito antes, pela expressão “me poupe”, que comprova a irritação da manifestante em relação à crítica rebatida.

Em sua fala analisada, a Manifestante B transmite uma sensação de indignação quanto às acusações que, diretamente ou indiretamente, recebeu sobre resolver a situação política e social do Brasil no momento das eleições, ao invés de por meio de protestos. Ainda, ao propor uma indagação sobre por que não seria válido o movimento se tivesse como principal motivo o aumento de R\$0,20 das tarifas de ônibus, a estudante se posiciona como alguém a favor do povo e se sente, como parte da população, injustiçada pela quantidade de impostos. Assim, a principal imagem detectada pelo texto da manifestante, é a de uma jovem revoltada e defensora dos direitos do povo, que se sente esgotada e intolerante em relação a críticas e injustiças.

Imagem 21: Comentário sobre a publicação da Manifestante B – 16 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O único comentário recebido pela jovem em sua publicação, reforça a sensação de indignação e revolta quanto àqueles que os criticam. O uso da expressão “me irrita” demonstra esse sentimento, enquanto o termo “também” explicita a concordância do comentarista com a opinião da autora. Por fim, o indivíduo que comentou o texto publicado sugere um argumento que traduz o que a manifestante intencionou dizer, ao fazer a observação de “como se uma coisa anulasse a outra”, auxiliando a compreensão da fala da estudante e complementando-a, já que apresenta mais uma justificativa contra a crítica de que o momento de se manifestar deveria ser nas eleições.


Dessa forma, o comentário recebido pela Manifestante B representa uma aprovação a sua fala e a boa aceitação daquilo que defende, somando-se às 20 opções “curtir” observadas. A manifestante não encontrou, assim, nenhuma olhar da alteridade sobre ela, no momento dessa publicação, que fosse contra sua posição, apenas aqueles que encorajaram seu ponto de vista.

4.3 Publicações que apresentam crítica à atuação dos manifestantes nas marchas

As publicações analisadas a seguir têm como foco de suas mensagens a crítica à atuação dos manifestantes em alguns dias de protestos. Nas duas primeiras e na última postagens

avaliadas neste item, critica-se a violência dos manifestantes nos protestos. Na terceira publicação, repreende-se a falta de conhecimentos políticos e históricos dos participantes ao aderirem as marchas é desaprovada.

Imagem 22: Manifestante C – 18 de junho de 2013

 shared a link via 
June 18 

Vamos lá, eu sou **totalmente a favor** de manifestações, porém **pacíficas**. Sei também que são **grupos individualizados** que agem de maneira **inapropriada**, mas que há **muitos** que estão ali pela **farra**. Não sou a favor da posição adotada pelos policiais na semana passada, de **agressão**, a polícia está ali para **prevenir** e com a sua própria presença se **impor**. Ai vem mil e uma pessoas reclamando a polícia recebe ordens de recuar, tudo bem até ai. Mas parece que **as pessoas** querem **desmoralizar** os policiais, eles **atacam** eles como se eles fossem o Estado e **culpado** por tudo isso. Os policiais estão **cumprindo ordens** de acordo com o que a **população queria**. Pronto, o **respeito** a eles, cadê? Só porque vestem uma farda não merecem respeito e sim serem totalmente **depredados** por esses **vândalos**? porque isso ai pra mim não é querer um Brasil melhor, é **baderna**. Então vamos com calma, quem tem **familiar** na posição de policial sabe que **não é nada fácil!** E se fosse um deles ali? As pessoas pedem respeito, mas **não respeitam**. Até de dentro da Assembléia os policia não estavam imunes. Agora **parem** e **repensem** a posição de vocês, pelo que mesmo vocês estão lutando? Acho suuper válida a bandeira, mas e a causa, será que tem sido essa a luta de quem está participando? A **mudança** tem que começar em algum momento, e ontem isso começou, mas não esqueçam que **de nada adianta** esse **burburinho** todo agora, pra chegar nas **eleições** e fazer merda! ;)

 **RJ: Flagrante de PMs sendo encurralados pela fúria de milhares de manifestantes no Rio (17/06/2013)**
Jornal A Nova Democracia - Veja com exclusividade o momento em que PMs são encurralados pelas massas e, na confusão, um policial é ferido. Lembrando que um m...

Like · Comment · Share  6  2  1

Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A publicação observada na Imagem 22 apresenta uma crítica ao comportamento dos manifestantes em relação aos policiais. Observa-se uma oposição em relação às demais

postagens analisadas até aqui. A Manifestante C, recém-graduada pelo Centro Universitário de Brasília, que tem idade entre 20 e 23 anos, expõe sua opinião de que, apesar de ser a favor das manifestações, acredita que essas devam acontecer de forma pacífica, e aponta, ainda, que, mesmo que não concorde com a atuação agressiva da polícia militar na semana anterior, defende que a classe está apenas cumprindo ordens e merece consideração. A jovem critica ainda a contradição entre os manifestantes que pedem por respeito mas não o demonstram em relação aos policiais. A seguir, ela questiona os motivos pelo qual os participantes dos protestos estavam lutando, apontando, enfim, que é necessário que a transformação iniciada nas ruas aconteça também nas eleições, já que não adiantaria nada se a população protestasse naquele momento, mas cometesse erros ao escolher seus representantes.

Ao fim de seu comentário, a Manifestante C compartilha um *link* de um vídeo que retrata uma cena do protesto do dia 17 de junho no Rio de Janeiro, no qual um grupo grande de manifestantes atira objetos contra um grupo pequeno de policiais, que é obrigado a recuar enquanto é encurralado pelo número visivelmente maior de manifestantes. Os policiais reagem, então, com o que parecem ser bombas de gás lacrimogêneo ou tiros de balas de borracha (essa definição não aparece na imagem), espantando aqueles que protestavam. Quando a confusão se dispersa, observa-se que um policial está ferido e é auxiliado por seus colegas. No momento em que consegue se levantar e o grupo da polícia caminha em direção contrária aos manifestantes, um policial, não se sabe se o mesmo que estava atingido anteriormente, volta a cair. Ao estar sozinho ao chão, é atacado por manifestantes que batem e atiram objetos grandes contra ele. Esse policial não torna a levantar e o vídeo termina com a imagem de seus colegas arrastando-o para afastá-lo da confusão.

Interessante destacar que, para iniciar sua fala, a Manifestante C faz uso da expressão “vamos lá”, que pode ser frequentemente associada a inícios de explicações didáticas sobre algum assunto. Dessa forma, a jovem inicia seu depoimento como se estivesse passando um ensinamento, o que se verifica, também, no conselho dado ao fim de sua fala. A seguir, ela usa o termo “totalmente” para caracterizar sua posição “a favor das manifestações”, indicando apoiar totalmente o movimento. No entanto, ainda na mesma frase, a Manifestante C faz uso da conjunção adversativa “porém” indicando uma restrição a sua fala anterior ou, no mínimo, uma restrição, que logo se explica pelo inserção do adjetivo “pacíficas”, comprovando que a jovem só é “totalmente a favor das manifestações” quando essas são “pacíficas”. Em continuação a sua fala, ela usa o verbo “sei” para demonstrar sua consciência de que “grupos individualizados”, e, nesse momento já é feita uma separação de tais grupos da maioria dos

manifestantes, são os que “agem de maneira inapropriada”, reforçando, então, a opinião da autora da publicação de que não é apropriado agir com violência ou vandalismo nos protestos. Ao fim dessa mesma sentença, ela afirma que “muitos” manifestantes estavam ali pela “farra”, o que indica seu pensamento de que diversos participantes das marchas não tinham motivos reais para protestar e o faziam apenas para se envolver no que ela define como “farra”, transmitindo a ideia de bagunça ou até diversão.

As próximas palavras que merecem destaque na fala da Manifestante C são “agressão”, associada à postura dos policiais na semana anterior, o que é apontado como algo com o que a jovem não concorda, em oposição a como ela julga que essa postura deveria ser, definida pelos termos “prevenir” e “impor”. Em seguida, no entanto, a autora usa a palavra “desmoralizar” e “atacam” como atitudes das “pessoas” em relação aos policiais, o que coloca os últimos em posição de vítima, invertendo o dualismo visto nas postagens anteriores. A palavra “ordens” reforça a ideia de vitimização da polícia, indicando que eles obedecem a seus superiores, e, pela fala “de acordo com o que a população queria”, passa-se a ideia de que esses superiores podem ser, na verdade, a própria população que, agora, agride os policiais. Na próxima frase aparece um termo de extrema relevância para o texto da publicação: “respeito”. Esse termo é bastante reforçado pela Manifestante C, que acusa uma falta dos participantes das marchas em relação à polícia, apontando que os membros dessa organização são “depredados” e os classifica como “vândalos”. A jovem caracteriza a situação não como “querer um Brasil melhor”, mas sim como “baderna”.

Convém, destacar, ainda, a negativa sobre a palavra “fácil”, indicada pela jovem em relação a ter “familiar na posição de policial”. Essa declaração, apesar de não poder ser comprovada, pode dar a entender que ela tem alguém em sua família que é da polícia e que, por meio dessa fala, pretende que seus conhecidos compreendam a situação que ela enfrenta. As expressões “repensem” e “não esqueçam”, enfim, são responsáveis por indicar a ideia final de conselho da jovem, que corresponde à forma como ela iniciou sua fala, como se fosse ensinar algo ao público.

A Manifestante C é a primeira, na sequência dos jovens observados, a reprovar as atitudes dos participantes dos protestos e não só criticar a violência policial. A jovem critica os manifestantes por conta daquilo que considera desrespeito em relação aos profissionais de segurança pública, divulga um vídeo no qual os policiais são agredidos por participantes dos protestos e apela para a identificação de seu público ao insinuar ter membros da polícia em

sua família. No entanto, tais colocações são precedidas da afirmação de ser a favor das marchas, porém de forma pacífica, e da declaração de não aprovar, também, as atitudes violentas da polícia, o que sugere que a Manifestante C preza pelo equilíbrio e pela paz, tanto por parte dos policiais quanto por parte dos manifestantes, apesar de o foco da sua publicação ser um alerta sobre a desvalorização dos primeiros. Dessa forma, a imagem que a jovem revela é a de uma pessoa que defende a não-violência por qualquer parte envolvida e o respeito mútuo durante os protestos, e a valorização da figura do policial e o respeito a sua função.

Imagem 23: Comentários sobre a publicação da Manifestante C – 18 de junho de 2013

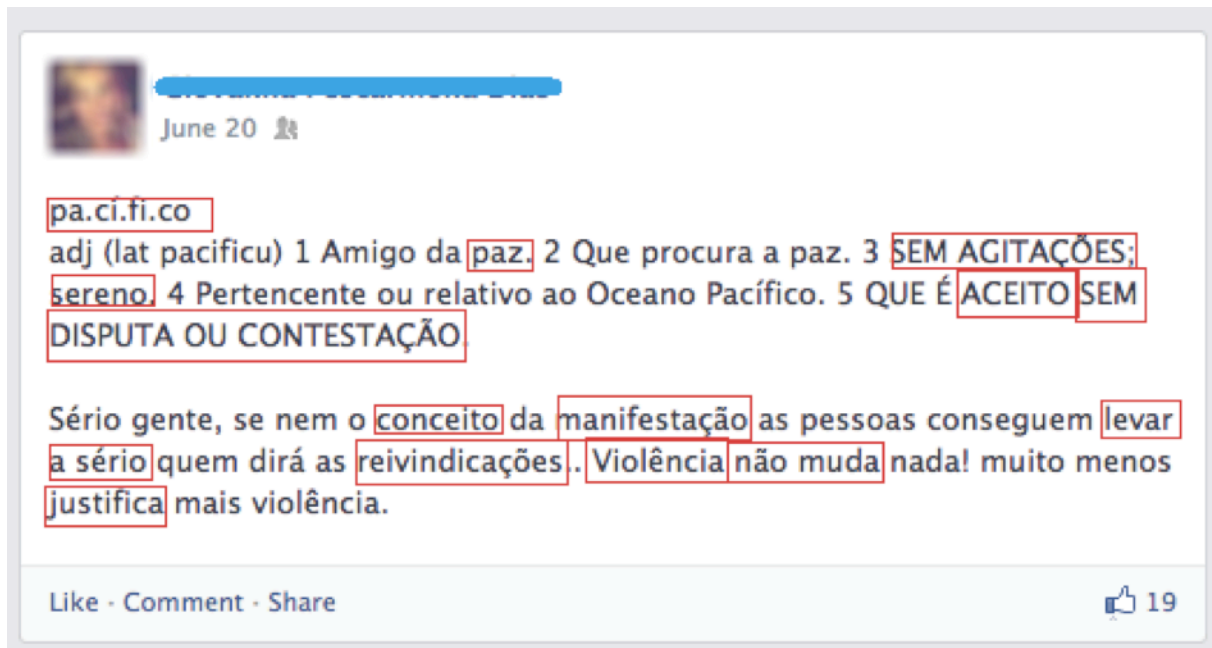


Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O fato de a Manifestante C ter recebido apenas seis opções “curtir” em sua publicação, o menor número dentre os estudados até agora, pode indicar que a maior parte de seus amigos não concorda com o que foi dito, ou que não se interessam pelo assunto da política, ou, até, que sua postagem não conquistou muita visibilidade, sendo apreciada apenas por poucas pessoas.

Apesar desse baixo número de opções “curtir”, em ambos os comentários que a manifestante recebeu em sua publicação, seus amigos aplaudiram suas fala e demonstraram concordar com o que havia sido dito. O primeiro comentarista elogia o texto divulgado como “belas palavras” e declara, assim, sua aprovação e até admiração em relação à fala da autora. Já o segundo contato a comentar agradece o depoimento da manifestante como se ela tivesse prestado algum tipo de serviço, esclarecendo o seu público, formado por sua rede de contatos, ao divulgar seu ponto de vista. Ao afirmar, por fim, que “alguém ainda pensa”, destacando esse trecho em caixa alta, o segundo comentarista diferencia a Manifestante C como uma pessoa racional em comparação às outras pessoas que, segundo entende-se de sua fala, parecem não raciocinar muito sobre o assunto. Dessa forma, a imagem passada pela autora foi validada e confirmada pelo retorno de seus conhecidos, que, apesar de não representarem um número muito grande, somados às seis opções “curtir”, apoiam com veemência a fala da manifestante.

Imagem 24: Manifestante D – 20 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A postagem da Manifestante D, que é do sexo feminino, tem entre 22 e 24 anos e é estudante universitária do Centro Universitário de Brasília, inicia com a divulgação da definição do dicionário sobre o termo “pacífico”. Após essa exposição, a manifestante questiona seu público, afirmando que, se nem ao menos o conceito de pacífico, que, em sua fala, entende-se que é diretamente associado ao conceito de “manifestação”, é levado em consideração, então é impossível que as reivindicações dos protestos o sejam. Ela conclui afirmando que ações violentas não atingem nenhum objetivo e nem podem ser usadas como justificativas para mais ações de violência.

Vale ressaltar que a data da publicação coincide com um dos dias mais violentos de protestos em Brasília, o dia 20 de junho de 2013, no qual houve a depredação do Palácio do Itamaraty. Entende-se, portanto, que a indignação da autora se deu após ter observado os atos agressivos tanto da polícia militar quanto dos manifestantes durante a marcha, o que levou muitos participantes do protesto a saírem do local decepcionados.

Na publicação da Manifestante D, o termo “pacífico” é o primeiro a receber destaque, por representar o que faltou durante o protesto do dia 20 e o que é defendido pela jovem. As expressões “paz”, “sem agitações” e “sereno” são usadas para explicar a palavra “pacífico” e indicar a forma como a manifestação deveria acontecer. No entanto, dentre as definições apresentadas, a autora destaca a de “que é aceito sem disputa ou contestação”, o que indica que ela julga essa a mais apropriada para o contexto das marchas. A palavra “aceito” aponta

algo que deve ser acatado sem questionamentos, como explica-se a seguir, com o uso da negativa sobre os termos “disputa” ou “contestação”, que sugerem desentendimentos e desacordos. Portanto, entende-se que a manifestante defende uma forma de protesto livre de brigas ou qualquer espécie de confronto, com a aceitação “pacífica” da situação.

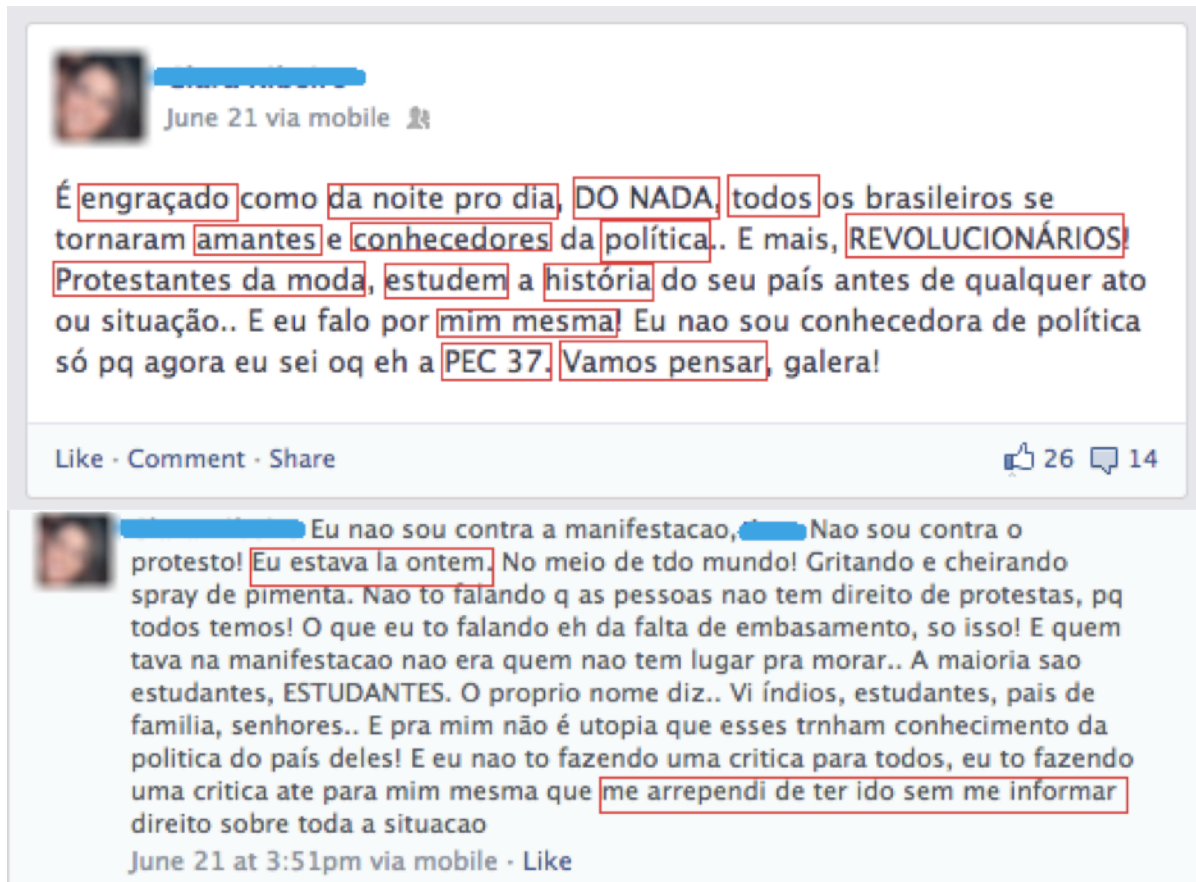
No parágrafo seguinte, convém ressaltar a expressão “conceito de manifestação”, indicando que, apesar de não ter sido o conceito exato apresentado na definição anterior, é diretamente associado pela autora à ideia de “pacífico”, transmitindo a percepção de que, na opinião da jovem, “manifestação” deva ser sempre “pacífica” e o primeiro conceito não exista sem o segundo. Ao afirmar que “nem” o conceito apresentado “as pessoas conseguem levar a sério”, existe uma generalização dentre os manifestantes com o uso da palavra “pessoas”, que sugere que a autora acredita que a falta do termo “pacífico” foi algo geral na marcha. O verbo “consegue”, antecedido do termo “nem”, indica uma incapacidade dos participantes dos protestos em respeitarem o que a jovem defende, o que acarreta na falta de consideração, também, em relação às “reivindicações”, que se encaixam naquilo que é visto como não “levar a sério”. Por fim, a jovem conclui sua declaração com a utilização da palavra “violência”, destacada por ser aquilo que ela argumenta contra, seguida da expressão “não muda”, insinuando que os principais objetivos dos protestos, que são transformações no Brasil, não serão atingidos pela “violência”. Ela conclui afirmando, então, que a “violência” “não justifica mais violência”, destacando pelo verbo “justifica” que os manifestantes não poderia usar a repressão violenta dos policiais como desculpa para realizarem ações violentas em seus protestos.

Ao expor o conceito de pacífico e afirmar que, enquanto os manifestantes não o considerarem com a devida importância, não poderão, também, respeitar as próprias reivindicações, a jovem se posiciona como alguém que acredita que manifestar não é ter nenhum tipo de ação de vandalismo ou de violência, e que os protestos não podem acontecer dessa forma. Ela transmite a imagem, portanto, de uma pessoa que preza pela paz e desaprova ações violentas, mesmo que essas tenham sido estimuladas por violência anterior, demonstrando sua posição de que as marchas só poderiam ser bem sucedidas se fossem realizadas de maneira pacífica.

A declaração da Manifestante D tem o aspecto de uma repreensão pela postura adotada por parte dos participantes do protesto daquele dia na capital federal. O posicionamento da jovem explicita uma inversão total no dualismo visto nas primeiras análises, que indicava

apenas os policiais como violentos. A aprovação que a jovem conquistou com seu comentário, equivalente a 19 opções “curtir”, não representa um número considerado alto, mas é suficiente para observar a vigilância de seus conhecidos em relação àquilo que ela tem para dizer. No caso dessa publicação, as opções curtir são a única forma de observação da vigilância do olhar alheio, já que a postagem não recebeu comentários.

Imagem 25: Manifestante E – 21 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A Manifestante E apresentou, em sua postagem, um posicionamento que se difere dos analisados neste trabalho. A jovem, que é estudante da Universidade de Brasília, do sexo feminino, e tem entre 22 e 24 anos, afirma, no comentário destacado dentro da mesma publicação, que havia comparecido à marcha do dia 20 de junho na capital federal e que, por isso, expressava sua opinião daquela maneira. O comentário, no entanto, foi destacado apenas para explicitar o comparecimento da estudante ao protesto e o arrependimento que expressa por ter ido sem ter informações suficientes sobre a situação, auxiliando a compreensão da fala de sua postagem inicial, que será o foco desta análise. Na publicação, a manifestante comenta, com ironia, sobre como, de maneira que julga repentina, os brasileiros passaram a entender sobre assuntos políticos e se tornaram “revolucionários”. Ela aconselha que se estude a

história do Brasil e explica que se inclui em sua fala, afirmando que não é porque ela sabe do que se trata a PEC 37¹⁴ que necessariamente é entendida em questões políticas, e aconselha, enfim, seus leitores a refletirem melhor sobre as ações às quais aderem.

No início da fala da Manifestante E observa-se a ironia que abre seu depoimento, destacada pelo uso do adjetivo “engraçado”, e reforçado pelas expressões “do dia pra noite” e “do nada”, que passam a ideia de algo tão repentino que quase é impossível e, por isso, são expressões marcantes em falas sarcásticas. A seguir, a estudante explica o que ela considera “engraçado”, estranho, generalizando “todos os brasileiros” como envolvidos nos temas das manifestações, afirmando que eles “se tornaram amantes e conhecedores da política”. A palavra “amante”, mais uma vez, retoma a ironia presente no início do texto da jovem, já que ela parece se referir às pessoas que, antes das marchas, não se interessavam pelos assuntos políticos passam a fazê-lo. Da mesma forma, aqueles que não tinham muito conhecimento sobre essas temáticas se tornam “conhecedores”, como afirma a autora. A seguir, a manifestante acrescenta ainda uma outra característica que apareceu repentinamente nos brasileiros, o adjetivo de “revolucionários”, que ela escreve em caixa alta para destacá-lo, como se esse representasse a maior contradição dentre as três qualidades explicitadas, como se antes pessoas que eram conformadas agora se tornaram rebeldes. A maior crítica, no entanto, está presente no vocativo da frase seguinte, “protestantes da moda”, que explicita a avaliação da jovem sobre pessoas que só participam das marchas para seguir uma epidemia da maioria naquele momento. Ela sugere, então, que essas pessoas “estudem”, adquiram mais conhecimentos sobre a “história do seu país antes de qualquer ato ou situação”, insinuando uma falta de embasamento histórico por parte dos participantes dos protestos, como se realizassem ações consideradas impensadas. A seguir, ao confessar “eu falo por mim mesma”, a jovem assume a mesma falta de conhecimento que critica naqueles que chama “protestantes da moda”, o que se reforça pela declaração no comentário ressaltado, que relata: “me arrependi de ter ido sem me informar direito sobre toda a situação”. Ao analisar-se esses dois aspectos, nota-se que a jovem construiu o seu desabafo a partir de uma experiência que havia vivido e por uma autocrítica, o que a motivou a falar com pessoas que se encontrassem na mesma situação que ela. A conclusão da postagem, com o convite “vamos pensar” também inclui a autora, mas indica novamente um teor repreensor quanto à falta de reflexão em relação ao momento que o Brasil vivia com as manifestações.

¹⁴ Proposta de Emenda à Constituição de número 37, que restringe o poder de investigação criminal do Ministério Público e o passa ao domínio das polícias federal e civis dos estados e do Distrito Federal.

A Manifestante E, ao criticar a transformação, segundo ela repentina, de “todos os brasileiros” em pessoas engajadas e entendidas de assuntos políticos, transmite a imagem de uma pessoa que, naquele momento, se posiciona contra a corrente, ao desaprovar a postura que ela julga ser de toda a população. A expressão “protestantes da moda” indica que a estudante acredita que os participantes do protesto só o fazem por conta de uma epidemia social, e que ela, apesar de se incluir na fala e de ter afirmado, no comentário posterior, ter ido à marcha do dia 21 de junho de 2013, não faz mais parte desse grupo de pessoas, que, em sua visão, precisa “estudar” e “pensar” mais. Assim, ao divulgar uma crítica categórica, a jovem se separa do grupo de pessoas que não estão raciocinando sobre as marchas e se posiciona como alguém que questionou o movimento e enxergou fatores que não concordava sobre ele.

Imagem 26: Comentários sobre a publicação da Manifestante E – 21 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

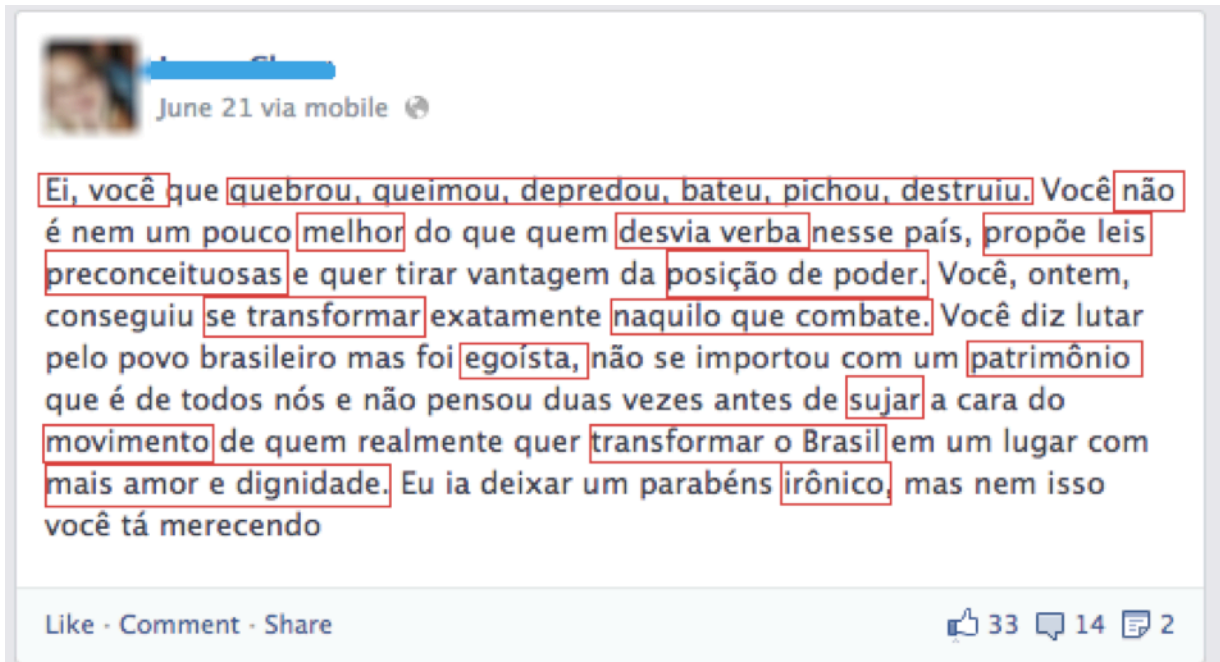
Por apresentar o ponto de vista que mais se diverge dos analisados neste trabalho, a Manifestante E pode ser considerada polêmica, ao retratar uma sensação de arrependimento quanto a sua participação nas marchas e uma desaprovação quanto a dos demais sem os conhecimentos necessários. No entanto, talvez por ter sido compartilhada em um momento no qual parte dos manifestantes brasileiros também estavam decepcionados com a situação, ela conquistou 26 opções “curtir”, um número razoável de aprovações, considerando o teor polêmico do desabafo. A quantidade de comentários está entre as mais altas, o que pode ser fruto justamente do caráter controverso da postagem, que talvez tenha levado muitas pessoas a exporem sua opinião, contra ou a favor do que havia sido dito pela manifestante. O comentário tecido pela própria autora da publicação, indica uma resposta defensiva a alguém, insinuando um debate e um impasse de opiniões entre os comentários. O que mostra que a vigilância do outro sobre aquilo que se é exibido não necessariamente se dá na forma de aprovação e não significa que, quando há desaprovação, essa será expressa pelo silêncio, como se verifica a seguir, na avaliação dos comentários da publicação. A não concordância com posturas ou atitudes de quem se expõe na mídia pode vir de forma tão ou até mais intensa

quanto a concordância, com o aproveitamento daqueles que formulam as observações sobre o que é postado para construir sua própria subjetividade a partir da negação da subjetividade alheia.

A publicação da Manifestante E foi, então, o primeiro caso em que a maioria dos comentários observados se posicionou de maneira contrária à sua fala e, por esse motivo, foram selecionados dois que expressassem a opinião mais frequente. A primeira conhecida da manifestante a comentar a publicação defende que o “conhecimento acadêmico não é tudo”, insinuando que existem outros conhecimentos tão ou mais importantes para a realização dos protestos. Ela indica, ainda, que o “conhecimento popular” deve ser valorizado, e que o povo que vive no Brasil conhece sua situação e sabe, portanto, pelo que deve lutar. Dessa forma, a comentarista sugere um contra-argumento quanto àquilo que a Manifestante E defendeu, quando à valorização do estudo antes das ações, e apresentou sua discordância, caracterizando uma reação negativa ao que foi dito.

O segundo comentário reforça a opinião divulgada pelo primeiro, de que não é necessário entender assuntos políticos para enxergar que existem questões erradas no Brasil, contra às quais se deve protestar. Ele reafirma a negação proposta pela primeira comentarista quanto à publicação da Manifestante E, contestando, mais uma vez, o conteúdo por ela divulgado e invalidação à imagem que ela se propôs a passar. Os comentários analisados, portanto, representam uma resposta negativa e uma oposição às 26 pessoas que concordaram com a estudante, expressando sua aprovação por meio de opções “curtir”.

Imagem 27: Manifestante F – 21 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A Manifestante F, do sexo feminino, graduou na Universidade de Brasília em 2013, e tem entre 22 e 24 anos. A jovem divulga uma publicação com teor altamente repreensivo em relação aos participantes do protesto do dia 20 de junho que agiram com violência e depredação de edifícios públicos. Ela afirma que todos aqueles que se portaram dessa maneira não se diferem em nada dos representantes políticos que cometem erros e roubam o dinheiro público no poder, e os acusa, ainda, de terem agido egoistamente, manchando a imagem do movimento, que era formado por pessoas que lutavam por um país melhor.

O uso do vocativo “ei” demonstra que a jovem pretende falar diretamente com aquele “você” que ela irá definir como alguém que “quebrou, queimou, depredou, bateu, pichou, destruiu”. Todas as ações descritas se referem às situações que de fato aconteceram durante as marchas e que são descritas pela autora da publicação como atitudes erradas, o que se explicita pela escolha de todos verbos com conotações negativas. Ao falar novamente com esse mesmo “você”, a jovem afirma que esse sujeito “não é nenhum pouco melhor” do que todos aqueles políticos que têm atitudes inadequadas, contra os quais se lutou nas marchas. Dessa forma, a manifestante insinua que quem agiu de forma como ela descreveu anteriormente não tem autoridade para reclamar dos representantes e são iguais a eles, o que se comprova pela fala “se transformar naquilo que combate”. Para descrever os políticos considerados incorretos, destaca-se, das palavras da autora, as expressões “desvia verba” e “propõe leis preconceituosas”, o que pode ser uma referência a dois assuntos muito

questionados pelas reivindicações dos protestos: a corrupção e a Cura Gay. A seguir, a fala “diz lutar pelo povo brasileiro mas foi egoísta” expõe uma contradição entre as atitudes e as falas dos manifestantes que realizaram as ações rejeitadas e atribui a esses a falta de pensamento conjunto e de preocupação com o grupo, ao deprestar um “patrimônio que é de todos”, aqui associado ao Palácio do Itamaraty, e ao “sujar a cara do movimento”, ou seja, associar a imagem de depredação a toda manifestação de pessoas que lutavam por “transformar o Brasil”. O uso das palavras “amor e dignidade”, para descrever a meta dos manifestantes considerados de bem para o país, é inédito e descreve um possível desejo pessoal da Manifestante F em relação ao país.

A Manifestante F apresenta uma publicação cujo foco é a expressão de uma repreensão àqueles manifestantes que agiram de forma violenta ou com depredações durante o protesto do dia 21 de junho de 2013, em Brasília. Dessa forma, a principal imagem construída pela jovem é a de desaprovação em relação a esse tipo de atitude e a da valorização de atitudes pacíficas e responsáveis. Ao comparar a conduta dos manifestantes com as atitudes dos representantes políticos, contra os quais se lutou durante as marchas, e ao afirmar que os primeiros não são “nem um pouco melhores” do que os segundos, a autora se diferencia desses participantes das marchas e insinua uma representação de si mesma como alguém melhor, capaz de criticá-los. A citação transformação do Brasil em um “lugar com mais amor e dignidade” indica que essa é a luta da jovem e define aquilo que ela defende.

Imagem 28: Comentários sobre a publicação da Manifestante F – 21 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A jovem autora da postagem se expõe na rede social ao divulgar sua opinião sobre os acontecimentos do dia anterior e ao repreender as ações que considera negativas publicamente. Os dois compartilhamentos que a publicação recebeu concederam à manifestante a função de produtora de um conteúdo que ultrapassou os limites de sua página pessoal. O número de 33 opções “curtir” é quinto maior número dentre as postagens

analisadas, o que pode sugerir que, naquele momento, a jovem disse algo que muitas pessoas de suas rede julgaram correto.

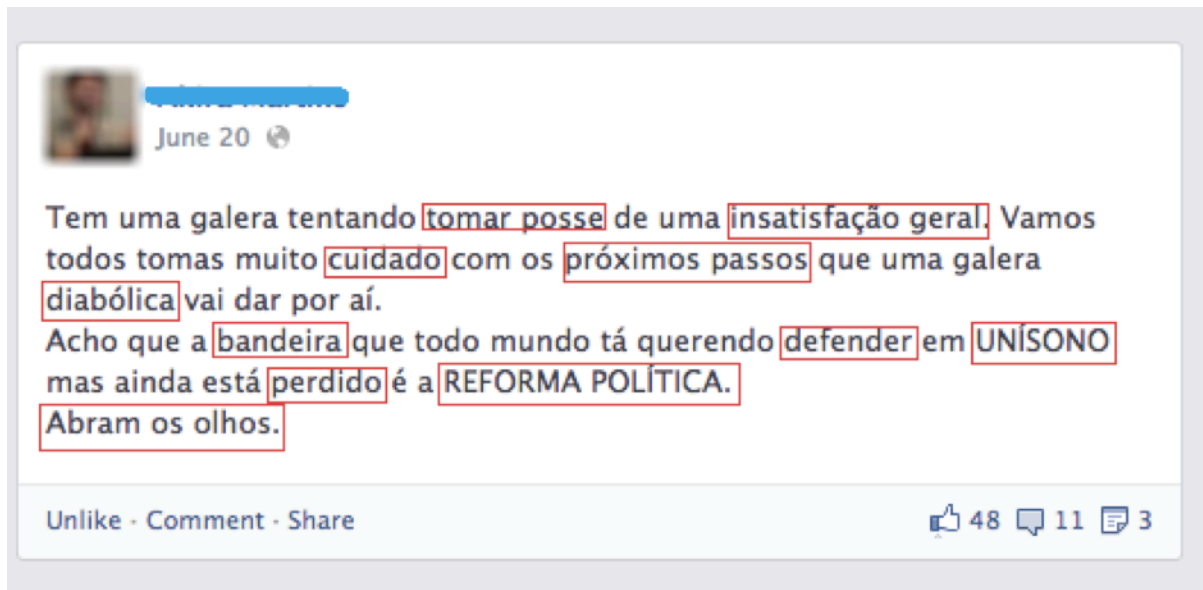
O primeiro comentário analisado afirma que, na marcha anterior, a presença dos policiais era menor e a manifestação havia sido pacífica, indicando uma ligação entre os dois fatos e sugerindo que a maior quantidade de membros da polícia foi a causadora da violência no protesto daquele dia. Essa insinuação propõe o entendimento de que os manifestantes não sejam os verdadeiros responsáveis pela violência, inocentando-os, o que, se interpretado dessa forma, vai contra a opinião da autora de crítica àqueles que manifestavam, invalidando sua publicação.

O segundo comentarista a apresentar sua opinião também representa uma oposição às crenças da autora, mas o faz de maneira menos sutil e com diferentes argumentos. Ele defendeu que a “depredação” e a “violência” policial foram os fatores responsáveis por fazer o movimento atingir tamanha proporção, e afirmou, ainda, que todos os protestos acontecem dessa forma, já que essas atitudes fazem parte da “insatisfação popular” e são uma forma de expressão à mesma. Ele indica, por fim, a contradição entre aqueles que usam a máscara de Guy Fawkes, idealizador da “Conspiração da Pólvora” contra o Parlamento Inglês, cujo objetivo principal era explodi-lo, e reclamam por paz, algo contrário ao que o revolucionário britânico propunha. Ele define essa contradição como algo “ridículo” explicitando sua veemente discordância da postura da Manifestante F. Tais opiniões contrárias observadas nos comentários, no entanto, são contestadas pelas 33 opções “curtir” recebidas pela jovem e os dois compartilhamentos de seu texto, que representam aprovações ao que foi dito.

4.4 Publicações que apresentam alerta quanto às características dos protestos e proposta de pauta única

O terceiro item de análise aborda publicações que sugerem alerta quanto às características assumidas pelos protestos, demonstrando preocupação e intenção de advertir os participantes das marchas. Além disso, em duas das publicações analisadas, observa-se a ânsia dos manifestantes pela unificação das pautas das reivindicações. A pluralidade das motivações das marchas foi uma característica amplamente divulgada por muitos veículos midiáticos, o que demonstra a conexão entre os discursos dos jovens e o discurso de canais da mídia.

Imagem 29: Manifestante G – 20 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O Manifestante G, do sexo masculino, que tem entre 23 e 26 anos de idade e se formou recentemente pela Universidade de Brasília, teve como prioridade em sua postagem a unificação de uma causa para a qual os manifestantes se posicionassem. O autor da publicação indica que existem pessoas tentando aproveitar o clima de insatisfação da população que são má avaliadas por ele e que, por isso, os participantes dos protestos deveriam ter cuidado com as próximas ações. A seguir, o jovem propõe que os leitores tenham consciência de que o que estava sendo reivindicado nas ruas era a reforma política, e que os manifestantes deveriam se atentar a isso.

A primeira expressão destacada nessa publicação é “tomar posse”, responsável por demonstrar a crença do manifestante sobre o que está acontecendo com o movimento, ao ser apoderado por pessoas que não são bem avaliadas por ele, explicitado pela caracterização como “galera diabólica”. A expressão “insatisfação geral” também merece atenção por ser usada para qualificar a forma como as pessoas estavam se sentindo ao protestarem e o que as motivaram a iniciar as marchas. Já o termo “cuidado” expressa o teor geral da postagem de alerta aos participantes das marchas quanto à invasão das pessoas que o autor julga inconvenientes. A expressão “próximos passos”, depois da palavra “cuidado” exprime um conselho de que os manifestantes devam pensar suas próximas ações com cautela. Na frase seguinte, ressalta-se a palavra “bandeira”, que, aqui, tem o significado da pauta pela qual se deve lutar nas marchas, a qual se deve “defender”, como explica o Manifestante G. O termo “uníssonos” sugere que aqueles que saíam às ruas em manifestações gritavam pelos mesmos

motivos e mesmas reivindicações, mas a própria postagem sugere que exista uma desarmonia entre as pautas principais dos protestos, e, por isso, ele sugere uma reflexão sobre aquilo que mais está sendo reclamado. Além disso, como viu-se no capítulo 1, a falta de unidade nas exigências do povo foi um fator que incomodou a muitos participantes. Por isso, o Manifestante G descreve essa prioridade como algo “perdido”, explicitando que deve ser reencontrado e colocado em evidência para unificar as marchas. A expressão “reforma política” aparece então como a opinião do autor de qual deve ser essa pauta unificada e pela qual se deve manifestar. Ao fim, o conselho de “abram os olhos” reforça o teor de alerta e de conselho da mensagem.

Observa-se que a imagem que o Manifestante G procura transmitir por meio de sua publicação é a de uma pessoa consciente sobre questões relacionadas às manifestações, a ponto de lembrar seus contatos no Facebook sobre a verdadeira reivindicação que os manifestantes procuram, e atenta às ameaças que o movimento, em sua opinião, parece sofrer. Ao afirmar que existem pessoas “diabólicas” tentando se apoderar do movimento, o jovem compartilha uma preocupação com seu público e tenta alertar seus amigos a prestarem mais atenção à situação, assumindo a posição de conhecedor do assunto e protetor do movimento, bem como daqueles que dele participam, zelando pela integridade das marchas.

Imagem 30: Comentários sobre a publicação do Manifestante G – 20 de junho de 2013



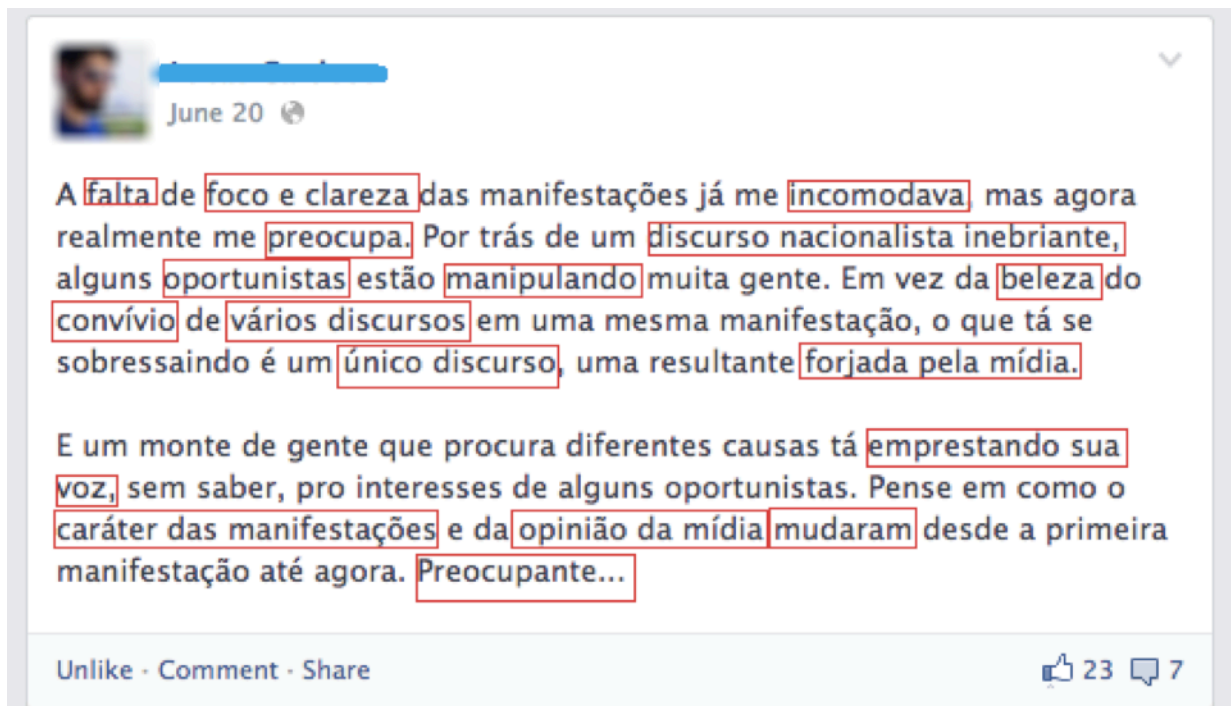
Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Dos onze comentários sobre a publicação, foram selecionados dois que mais representavam as opiniões observadas. A primeira pessoa a exibir sua opinião a respeito do texto publicado inicia sua colocação com a palavra “exatamente”, o que indica que ela concorda com fidedignamente com as palavras do manifestante. A seguir, ela apresenta, ainda, um complemento ao argumento por ele proposto de que os manifestantes possam estar sendo manipulados por pessoas de índole ruim quanto ao movimento, afirmando que a situação está “como eles querem e provavelmente planejaram”, se referindo à chamada “galera diabólica”, que afirma estar agindo de forma pensada e calculada para que os protestos caminhassem da forma como queriam.

O segundo comentarista não menciona diretamente sua opinião sobre o conteúdo publicado, mas exhibe sua aprovação ao afirmar que, no dia da publicação, “respeita mais” o autor. Essa declaração prova que ele concordou com a fala do Manifestante G a ponto de considerá-lo uma pessoa mais respeitável depois dela. Esse exemplo demonstra como a validação se deu não só ao conteúdo divulgado mas também a quem o divulgou, já que o apoio observado é dirigido à pessoa do manifestante e à imagem que ele passa de si. Essa situação explicita como a vigilância dos outros é responsável por homologar a construção das subjetividades a partir do compartilhamento de informações nas redes sociais.

Os três compartilhamentos recebidos pelo Manifestante G mostram que, não só sua publicação foi bem recebida, como três de seus amigos optaram por repassá-la, aumentando sua visibilidade. As 48 opções “curtir”, unidas aos comentários positivos na postagem indicam a credibilidade dele junto aos amigos e conhecidos do autor que concordaram com o que ele havia dito e, no caso daqueles que deixaram seus comentários, expressaram em palavras sua opinião sobre aquilo que o manifestante expôs. O olhar do outro se expressa, aqui, então, em concordância com o Manifestante G ao “curtir” sua postagem e pela forma como dá seu parecer no espaço para comentários.

Imagem 31: Manifestante H – 20 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A publicação do Manifestante H apresenta uma visão preocupada sobre a falta de discursos diferentes nas ruas e em relação a um nacionalismo exacerbado que ele observou

nos protestos. O jovem, estudante da Universidade de Brasília, do sexo masculino, que tem entre 23 e 25 anos, se mostra intrigado pela falta de definição das pautas e indica haver manipulação por parte de algumas pessoas que se aproveitam do momento. O manifestante acusa, ainda, a mídia de induzir ao discurso unificado, e sugere uma reflexão sobre as mudanças nos protestos e na posição midiática desde o início das marchas até a data da postagem.

Já no início da publicação, a palavra “falta” demonstra que o manifestante notou a ausência de algum aspecto considerado necessário, o que se define a seguir como as características “foco e clareza”, explicitando a preocupação do autor quanto aos déficits das reivindicações, o qual ele afirma que o “incomodava”, como dá a entender, há algum tempo, mas que, naquele dia, o “preocupa”, insinuando ter havido um aumento na intensidade com que a “falta” de nitidez na fala dos manifestantes o intriga. Como dito no capítulo 1, no dia 20 de junho em Brasília, muitos participantes dos protestos questionaram o movimento e desaprovaram ações de outros manifestantes, o que explica a intensificação da apreensão do jovem.

Em continuação à análise do texto divulgado, ressalta-se a expressão “discurso nacionalista”, algo que aqui é apontado como negativo ou preocupante, mas que foi também observado durante os protestos, com a valorização da bandeira brasileira. A esse “discurso nacionalista” o jovem caracteriza como “inebriante”, passando a ideia de algo capaz de embriagar, de deliciar de forma inconsciente, insinuando que essa posição de valorização nacional é algo que leva o povo a se sentir extasiado, mas sem poder de discernimento. O termo “oportunistas”, então, aparece para descrever pessoas que se aproveitam das marchas para inserir esse “discurso” nas pautas, “manipulando” os manifestantes, ou seja, influenciando-os para uma posição que não era necessariamente a inicial. A seguir, o autor expõe seu ponto de vista ao classificar o “convívio de vários discursos” como “beleza”, algo positivo em oposição ao risco do discurso unificado. Ao fim desse parágrafo da postagem, destaca-se os termos “forjada”, que indica que a atitude criticada foi engendrada por um sujeito, definido, no caso, como a “mídia”, o que demonstra a acusação do jovem em relação à manipulação por parte dos meios de comunicação.

No último parágrafo de sua postagem, então, o manifestante fala de manipulação por parte daqueles que considera como “oportunistas”, afirmando que muitas pessoas estão “emprestando sua voz”, gritando por uma causa que não obrigatoriamente é a sua, isto é, “sem

saber”, o que retoma a ideia da falta de consciência da população, defendida pelo autor. Ao usar o verbo “pensem”, o Manifestante H incita uma reflexão e dá um conselho para que se observe o “caráter das manifestações e da opinião da mídia” e como “mudaram” desde o início das marchas, modificação essa que foi visível nas manchetes dos jornais, como exemplificado no primeiro capítulo deste trabalho. O fechamento da publicação com a palavra “preocupante” repassa a sensação prioritária do autor em relação aos aspectos apontados e mostra o sentimento que ele tenta despertar em seus leitores.

O Manifestante H apresenta, em sua publicação, uma posição semelhante àquela observada pelo Manifestante G, exprimindo preocupação e acusações quanto à presença de pessoas “oportunistas” que tentam transformar as manifestações em lutas a seu favor. Ao mencionar que tais sujeitos estão “manipulando muita gente”, o Manifestante H assume uma posição de cauteloso quanto àquilo que é defendido nos protestos e de alguém que vê erros que parte dos demais participantes dos protestos não veem, passando a imagem de um manifestante atento e esclarecido. O estudante se posiciona, ainda, como alguém que defende a pluralidade e o respeito a opiniões diferentes, o que se explicita ao mencionar a “beleza do convívio de vários discursos”, e ao criticar o discurso único que, segundo ele, é fruto da influência da mídia. A citação aos meios de comunicação e o convite à reflexão sobre a evolução dos protestos contribuem para a construção de sua imagem como alguém que questiona aquilo que é noticiado por jornalistas, reforçando a afirmação de seu caráter vigilante.

Imagem 32: Comentários sobre a publicação do Manifestante H – 20 de junho de 2013



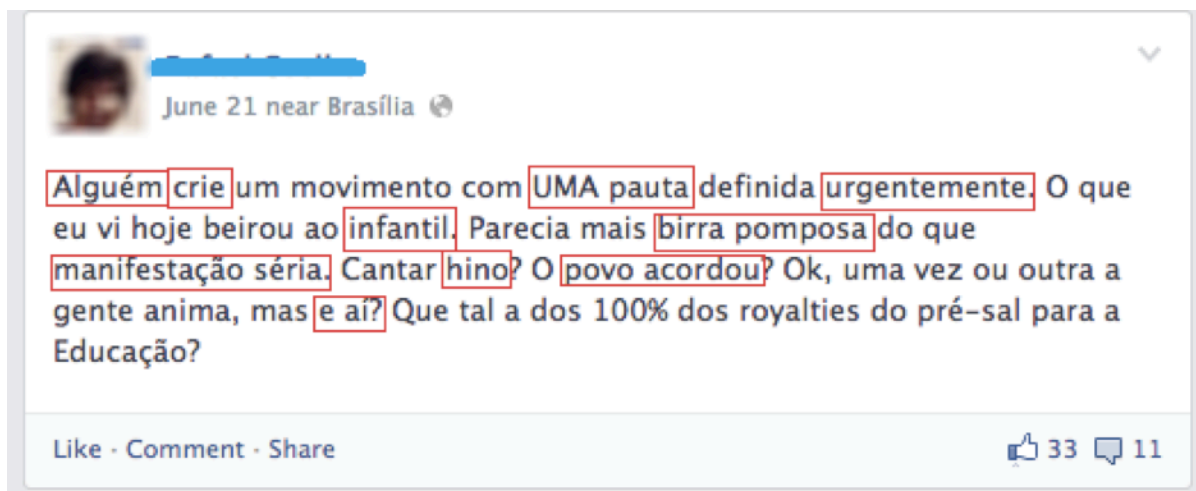
Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O primeiro comentário recebido não vai contra nem a favor daquilo que é defendido pelo Manifestante H, mas, sobretudo, dá continuidade ao debate sobre a mídia, perguntando sobre a opinião do autor de maneira mais aprofundada. Esse comentário é o primeiro que se destaca, dentre os analisados até esta etapa da pesquisa, que não apresenta uma opinião visivelmente posicionada, mas parece procurar mais elementos para construir sua opinião. A

fala do primeiro conhecido a comentar, portanto, procurava uma resposta do autor que o estimularia a aprofundar a construção de sua imagem, mas não validou ainda as informações divulgadas.

Já o segundo conhecido a tecer seu comentário sobre o conteúdo publicado, se apresenta favorável ao que foi dito e alega já haver conversado sobre o assunto com o autor, dando a entender que contribuiu para o desenvolvimento do pensamento. O segundo comentarista afirma, ainda, que, apesar de antes acreditar que poucas pessoas pensavam da mesma forma que ambos, encontrara, no Facebook, outras opiniões que expressavam a mesma preocupação, dando a entender que a correspondência de pensamento com outros usuários da rede reafirmava a validação do receio. Esse segundo comentário expressa, portanto, uma aprovação em relação à publicação e indica que outros indivíduos, se tivessem acesso ao texto, também concordariam com ele, o que pode ser representado pelas 23 opções “curtir” observadas.

Imagem 33: Manifestante I – 21 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

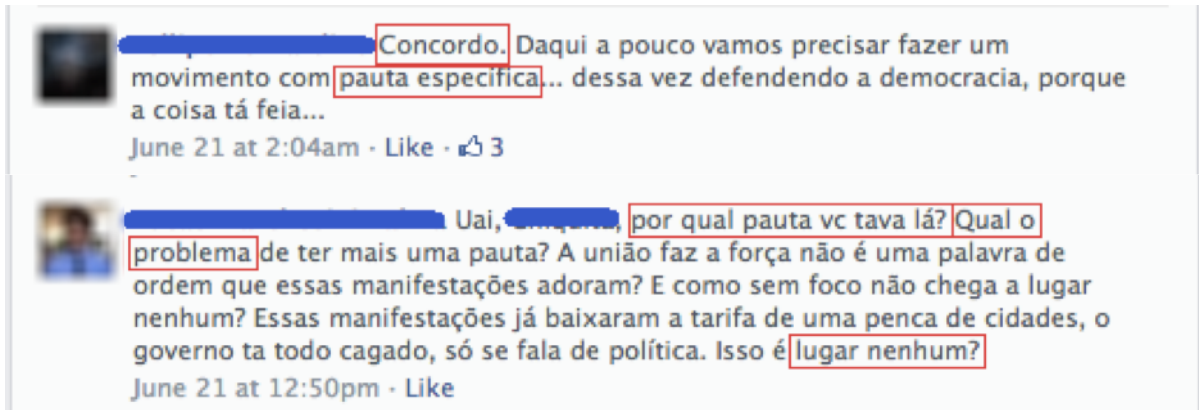
O Manifestante I, estudante da Universidade de Brasília, do sexo masculino, que tem entre 22 e 24 anos, apresenta em sua postagem uma ansiedade pela demarcação de uma pauta prioritária para as reivindicações, criticando a forma como o protesto havia acontecido até então. Ele sugere, ao fim, a definição para a pauta principal como a aprovação do projeto de lei que defendia que 100% dos *royalties* do pré-sal fossem destinados à educação. Convém apontar, aqui, que essa lei foi aprovada e publicada em setembro de 2013, porém com algumas modificações: 75% dos *royalties* do petróleo se destinam à educação, enquanto os

outros 25% são reservados à saúde, e 50% do Fundo Social do pré-sal será também investido em educação.

Ao iniciar sua fala com o termo “alguém”, o Manifestante I pede que uma pessoa indefinida tome a frente para realizar a ação que ele considera necessária, mas parece se abster de tomar tal iniciativa, usando o verbo “crie” no imperativo para delegar a tarefa. Para descrever a atitude que considerada emergencial, o estudante usa a expressão “criar um movimento”, dando a ideia de proposta de um movimento novo, diferenciado daquele que acontecia até então, “com uma pauta definida”. O destaque para o numeral “uma” explicita o desejo do autor por uma pauta unificada, que organize as múltiplas reivindicações dos manifestantes. Já o advérbio “urgentemente” explicita a ansiedade do manifestante para solucionar a situação dos protestos que ele considera como algo que “beira o infantil” ou “como birra pomposa”, passando a ideia de um movimento com pouca consciência que mais se comparava às atitudes de teimosia de uma criança do que com uma “manifestação séria”. A seguir, o manifestante questiona o ato de “cantar o hino” e o grito de guerra de que “o povo acordou”. Essas atitudes nacionalistas, como visto na análise do Manifestante H, eram rejeitadas por alguns participantes das marchas por sua associação ao nacionalismo exacerbado imposto à população no período da ditadura militar. A expressão “mas e aí” sugere a falta de consequências efetivas no ato de “cantar o hino” além de levar o povo a “animar”, isso porque o autor acredita ser necessário outro tipo de ação para que a manifestação seja considerada “séria”. Por fim, a sugestão da pauta “dos 100% do *royalties* do pré-sal para a Educação”, o estudante introduz a expressão “que tal”, como se esperasse um retorno de seu público acerca da concordância ou não com aquilo que ele sugeriu. O fato de realizar essa proposta ao fim, no entanto, parece contradizer sua postura inicial de pedir que “alguém” definisse um pauta.

Ao solicitar que, “urgentemente”, alguém criasse “uma pauta definida” para os protestos, o Manifestante I se posiciona contra a pluralidade de reivindicações e como alguém que vê uma falha nas marchas que deveria ser corrigida de maneira inadiável. Ao afirmar, ainda, que, até ali, as manifestações teriam “beirado o infantil” e se comparado a “birra pomposa”, ele insinua acreditar que o ato de protestar deva acontecer de outra forma, enquanto a crítica veemente às atitudes dos participantes das marchas contribuem para o representar em posição de maior compreensão quanto ao jeito correto de se manifestar do que os demais manifestantes.

Imagem 34: Comentários sobre a publicação do Manifestante I – 21 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O número de 11 comentários recebidos sugere que os objetivos do manifestante ao encerrar sua postagem com uma pergunta tenham sido atingidos, já que, ao obter comentários, ele pode ter recebido respostas à sua sugestão, negativas ou positivas, como observa-se a seguir. Já as 33 opções “curtir” que conseguiu passam a ideia de que esse número de pessoas concorda com o que ele disse, como visto nas análises, e, portanto, parece aceitar sua proposta.

Os dois comentários destacados para avaliação têm oposições opostas entre si. O primeiro representa apoio ao discurso do Manifestante I, o que se explicita por seu início com o verbo “concordo”. A aprovação se comprova, ainda, pela defesa do primeiro comentarista sobre a necessidade de “fazer um movimento com pauta específica”. Apesar de a pauta sugerida nesse caso ser diferente daquela proposta pelo estudante e indicar uma ironia quanto à violência na repressão às marchas, essa fala representa uma concordância ao teor principal da mensagem do Manifestante I, validando a imagem que ele construiu em sua publicação e classificando-se como um retorno positivo.

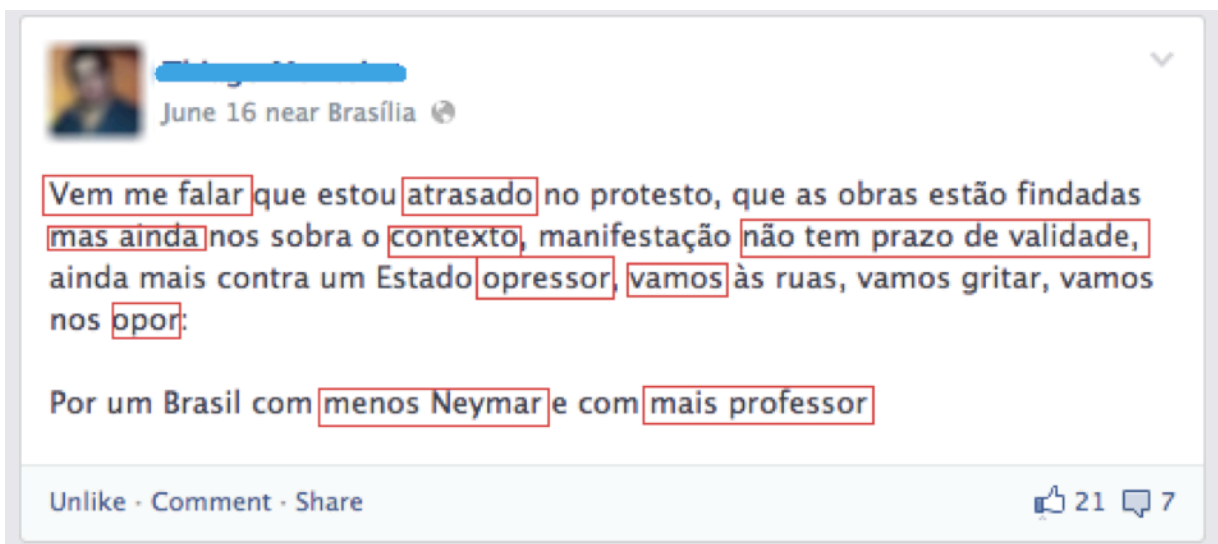
O segundo comentarista, no entanto, apresenta uma série de perguntas quanto aos motivos do discurso do Manifestante I. O questionamento responsável por explicitar a opinião contrária do conhecido do estudante é: “Qual o problema de ter mais uma pauta?”, indicando o desacordo quanto à pluralidade de reivindicações ser algo negativo. O comentarista argumenta ainda contra a insinuação do manifestante de que o que havia sido feito até aquele momento das marchas não teria consequências sólidas, mencionando a conquista dos protestos quanto à diminuição das tarifas rodoviárias. Dessa forma, o segundo amigo a comentar, ao contrário do primeiro e das 33 pessoas que “curtiram” a fala do Manifestante I,

apresenta uma oposição a sua opinião, classificando uma reação negativa que tenta invalidar as propostas do estudante.

4.5 Publicações que apresentam referência à Copa das Confederações

Ambas as publicações estudadas a seguir mencionam o assunto da Copa das Confederações. As irregularidades na reforma do Estádio Nacional para os jogos do evento esportivo foram, em Brasília, uma das principais críticas destacadas nas reivindicações dos manifestantes. O primeiro manifestante analisado faz referência direta às obras e a um jogador de futebol que se destacou durante a Copa das Confederações. Já o segundo, fala sobre a origem da verba utilizada nas construções.

Imagem 35: Manifestante J – 16 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Na publicação da Imagem 35, observa-se que o Manifestante J parece responder acusações recebidas, direta ou indiretamente, quanto ao atraso das manifestações, quando posicionadas contra a Copa das Confederações em Brasília, e contra à reforma do Estádio Mané Garrincha, considerada superfaturada. O manifestante, atual estudante da Universidade de Brasília, que tem entre 20 e 23 anos, responde afirmando que o “contexto” é atual, e que, portanto, ainda existe espaço para protestos, especialmente com a motivação da repressão considerada violenta por parte da polícia durante as marchas em todo o Brasil. Ele finaliza seu primeiro parágrafo com um convite para que as pessoas saiam às ruas em manifestações, se posicionando contra as atuais prioridades do Brasil. Ao finalizar sua publicação ele propõe que se valorize mais a educação e menos o futebol, com maior respeito à figura do professor

em detrimento das figuras de jogadores de futebol, representadas, na postagem, pelo jogador da seleção brasileira Neymar, premiado como melhor jogador durante a Copa das Confederações.

A forma como é construída a sentença que dá início à publicação, “vem me falar que estou”, adianta que a postagem abordará algum tipo de crítica ou acusação recebida pelo manifestante. Tal crítica tem seu teor explicitado diretamente pelo uso da palavra “atrasado”, e sua associação ao termo “protesto”. No momento em que faz uso da expressão “mas”, o Manifestante J anuncia que apresentará um contra-argumento em relação às críticas recebidas, e ao usar a palavra “ainda”, indica que abordará também a questão do tempo em seu argumento. O termo “contexto” é um dos que merece maior destaque nessa análise, por expressar, em apenas uma palavra, aquilo que foi alegado inúmeras vezes pelos participantes das manifestações: “não é só por 20 centavos”, que poderia ser adaptado, para essa publicação específica, como não é só pelo Estádio, já que a ideia de “contexto” abrange não apenas um aspecto, mas a combinação de vários em um momento histórico e em um lugar estudado. Já a negativa sobre “prazo de validade” representa a resposta final às supostas críticas recebidas pelo manifestante, comprovando seu posicionamento a favor dos protestos, posicionamento que se reforça a seguir com o adjetivo “opressor”, usado para caracterizar o “Estado”, o que demonstra uma acusação às formas de repressão do governo, correspondendo àquele mesmo dualismo observado na análise da publicação do Manifestante A. Em sequência, o uso repetido da palavra “vamos” representa o convite insistente do autor para que os leitores se unissem às marchas e, como explicitado pelo termo “opor”, se posicionassem contra o cenário atual não explicitado, mas possivelmente compreendido como político e social do Brasil, se considerado o momento das manifestações e a forma como aconteceram, como abordado no primeiro capítulo.

O Manifestante J, em sua publicação analisada, assume o papel de um protetor dos protestos, capaz de defender a causa de acusações recebidas quanto ao atraso nas reivindicações. O estudante transmite a imagem de um motivador das marchas, ao convidar os amigos “às ruas”, a “gritar” e a se “opor. Na frase final de seu texto, quando sugere uma luta “por um Brasil com menos Neymar e com mais professor”, passa ainda a impressão de ser alguém que luta pelo movimento e sugere uma importante pauta para impulsioná-lo, pauta essa que constrói a sua imagem como a de alguém que valoriza mais a educação do que o futebol.

Imagem 36: Comentários sobre a publicação do Manifestante J – 16 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A quantidade de opções “curtir” representa que o Manifestante J tem, em sua rede de contatos, pessoas que concordam com ele e observam aquilo que ele publica a seu respeito. Se 21 pessoas concordaram ou deram sua aprovação em relação àquilo que foi publicado, é muito provável que outras pessoas também tiveram acesso à postagem, mesmo que não tenham se manifestado a respeito. Os comentários indicam que a publicação gerou formas de expressão de outras pessoas, potencializando a visibilidade conquistada e demonstrando que sua subjetividade construída a partir da forma como se manifesta na rede foi, no momento dessa postagem, validada e recebeu retorno e atenção de seus amigos e conhecidos.

Nos dois comentários destacados, encontra-se uma pessoa que comenta discordando de uma parte da fala do manifestante, enquanto outra apresenta seu comentário de forma a aprovar e complementar aquilo que o autor defende. Dessa forma, observa-se que o primeiro comentarista inicia sua fala com a palavra “não”, dando um primeiro e claro indício de que apresentará um argumento que irá contra o que foi defendido pelo Manifestante J. Nesse comentário, o conhecido do estudante defende uma pauta diferente para os protestos daquela sugerida na publicação, e expõe sua contraproposta em seguida, após negar a sugestão do manifestante, demonstrando não aprovar a última frase de sua declaração.

O segundo comentarista, ao contrário, expõe um discurso que fortalece o principal argumento defendido pelo Manifestante J, de que as marchas não estão atrasadas e ainda está em tempo de se manifestar. O conhecido inicia sua fala afirmando que “protesto num tem hora”, o que já reafirma a postagem do manifestante. A seguir, além de concordar com a publicação, ele apresenta uma nova justificativa que torne o argumento do Manifestante J ainda mais forte, afirmando que o protesto é algo que “explode”, e como tudo que “explode”, não se pode “prever”, o que impede que se saiba o momento certo em que irá acontecer.

O Manifestante J recebeu, dessa forma, retornos positivos e negativos a partir da opinião que ele expôs, mas nenhum que negasse seu ponto de vista principal, o que leva a

compreensão de que sua principal imagem almejada foi, ao que se nota por essa análise, validada. Esse fator se comprova pela consideração de que os retornos positivos são somados às 21 opções “curtir” recebidas, que, como dito, representam 21 pessoas que concordaram com o texto publicado.

Imagem 37: Manifestante K – 21 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O Manifestante K apresentou um tipo diferente de publicação, ao não mencionar os protestos diretamente, mas falar sobre um assunto que foi consequência dos mesmos: o pronunciamento da presidente Dilma Rousseff, cujo trecho foi explicitado no capítulo 1 desta monografia. O jovem, que é do sexo masculino, se formou pela Universidade de Brasília no meio de 2013 e tem entre 21 e 23 anos, já inicia sua fala afirmando que o que diria não seria nenhum pouco bem recebido pelos usuários do Facebook. Mesmo assim, o manifestante elogia o pronunciamento da presidente, destacando apenas uma restrição no que se refere ao uso do dinheiro público para investimentos nos eventos esportivos da Fifa.

Ao declarar, antes mesmo de expor sua opinião, que seria “linchado” no Facebook, o Manifestante K explicita sua preocupação com os comentários que receberia por sua publicação e demonstra ter consciência de que muitas pessoas se posicionariam de maneira diversa da sua. Isso, no entanto, não o impede de divulgar a maneira como pensa, e, então, ele se refere a presidente do Brasil com um apelido “dilmão”, que sugere coloquialidade e intimidade, além de o aumentativo insinuar uma admiração por parte do autor. A expressão seguinte, em caixa alta, “hazou”, que é, na verdade, uma forma característica da linguagem da internet e pode ser entendida como “arrasou”, explicita a opinião favorável em relação ao pronunciamento, indicando que o jovem acredita que a representante do país havia se saído bem em seu discurso. O uso dos parêntesis, nesse caso, aponta a inserção de uma ressalva, que se confirma pela utilização do verbo “tirando”, que sugere exclusão de algum assunto nos

critérios estabelecidos anteriormente. A gíria “treta” indica um tema problemático, confuso ou mal-explicado, e explicita, assim, a exceção apontada pelo manifestante do que diz respeito aos investimentos da Copa. O vocativo “amiga” volta a reforçar a ideia de intimidade e de coloquialidade em relação a presidente Dilma Rousseff, mas, dessa vez, parece ser falado com ironia, por estar inserido em um contexto de repreensão. A negativa sobre o adjetivo “bobo” explica que o público não havia acreditado no comunicado, e a afirmação final demonstra a intenção do manifestante em afirmar que o público tem conhecimento de que os investimentos para os eventos esportivos teriam, de fato, saído do “dinheiro público”.

O Manifestante K elogia o pronunciamento da presidente Dilma Rousseff em relação aos protestos, mas faz uma ressalva quanto à sua afirmação de que a verba para os eventos esportivos não havia saído do dinheiro público. A publicação é curta e transmite a imagem sobre o autor como alguém que admira a presidente do país e concordou com aquilo que ela defendeu em seu discurso. No entanto, ao afirmar que “a gente não é bobo”, o jovem indica que, apesar da admiração, não acredita em tudo que foi dito e sabe discernir sobre o que é verdade e o que não é, representando alguém que compreende o cenário político, mas, ainda assim, apoia a representante do Brasil.

Imagem 38: Comentários sobre a publicação do Manifestante K – 21 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Os comentários recebidos pelo Manifestante K destacam a diversidade de opiniões quanto ao tema proposto por ele. A primeira comentarista aprova sua fala, usando a palavra “também” para explicitar que compartilha a posição do autor, e o verbo “curti” para informar que havia apoiado o pronunciamento. Ela reafirma, ainda, a retificação que ele aponta, repetindo que havia gostado do discurso de Rousseff “apesar das ressalvas”. A reação dessa primeira pessoa a comentar se soma às 48 opções “curtir” que o Manifestante K recebeu, representando aprovações e validações àquilo que ele disse em sua publicação.

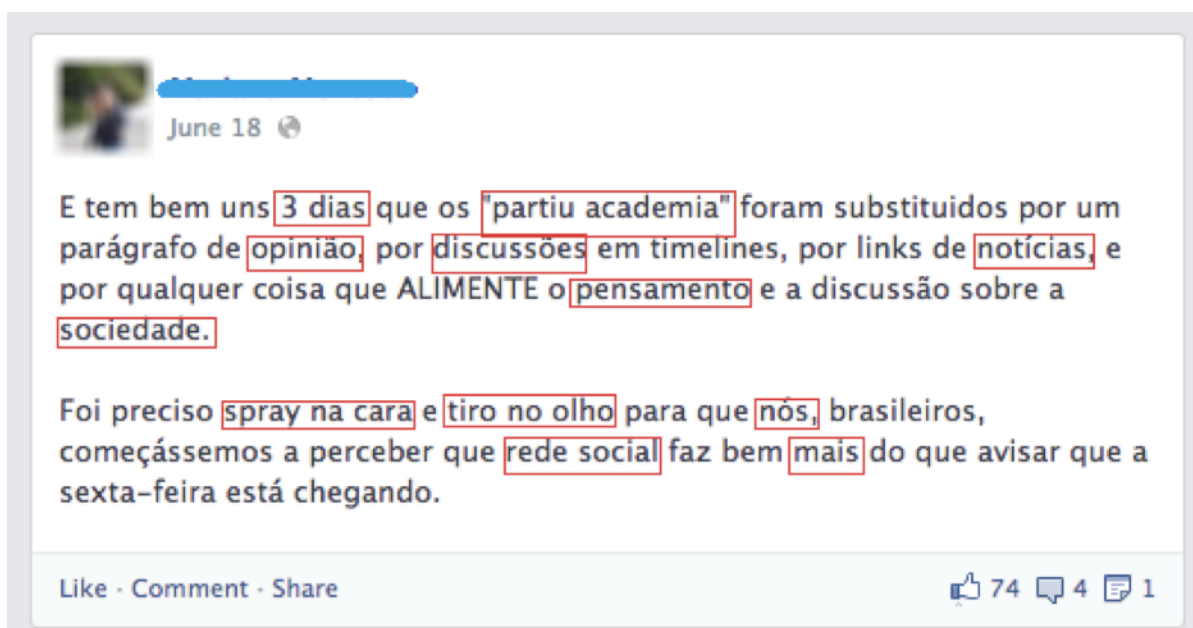
A segunda amiga comentarista já inicia sua fala pela declaração “ah não” explicitando sua discordância quanto ao que o jovem havia defendido. A sua fala seguinte expressa ainda seu posicionamento contra a presidente do Brasil e sua intenção de que ela deixasse o poder,

representando veemente oposição quanto à opinião do Manifestante K e explicitando o retorno negativo que ele antecipou que receberia.

4.6 Publicações que apresentam comentários sobre a atuação dos manifestantes no Facebook

As publicações das manifestantes L e M abordam, de maneira metalinguística, a atuação dos manifestantes no Facebook, visto que se expressam na rede social e sobre a atuação na mesma. A primeira jovem cuja publicação é analisada elogia as mudanças nos conteúdos das publicações de seus amigos. A segunda, no entanto, critica postagens agressivas acerca das divisões partidárias. As duas publicações foram expostas por, além de expressarem as subjetividades que as jovens buscaram construir a seu respeito, estudarem o comportamento dos manifestantes na rede, auxiliando sua compreensão.

Imagem 39: Manifestante L – 18 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Essa publicação estudada é de autoria de jovem do sexo feminino, recém-graduada pela Universidade de Brasília, que tem entre 23 e 26 anos e que, no época dos protestos, estava estudando fora do país, mas acompanhou os protestos brasileiros e participou de marchas em apoio ao Brasil na cidade onde estava residindo.

Em seu depoimento, a Manifestante L apresenta uma opinião positiva sobre as manifestações, comentando a mudança nos comportamento observados antes dos protestos e

durante eles nas redes sociais. A autora da publicação parece sentir orgulho dessa transformação e demonstra acreditar que seja bom o uso do espaço da rede para debates sobre questões e problemas da sociedade. Em seu último parágrafo, a autora faz uma crítica, alegando que a população brasileira teve que sofrer atos de violência durante as manifestações para entender que era possível utilizar as redes sociais para o ativismo político.

A publicação da manifestante é metalinguística, ao se expressar por meio de uma rede social, o Facebook, justamente sobre o uso desse dispositivo para debates sociais e políticos. Em sua referência a “três dias”, a autora volta ao primeiro dia de manifestação em Brasília, destacando que desde essa data as postagens observadas no portal haviam passado por mudanças. Os termos “opinião”, “discussões”, “notícias”, “pensamento” e “sociedade” aparecem como um resultado positivo dessa transformação de postura dos usuários das redes sociais, como uma forma de demonstração de consciência política. Isso representa uma oposição à expressão “partiu academia”, que é uma referência irônica e crítica a um conteúdo e uma *hashtag* compartilhado frequentemente nas redes sociais por pessoas que estão indo à academia. A seguir, ao fazer menção ao uso de *spray* de pimenta por parte dos policiais com a locução “*spray* na cara”, e ao tiro de bala de borracha, o que pode ser uma alusão à jornalista Giuliana Vallone, por meio da expressão “tiro no olho”, a jovem explicita o que os brasileiros tiveram que enfrentar nas marchas em ruas para que pudesse haver essa substituição de prioridades na rede. Importante considerar que o uso do pronome “nós” inclui a própria escritora do depoimento naquilo que ela parece criticar, afirmando que ela também precisou passar pelas situações sobre as quais faz menção. Por fim, o trecho “avisar que a sexta-feira está chegando” consiste em mais uma referência irônica e de desaprovação em relação aos conteúdos publicados na *web* antes das marchas.

A Manifestante L faz menção crítica aos tipos de publicação que apareciam no Facebook antes da onda de protestos e elogia a mudança das postagens para pensamentos políticos. Nesse sentido, a jovem desaprova o compartilhamento de textos sobre questões do dia-a-dia que aparenta considerar menos importantes do que textos relacionados a discussões e pensamentos sociais e políticos. Assim, a imagem que ela parece transmitir em sua publicação é a de uma pessoa que está engajada nos protestos, por citar fatos que aconteceram durante eles, e de alguém que vê as redes sociais como uma possibilidade de exercício de ativismo de maneira virtual.

Imagem 40: Comentários sobre a publicação da Manifestante L – 18 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

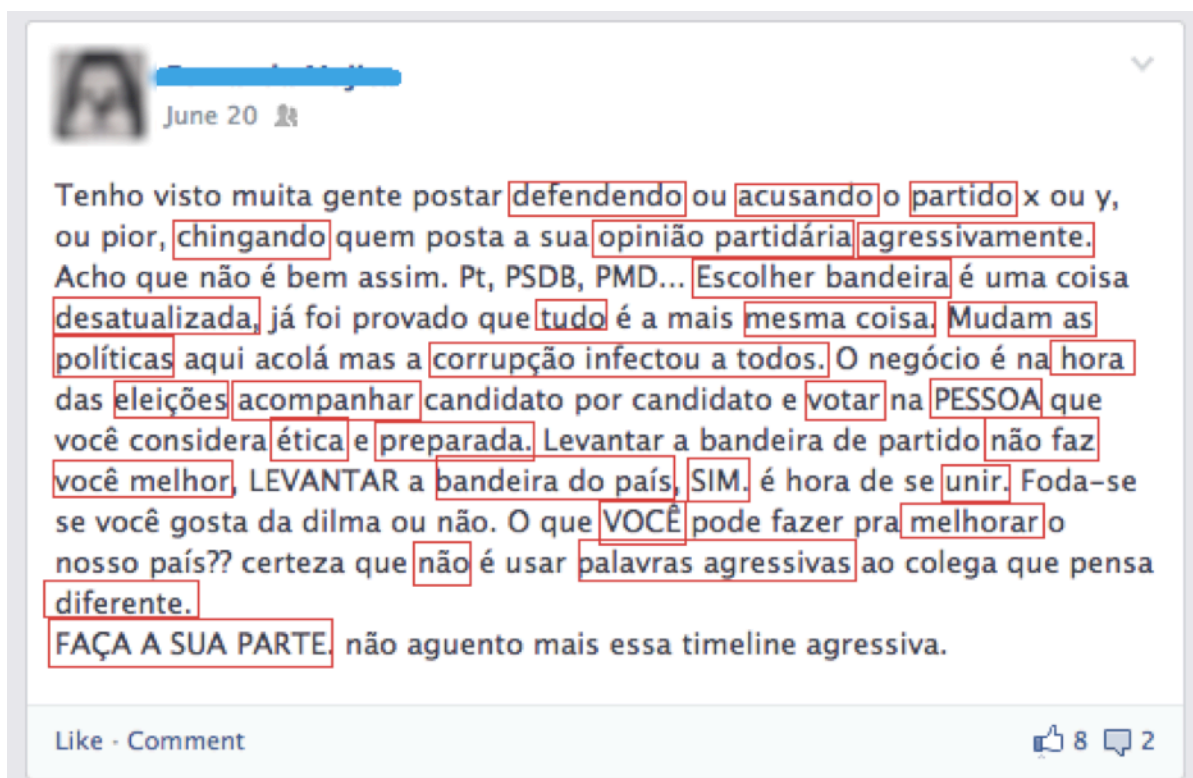
A grande quantidade de 74 opções “curtir” que a publicação da Manifestante L recebeu demonstra que ela é uma usuária do Facebook que consegue atingir um alto número de pessoas com suas publicações, conquistando visibilidade e aprovação. O fato de sua postagem ter tido um compartilhamento leva a crer que essa visibilidade não se restringiu a sua rede de contatos, mas atingiu, também, as ligações de quem compartilhou sua opinião. Esse retorno de seus conhecidos na rede comprovam a vigilância dos mesmos sobre aquilo que ela compartilha, demonstrando que o olhar do público está atento e deu, nesse caso, em grande número, seu julgamento positivo sobre a posição divulgada pela manifestante.

No primeiro comentário analisado dentre aqueles que foram encontrados na publicação, há uma concordância total ao que foi dito pela manifestante, já evidenciada pelo início da frase com o verbo “concordo”. O complemento ao verbo, “em gênero, número e grau”, sugere que o comentarista aprova tudo que foi dito e insinua total confiança na fala da jovem e na sua opinião, sendo um exemplo de aprovação máxima e insinuando admiração pela Manifestante L no momento em que divulgou seus pensamentos.

Já o segundo comentário parece concordar com a manifestante quanto à falta de importância dos comentários ligados à “academia” e “anúncios de sexta-feira”, mas discorda quanto ao desaparecimento desse tipo de compartilhamento, reforçando, ainda, os exemplos de compartilhamentos desnecessários com a citação das divulgações de fotos de comida, marcantes nas redes sociais. O uso da carinha triste ao fim do comentário demonstra que a amiga da manifestante compartilha sua desaprovação quanto aos tipos de compartilhamentos mencionados, portanto, sua concordância é parcial, mas quanto ao teor principal da postagem.

Dessa forma, entende-se que os comentários recebidos pela Manifestante L representam aprovações a sua opinião, da mesma forma que as 74 opções “curtir” e que o compartilhamento da publicação. Um dos comentários, no entanto, indica uma discordância quanto à mudança observada pela jovem, o que não representa uma desaprovação à mensagem principal do texto.

Imagem 41: Manifestante M – 20 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A publicação analisada na Imagem 41 apresenta um ponto de vista sobre uma questão relacionada à adesão a partidos políticos durante os protestos. Apesar de a Manifestante M, que é do sexo feminino e tem entre 23 e 25 anos, graduada pela Universidade de Brasília, não falar diretamente das ações realizadas nas ruas, o contexto e a data de sua publicação indicam que ela se referiu ao maior dia de protestos em Brasília, ou seja, o dia 20 de junho, e abordou um tema que esteve em pauta, causando polêmicas durante todo o período dos protestos. A autora da postagem, então, se posiciona contra a agressão que ela observa em relação a opiniões partidárias contrárias, e explica que a escolha de bandeiras políticas é uma coisa ultrapassada, já que, atualmente, todas se provaram muito parecidas e igualmente corruptas. Ela propõe, assim, que se vote com consciência e atenção, e que se valorize a bandeira nacional brasileira, em detrimento da separação de bandeiras de partidos. Dessa forma, ela preza pela união do povo, indicando que não importa de quais representantes políticos se é adepto, mas sim o que se pode, pessoalmente, fazer para mudar o país pra melhor.

Os primeiros termos em destaque na publicação acima são “defendendo” e “acusando”, que exprimem a postura dos manifestantes em relação às suas posições partidárias e as que se diferem da sua, respectivamente. A palavra “partido” então é o foco do texto por caracterizar seu principal assunto e o tema sobre o qual a Manifestante M passará sua opinião. A seguir,

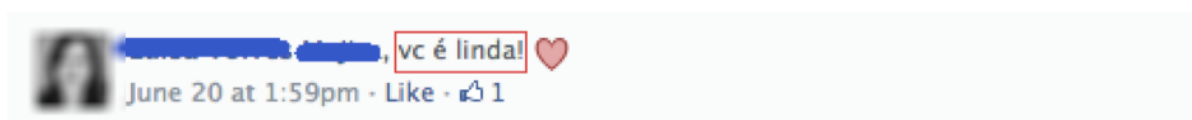
“xingando” e “agressivamente” especificam as ações de hostilidade dos participantes dos protestos uns para com os outros quando se trata de posição partidária, e a utilização da palavra “pior” antes da menção aos verbos anteriores descreve a avaliação ruim da autora em relação a essas atitudes. A expressão “opinião partidária” exerce a mesma função de “partido”, ditando a temática prioritária da publicação, enquanto o verbo “acho”, a seguir, indica que a manifestante irá dar a sua opinião sobre o assunto, logo indicando que se posiciona contra a atitude que descreveu, por meio da fala “não é bem assim”. A forma como ela cita partidos políticos, divididos por vírgulas e seguidos de reticências, já transmite uma ideia de igualdade entre eles e de pouca importância individual. Ela confirma essa ideia ao classificar como “desatualizada” a ação de “escolher bandeira”, ou seja, de ser adepto de determinada posição partidária. O termo “desatualizada” sugere que, em outros tempos, a divisão em partidos pode já ter funcionado, mas hoje em dia não mais parece adequada, já que são “a mais mesma coisa”, segundo a autora. A seguir, ao falar sobre a “corrupção”, a manifestante aborda uma das pautas mais reivindicadas durante os protestos e responsável por grande parte da indignação dos brasileiros, e indica que ela “infectou a todos”, como uma doença contagiosa que atingiu a todos os partidos políticos, tornando-os, portanto, semelhantes.

Continuando sua fala, a Manifestante M usa a expressão “o negócio é” para insinuar que apresentará um conselho ou que indicará um caminho certo a se traçar, e explica essa proposta ao falar sobre o ato de votar “na hora das eleições”. Sobre esse assunto, então, ela sugere que o correto é “acompanhar”, ou seja, observar os passos dos “candidatos”, para então escolher a “pessoa” que se julga “ética e preparada”. O destaque da palavra “pessoa” evidencia a rejeição da jovem quanto a formação de partidos, mostrando que, de acordo com seu pensamento, deve-se escolher um representante político pela sua personalidade e não pelo partido ao qual ele pertence. O uso das palavras “ética” e “preparada” demonstram, respectivamente, a aversão à corrupção, já citada na postagem, e à falta de experiência daqueles que chegam ao poder. Já o uso do termo “bandeira”, agora em seu sentido literal, é avaliada negativamente quando atribuída a “partido”, segundo a indicação da autora de que “levantar a bandeira de partido não faz ninguém melhor”. Em contrapartida, ela afirma que “levantar a bandeira do país, sim”, defendendo que aderir à bandeira brasileira pode indicar que quem o faz será uma pessoa melhor. Por fim, o destaque da palavra “você”, que aparece em caixa alta, demonstra que a Manifestante M atribui à população a responsabilidade por “melhorar o nosso país”, questionando as atitudes de cada um, o que se reforça com a

expressão “faça sua parte”, também em caixa alta, que parece ser um comando às pessoas que agem com agressividade em relação a partidos políticos. A essas pessoas ela direciona seu desabafo final, definido pela oração “não aguento mais essa *timeline*¹⁵ agressiva”.

Em sua publicação analisada, a Manifestante M se posiciona contra a defesa de partidos políticos e, principalmente, quanto a discussões e agressões relacionadas a esse assunto. Ela defende que deve-se escolher criteriosamente uma pessoa como representante pública pelo seu caráter e não pelo partido a qual defende, e estimula seus leitores da rede social a tomarem atitudes para mudar e melhorar o Brasil ao invés de se confrontarem por posições políticas. Dessa forma, a jovem transmite a imagem de alguém que tenta se desvincular do sistema político como é atualmente, dividido em muitos partidos que, para ela, são todos iguais, e que valoriza o foco na mudança pessoal e na união por um Brasil melhor, onde cada um “faça sua parte”.

Imagem 42: Comentários sobre a publicação do Manifestante M – 20 de junho de 2013



Fonte: Página da usuária no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Convém apontar que a postagem da Manifestante M aborda um assunto que dividiu os manifestantes, já que muitos eram a favor da adesão partidária e julgavam suspeita a sua rejeição, enquanto outros, como ela, se posicionavam contra, defendendo que todo o povo se unisse pelo Brasil, e não por alguma atitude partidária. Dessa forma, o assunto pode ser considerado polêmico, e as opções “curtir” indicam oito membros dentre os contatos das jovens que concordam com sua posição ou que declaram concordar ao aprovar o depoimento. No entanto, se comparado às postagens já analisadas, esse número de 8 opções “curtir” é pequeno, o que pode ser fruto da posição diferente de conhecidos a respeito do tema, mas também pode ser consequência de uma visibilidade baixa, possivelmente resultado de uma grande quantidade de comentários sobre os protestos, dificultando a notoriedade de algumas publicações.

A manifestante recebeu dois comentários em sua publicação, mas o primeiro era de sua autoria, corrigindo um erro ortográfico do texto publicado. Tomando esse fator em conta, convém estudar apenas o segundo comentário, de uma amiga da jovem no Facebook. A

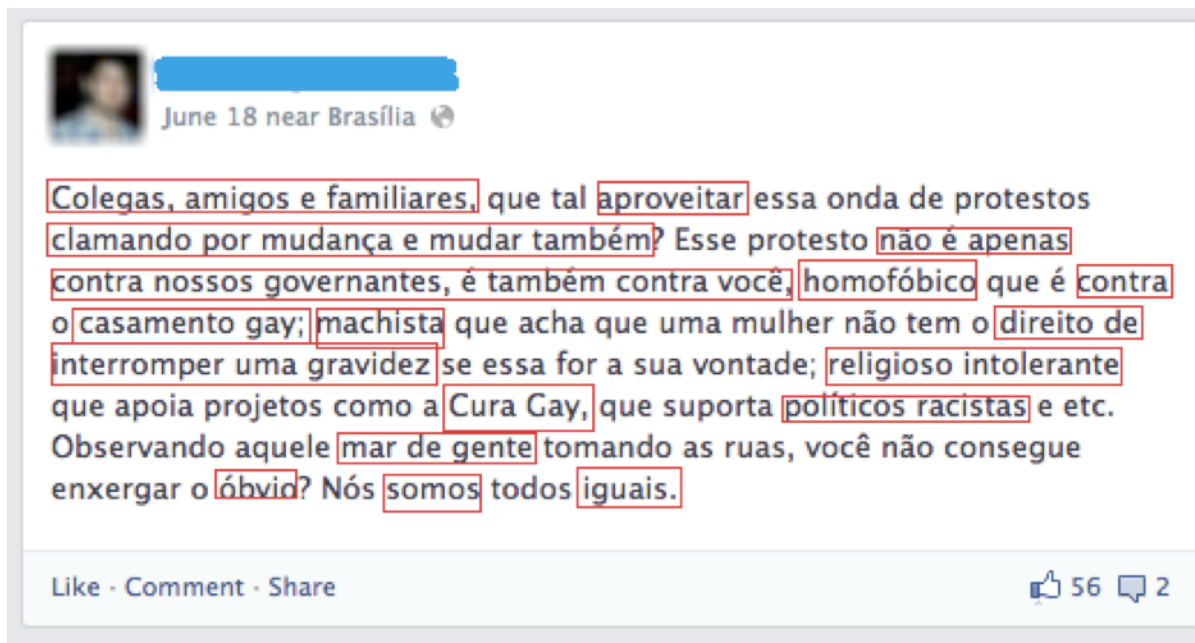
¹⁵ *Timeline* se refere à página do Facebook na qual é possível visualizar as ações e informações compartilhadas pela rede de contatos na rede social.

comentarista expõe sua opinião de maneira muito breve e não avalia diretamente o conteúdo publicado mas a pessoa que o externou. Ao elogiar a autora, afirmando “você é linda”, a pessoa demonstra concordar com as palavras escritas, atribuindo a admiração pelo conteúdo também à pessoa da Manifestante M e à subjetividade que ela construiu com sua publicação. A reação se dá, então, de forma positiva para a imagem que a manifestante transmitiu, mas acontece por meio de um número pequeno, com 8 opções “curtir, número relativamente pequeno, se comparado às demais análises, e nenhum compartilhamento.

4.7 Publicações que apresentam referência à Cura Gay

Os dois últimos manifestantes a serem analisados foram agrupados pelas referências feitas por ambos ao projeto de lei da Cura Gay. Os discursos dos dois manifestantes interagem entre si e com veículos midiáticos, ao abordar um assunto amplamente debatido. O primeiro o faz ao sugerir mudanças das atitudes de seus amigos e conhecidos, enquanto o segundo fala sobre o tema como foco do respeito dos políticos em relação às reivindicações da população.

Imagem 43: Manifestante N – 18 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

O Manifestante N, do sexo masculino, graduado no início de 2013 pela Universidade de Brasília, que tem entre 22 e 25 anos, apresenta, em sua publicação, um ponto de vista diferente sobre os protestos, chamando a atenção de seus próprios conhecidos para outras causas além daquelas políticas destacadas nos gritos de guerras. A postagem do manifestante

é construída como um convite à mudança e até como uma crítica à postura de algumas pessoas, principalmente no que se relaciona, como ele cita, a preconceito contra homossexuais, oposição ao direito feminino de realizar o aborto, intolerância religiosa e aceitação de racismo na política. Segundo sua fala, o jovem acredita que as manifestações também são contra as atitudes citadas e não se dão apenas por causas políticas. Ele afirma, ao fim, que nas ruas, nos momentos das marchas, quando todos estão reunidos em multidões, observa-se que todas as pessoas são iguais.

Ao utilizar os vocativos “colegas”, “amigos” e “familiares”, o Manifestante N indica estar falando diretamente com pessoas que ele conhece, que se encaixam nas características mencionadas, e que, em sua opinião, devam ser atingidas por sua mensagem. O uso do verbo “aproveitar” define uma atitude do próprio autor, que se faz valer da situação dos protestos, na qual se propõem inúmeras mudanças, como ele diz “calmando por mudanças”, para sugerir que seus amigos também transformem sua atitude e aproveitem o momento para isso. O jovem, então, usa o termo “contra”, associado aos “governantes” para definir uma motivação dos protestos, porém não a única, o que pode indicar a sua própria posição de revolta contra os políticos atualmente no poder em nosso país. Ao indicar que a luta também é “contra você”, o Manifestante N volta a falar diretamente com aquelas pessoas que ele julga se encaixarem nas descrições apresentadas, destacando com o repetido uso da palavra “contra” que ele não concorda com as atitudes que irá citar e, ao afirmar que todo o “protesto” “é também contra” tais posturas, ele inclui, na sua fala, todos os manifestantes em suas reivindicações. Importante destacar que todas as posições que ele menciona, de “homofóbico que é contra o casamento *gay*”, de “machista que acha que uma mulher não tem o direito de interromper uma gravidez” e de “religioso intolerante que apoia projetos como a Cura *Gay*, que suporta políticos racistas”, estão relacionadas a assuntos políticos que têm recebido destaque em debates, todos associados a aprovação de projetos de leis. A expressão “mar de gente”, enfim, passa a ideia de que as manifestações estavam cheias de pessoas que lutavam por mudanças, enquanto o termo “óbvio” é usado quase como uma crítica às pessoas que pensam diferente dele.

Ao propor que seus amigos e conhecidos aproveitem o contexto dos protestos para modificar suas próprias ações pessoais, citando exemplos de pessoas que, segundo suas palavras, se encaixam nos critérios que cita, o Manifestante N se afirma contra as ações de homofobia e a proibição do casamento gay, machismo e a proibição do aborto e adesão a religiões intolerantes que apoiam a Cura Gay. Ao declarar que as marchas são, também,

contra essas pessoas, o jovem os coloca em posições de vilões, com atitudes a se combater e, por se posicionar contrário a essas posturas, representa a si mesmo como alguém melhor do que os tipos de indivíduos citados, o que se comprova pelo questionamento ao fim da publicação sobre a incapacidade dessas perceber aquilo que ele considera “óbvio”, portanto muito fácil de entender, de que todos são iguais. Dessa forma, o Manifestante N transmite a imagem de alguém que defende a igualdade de todas as pessoas e a tolerância para que cada um possa agir como desejar, além de se representar como alguém em posição de superioridade em relação àquelas pessoas que critica, tendo, portanto, competência para repreendê-los por sua conduta.

Imagem 44: Comentários sobre a publicação do Manifestante N – 18 de junho de 2013



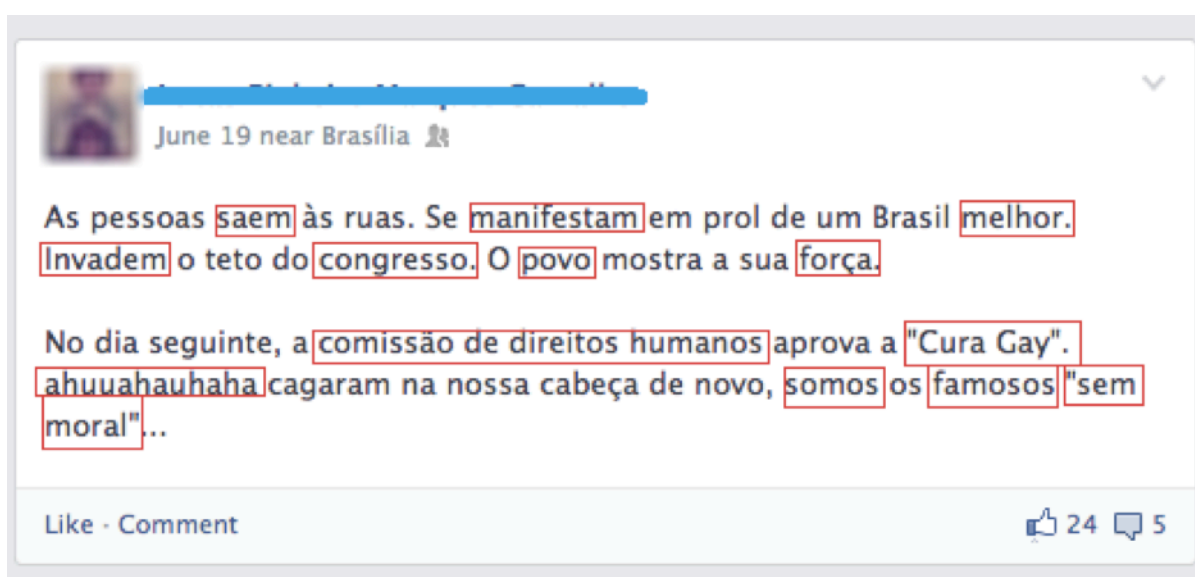
Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Algumas das pautas indicadas pelo Manifestante N não estavam presentes entre as reivindicações mais marcantes nos protestos, mas fazem parte do cenário de discussões políticas e uma delas, a questão da “Cura Gay”, foi bastante abordada no período das marchas. Observa-se que o autor da publicação aproveitou o contexto de ânsia por melhorias que o país vivia para expor suas próprias posições e tornar pública suas convicções acerca de assuntos que, em parte, estavam entre as discussões principais. Sua declaração, portanto, pode ser vista quase como um desabafo e uma condenação, que, a julgar pelas 36 opções “curtir”, foi bastante apreciada por seus conhecidos da rede.

Os dois amigos que comentaram sua publicação no Facebook expuseram suas opiniões de forma a concordar com o Manifestante N. O autor do primeiro comentário explicita sua simpatia ao que foi dito pela uso do verbo “concordo” e aproveita para complementar os argumentos defendidos pelo manifestante com o compartilhamento de um *link* cujo título é justamente “a passeata é contra você, sabia?”, o que corresponde àquilo que é defendido pela

postagem do jovem. Já o segundo amigo, tece seu comentário de forma a fazer uma referência a um linguajar do mundo publicitário com a palavra “saldão” que sugere uma grande ação, uma promoção ou a adesão de muitas pessoas, associada ao termo “mudança”, reforçando a ideia de que aquele é o momento de uma mobilização por mudanças conjuntas. Assim, os dois comentaristas reforçam a aprovação que o Manifestante N recebeu, somadas ao número de 56 opções “curtir” verificadas, indicando que a vigilância do olhar da alteridade, no momento, se deu de forma a confirmar sua fala e reafirmá-la, sem observação de pontos de vistas contrários.

Imagem 45: Manifestante O – 19 de junho de 2013



Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

A publicação do Manifestante O tem uma abordagem mais cômica que as demais observadas até este ponto do trabalho, e se refere a todo o esforço do brasileiro em se manifestar por melhorias no país, apontando que todo esse empenho da população é em vão. O motivo de tal afirmação é a crença do manifestante de que os políticos não escutam o povo e a prova disso foi a aprovação da Cura Gay. O Manifestante O se formou no início de 2013 pela Universidade Federal do Goiás, mas reside em Brasília desde 2011, e tem entre 21 e 24 anos.

A forma como o manifestante constrói seu texto apresenta uma quebra entre o primeiro e o segundo parágrafos. No primeiro, ele cita as ações dos manifestantes pontuando pequenas sentenças que se apresentam em sequência, sugerindo dramaticidade às ações. Já no segundo parágrafo, sugere-se um ar de comicidade e ironia, quebrando a dramaticidade heroica

insinuada na primeira parte do texto com uma conclusão supostamente frustrante para os manifestantes, o que prova que eles não são ouvidos, na opinião do autor da postagem.

Os verbos “saem”, “manifestam”, “invadem” e “mostra” demonstram as ações da população durante os protestos, destacados como esforço do povo por mudanças nos cenários políticos e sociais. A expressão “Brasil melhor” indica a principal motivação do povo em participar do movimento, enquanto o “teto do Congresso” representa um ato marcante dos manifestantes no dia 17 de junho em Brasília e a palavra “força” demonstra uma característica que a população apresentou nas marchas, segundo o julgamento do Manifestante O. No parágrafo seguinte, a referência à “Cura Gay” mostra novamente a relevância desse projeto de lei, cujo período de tramitação no Congresso Nacional coincidiu com o auge dos protestos de 2013. A risada, expressa como “ahuuahahaha” é o primeiro indício de que o tom de drama do primeiro parágrafo havida sido quebrado, dando lugar à descontração, que se comprova pelo uso de expressões coloquiais, como “sem moral”, que indica a falta de consideração que a opinião do povo tem perante os representantes políticos. O adjetivo “famosos” antes dessa expressão demonstra que a situação mencionada já aconteceu antes e que, na sua opinião, é dessa forma, “sem moral”, que o povo é visto.

O Manifestante O usou o Facebook para expressar sua indignação em relação à falta de atenção dos políticos às reivindicações da população. Ele expôs sua opinião de maneira cômica, rindo ele próprio da situação e insinuando uma crítica irônica às atitudes dos representantes. Sua busca por visibilidade, portanto, se deu a partir da construção de uma subjetividade engajada, mas descontraída e bem-humorada, forma como se apresentou naquele momento e como foi visto por sua rede de contatos. Ao citar momentos característicos dos protestos de 2013, enaltecendo as ações dos manifestantes, que são representados de maneira heroica o jovem expressa admiração e valorização em relação às marchas e seus participantes. Ao se incluir entre aqueles que protestam com o uso do verbo na primeira pessoa do plural “somos”, o jovem transmite a imagem de alguém disposto a lutar por um Brasil melhor. A fala do segundo parágrafo da publicação, ao sugerir falta de consideração demonstrada por parte dos representantes políticos em relação aos manifestantes, quando aprovaram a Cura Gay, insinua que o jovem era contra o projeto de lei e se sente desvalorizado e impotente contra as ações do governo.

Imagem 46: Comentários sobre a publicação do Manifestante O – 19 de junho de 2013

Fonte: Página do usuário no Facebook – Disponível em: www.facebook.com.

Apesar de não terem sido encontrados comentários que compartilhassem a valorização designada pelo Manifestante O aos protestos e seus participantes, os dois comentários destacados expressam a mesma sensação de indignação e sentimento de injustiça, principalmente no que diz respeito à Cura Gay. A primeira comentarista faz uma crítica ao sistema de saúde do Brasil, ironizando o projeto de lei quanto a algo que, segundo ela, não tem cura, demonstrando ser contra a Cura Gay da mesma forma que o Manifestante O. A conhecida do manifestante faz ainda uma referência ao tom humorístico encontrado na publicação do autor, ao afirmar que “se não fosse trágico seria cômico”, dando a entender que a situação é preocupante, mas ridícula ao mesmo tempo. Já a segunda conhecida a comentar a publicação demonstra simpatia em relação à revolta contra ao projeto de lei, criticando o deputado que o propôs.

Quanto à última opinião exposta pelo Manifestante O, portanto, os seus conhecidos demonstraram concordar com ele e sentirem-se da mesma maneira, assim como os 24 amigos que aprovaram o conteúdo publicado por meio das opções “curtir”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos desenvolvidos tiveram o objetivo principal de avaliar a maneira como se observou o estatuto da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais durante as marchas brasileiras de 2013, como apontado na introdução desta monografia. Dessa forma, visou-se investigar o seguinte problema de pesquisa: como se configuraram as questões da visibilidade e da vigilância acerca da produção de sentido dos manifestantes nas redes sociais, durante os protestos brasileiros de 2013?

O primeiro capítulo apresentou uma contextualização acerca da forma como se desenrolaram as marchas brasileiras de 2013, propondo uma retrospectiva cronológica das principais datas de protestos e dos acontecimentos mais marcantes que envolveram o assunto, durante o marcante mês de junho do mesmo ano. Ainda nesse capítulo, apresentaram-se alguns conceitos sobre o ativismo exercido de maneira virtual, chamado de ciberativismo, com objetivo de explicar como a internet tem se tornado importante ferramenta de manifestação e de expressão da inquietude social. No capítulo, explicou-se um pouco sobre a *web* como espaço de aproximação de pessoas, de exercício e desenvolvimento de relações sociais, de publicação e exteriorização de sentimentos de revolta e indignação e, fator dentre aqueles de maior importância para a compreensão desse trabalho, de organização e motivação de ações sociais. Nesse capítulo, também foram exemplificadas as formas de associação dos manifestantes de 2013 no Facebook, as organizações por meio da rede para as ações que tomariam as ruas. Iniciou-se, assim, a demonstração de como a internet foi utilizada como ferramenta de mobilização social.

As observações coletadas no primeiro capítulo de estudos levaram, principalmente, ao entendimento do processo que conduziu as manifestações de 2013 como um exemplo claro de exercício de ciberativismo, uma forma de manifestação e mobilização que se deu, em grande parte, por meio do ambiente virtual. Esse termo representa uma nova forma de resistência que não é deixada de lado quando as marchas se encerram; ele é contínuo, faz parte da vida de todos os manifestantes e todos aqueles que usam a internet para questionar algo e defender uma causa. Isso se verificou e se verifica até hoje quanto à temática dos protestos, com a utilização da rede para expressar assuntos a eles relacionados mesmo após o encerramento das marchas físicas.

É importante considerar, ainda, que, embora a prática do ciberativismo esteja, neste trabalho, aplicada a formas de protesto, principalmente àquelas observadas em 2013 no Brasil, ela não se restringe a essa única aplicação, mas pode ser utilizada de diversas outras formas, seja levantando fundos para ajudar pessoas carentes, seja disseminando conhecimentos acerca de determinada doença para esclarecimento social, seja mobilizando sua rede de amigos para doar sangue a um conhecido hospitalizado. O ciberativista mistura, muitas vezes, sua luta com sua própria vida e torna seu papel nas redes cada vez mais vital. O engajamento já se tornou um valor fundamental da internet e é intensificado a cada dia por pessoas que fazem do ambiente virtual uma parte acentuada de suas vidas.

A consideração acerca da relevância da presença da rede nas vidas dos seres humanos em sociedade, atualmente, foi estudada e observada no segundo capítulo desta monografia. A segunda parte apresentou referências de estudos de, destacadamente, Fernanda Bruno, Paula Sibília e Andrew Keen, sobre as questões relacionadas à exibição de informações pessoais na internet, as modificações enfrentadas pelo conceito de privacidade nas redes sociais, a visibilidade à qual os usuários das redes se expõem e almejam, e a atenção e vigilância do olhar do outro em relação a fatores divulgados sobre a vida alheia, bem como as respostas de apoio ou desaprovação por parte dos olhos do público. Tais estudos embasam sua aplicação à análise de publicações dos manifestantes de 2013, enquanto exerciam seu ciberativismo e compartilhavam informações sobre suas condutas políticas.

Os conhecimentos apresentados no segundo capítulo demonstraram como a atuação nas redes sociais e em portais de interação na internet têm modificado as perspectivas atuais sobre relações sociais e sobre a construção das próprias personalidades ou subjetividades adotadas. As principais conclusões alcançadas nessa etapa dos estudos indicam a forma como o ser humano tem vivido partes importantes de sua vida de forma a ser visto e apreciado, adotando condutas e atitudes que colaborem para a construção de imagens de si, com o objetivo de causar certas percepções nas outras pessoas. Essa ideia exemplifica a visibilidade dos indivíduos na internet, que se verificou na atuação dos manifestantes nas redes sociais nos momentos em que expunham informações sobre suas participações, posições e opiniões políticas e quanto a acontecimentos relacionados às marchas. Nessas situações, além de utilizarem as redes sociais para exercerem seu ativismo virtual e se posicionarem contra ou a favor daquilo que acreditavam, os manifestantes construíram suas subjetividades a partir

daquilo que defendiam ou aparentavam defender, levando em consideração a forma como seriam percebidos pelos olhares da alteridade.

Os interesses visíveis em relação àquilo que se publica sobre a vida alheia e a atenção dedicada a ela, bem como a disposição em conceder seu julgamento sobre o que é exibido, e a necessidade de quem publica em relação a essa reação, seja ela positiva ou negativa, representam a segunda importante conclusão obtida pelos estudos do segundo capítulo do desenvolvimento. Compreendeu-se que, se nas redes sociais age-se de forma a ser visto, buscando a visibilidade e a atenção do olhar alheio, é porque esse olhar de fato existe e é significativo, atuando com vigilância quase constante quanto ao que se publica sobre a intimidade das outras pessoas. Durante os protestos, essa vigilância foi constatada por meio das respostas oferecidas pelos amigos e conhecidos dos manifestantes quanto às publicações sobre o tema das manifestações, expressas em forma de comentários a favor ou contra o que era dito, ou em forma de opções “curtir” e compartilhamentos.

A última etapa do desenvolvimento da pesquisa, então, teve como objetivo explicitar e descrever como se apresentaram a busca pela visibilidade na produção de conteúdo nas redes sociais e a vigilância do olhar alheio sobre o que era exposto, durante as manifestações de 2013, por meio das análises de conteúdo e de discurso das publicações de quinze manifestantes selecionados. Foi demonstrada, assim, a maneira como eles comprovaram sua busca por visibilidade enquanto exerciam seu ciberativismo. Essas primeiras análises expuseram publicações que representavam diferentes posições e crenças políticas, procurando transmitir diversas imagens a respeito de cada manifestante estudado. Notou-se, entretanto, que, apesar da pluralidade de posições observadas, todos os jovens avaliados revelaram fatores sobre sua vida pessoal e política que, antes das modificações sofridas pela privacidade com o advento das redes sociais, seriam divulgadas apenas a seletos grupos de amigos. Além disso, observou-se que todos os textos analisados procuravam transmitir alguma imagem a respeito de seus autores e posicioná-los como determinados tipos de pessoas, expressando as subjetividades que procuravam adotar e os perfis que assumiram.

Já a vigilância do olhar do outro pôde ser verificada no segundo tipo de análise da terceira etapa do trabalho, quando foram avaliados os comentários recebidos pelos manifestantes em suas publicações, bem como o número de aprovações recebidas em forma de opções “curtir” e a quantidade de compartilhamentos do conteúdo. A observação confirmou que o olhar da alteridade encontra-se, de fato, vigilante e atento, já que, em todas

as publicações, foram verificadas reações expressas de alguma forma, sem que nenhuma mensagem tivesse passado despercebida ou sem avaliação de seu público. O único caso de publicação que não recebeu comentários foi validado pelas opções “curtir”, o que indica que todas as postagens foram avaliadas pela curiosidade do olhar público.

Os comentários recebidos nas publicações puderam ser divididos, basicamente, em duas categorias principais: aqueles que se posicionavam a favor, de forma a aprovar ou reforçar o que havia sido dito pelo manifestante, e aqueles que se posicionavam contra, invalidando e desaprovando a publicação com a exposição de um ponto de vista oposto. Importante considerar, ainda, que os comentaristas, ao revelarem suas opiniões sobre os materiais publicados, aproveitavam a oportunidade não só para validar ou não a produção de sentido engendrada pela autor das mensagens, mas, também, para expor artifícios à construção de suas próprias subjetividades, demonstrando sua própria atitude a partir da avaliação das condutas alheias.

Convém apontar, enfim, que as formas de estudos apresentadas nesta monografia consistem em apenas uma alternativa para a análise do fenômeno das manifestações. A pesquisa desenvolvida teve como objetivo investigar o tema e problema específicos apresentados neste trabalho, mas o contexto dos protestos apresenta diversas outras possibilidades de exploração, que podem originar novos questionamentos. Futuros pesquisadores, então, poderão realizar estudos de outra maneira e com outras interpretações, a respeito das marchas e da atuação dos manifestantes na internet. A aplicação de questionários e entrevistas perante os jovens participantes dos protestos, por exemplo, foi inicialmente pensada como alternativa às análises de conteúdo e discurso, e representa um caminho diferente que pode acarretar, talvez, em outras observações e conclusões.

Conclui-se, portanto, que o ciberativismo exercido nas manifestações de 2013 no Brasil estimulou a expressão de preferências e posições quanto aos protestos, e possibilitou que se verificasse, nas publicações dos manifestantes, as questões sobre visibilidade e vigilância dentro do contexto das marchas. Nota-se que essas questões, que parecem cada vez mais presentes no dia-a-dia da sociedade na rede, são visíveis em diversas situações cotidianas, mas, com um contexto estimulador comum a todos, podem levar a um verdadeiro ápice de compartilhamento de informações e opiniões sobre o assunto coletivo, impulsionando ainda mais a interação e a exibição de si mesmo em busca da aprovação da alteridade. Esse foi o caso verificado no contexto das marchas brasileiras de 2013.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. Alckmin critica manifestação contra aumento de tarifas em São Paulo. **Correio Braziliense**, Brasília, 12 jun. 2013. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2013/06/12/interna_brasil,371035/alckmin-critica-manifestacao-contra-aumento-de-tarifas-em-sao-paulo.shtml. Acesso em: 26 nov. 2013.
- ANTOUN, Henrique e MALINI, Fábio. **A internet e a rua**: Ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre(RS): Editora Sulina, 2013.
- BAUER, Martin W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 11ª ed. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.
- BARREIRA, Gabriel e SOUZA, Priscilla. Manifestantes e policiais entram em confronto após Papa deixar Palácio. Rio de Janeiro, 22 jul. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/manifestantes-e-policiais-entram-em-confronto-apos-papa-deixar-palacio.html>. Acesso em: 22 nov. 2013.
- BLOG BOO-BOX. Conheça a audiência dos blogs brasileiros. 2012. Disponível em: <http://blog.boobox.com.br/2012/conheca-a-audiencia-dos-blogs-brasileiros/>. Acesso em: 22 nov. 2013.
- BRUNO, Fernanda. **Quem está olhando?**: Variações do público e do privado em *weblogs*, *fatologs* e *reality shows*. *Contemporânea* – Revista de Comunicação e Cultura, vol. 3, n° 2, p. 53-70, jul./dez. 2005.
- BRUNO, Fernanda e PEDRO, Rosa. **Entre aparecer e ser**: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. *Intexto*, Porto Alegre (RS), v. 2, n°11, p. 1-16, jul./dez. 2004.
- CALAZANS, Fabíola. **Seja ótima, seja feliz**: Discurso, representação e subjetividade feminina no canal GNT. 2013. Tese de Doutorado, Brasília, 2013.
- COLON, Leandro. Haddad decide convidar manifestantes para discutir transporte na terça. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1295295-haddad-decide-convidar-manifestantes-para-discutir-transporte-na-terca.shtml>. Acesso em 26 nov. 2013.

DO RIO, Equipe. Ministério Público vai investigar excessos da Polícia Militar no Rio. Rio de Janeiro, 25 jun. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1300791-promotoria-investiga-excessos-da-pm-do-rio.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2013.

GAY, Peter. **La experiência burguesa, de Victoria a Freud**. México: FCE, 1992.

KEEN, Andrew. **Vertigem Digital**: Por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando. Rio de Janeiro (RJ): Editora Zahar, 2012.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia**. Bauru(SP): EDUSC, 2001.

MORENO, Ana Carolina. Manifestantes depredam estação de metrô, banca e shopping na Paulista. São Paulo, 6 jun. 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/manifestantes-depredam-estacao-de-metro-banca-e-shopping-na-paulista.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso**: Princípios e Procedimentos. 11ª ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2013.

PEARSON, Samantha. Brazil's protesters turn slogans into protest songs. **Financial Times**, 26 jun. 2013. Disponível em: <http://www.ft.com/intl/cms/s/2/455321e2-dd97-11e2-a756-00144feab7de.html#axzz219ytghoI>. Acesso em: 26 nov. 2013.

PORTAL G1. Resultados das Manifestações de Junho. 2013. **Portal G1**. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/linha-tempo-manifestacoes-2013/platb/>. Acesso em: 22 nov. 2013

PORTAL G1. Veja pesquisa completa do IBOPE sobre manifestantes. **Portal G1**. São Paulo, 24 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html>. Acesso em: 22 nov. 2013.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2ª ed. Porto Alegre(RS): Editora Sulina, 2011.

SANTIAGO, Tatiana. Alckmin cita 'rastros de destruição' e diz que abusos serão apurados. **Portal G1**, São Paulo, 14 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/alckmin-cita-rastro-de-destruicao-e-diz-que-abusos-serao-apurados.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SERASA EXPERIAN. Hitwise: Facebook e Youtube lideram ranking das top 10 redes sociais mais acessadas em julho no Brasil, de acordo com dados da Hitwise. 2013. Disponível em: http://www.serasaexperian.com.br/release/noticias/2013/noticia_01319.htm. Acesso em: 22 nov. 2013.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro(RJ): Editora Nova Fronteira, 2008.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana**: um estudo da antropologia social. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro (RJ): Editora Zahar, 2013.

_____. **Redes de Indignação e Esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro (RJ): Editora Zahar, 2013.

FRAGOSO, Suely. **Métodos de Pesquisa para internet**. Porto Alegre (RS): Editora Sulina, 2012.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro (RJ): Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural da Pós-Modernidade**. 10^{ed}. Rio de Janeiro (RJ): DP&A Editora, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa**: projetos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2001.

LEMOS, André. **Cibercultura**: Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6^a ed. Porto Alegre(RS): Editora Sulina, 2013.

ROSA, Gabriel Artur Marra e SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Facebook e as nossas identidades virtuais**: A negociação de identidades nas redes sociais, o medo de se expor e a subjetividade do homem contemporâneo. Brasília(DF): Editora Thesaurus, 2013.